

QUEDA DAS FOLHAS

F. RODRIGUES DA SILVEIRA

Assistente do I. B. V.

A inspecção continua de algumas plantas vem revelar-nos grande copia de dados, até certo ponto elucidadores de questões importantes no dominio da Biologia. Entre ellas, uma das mais interessantes é a da queda das folhas ligada a um rythmo constante cujos periodos são dignos de um estudo demorado. As folhas não têm normalmente a duração da planta. Em algumas especies, quiçá em alguns generos, se encontram folhas de vida extensissima como sóe acontecer nas Coníferas, motivo pelo qual são estas plantas denominadas *semper virentes*. Mas na grande maioria das plantas vivazes se observa o contrario. Chegando uma determinada epoca, as folhas cáem, ou integral ou parcialmente. Nas plantas em que se produz integralmente a queda da folha, se delineam dois casos, representando dois mecanismos diferentes. No primeiro forma-se um anel de tecido suberoso ao redor do peciolo e este anel o vae estrangulando, cada vez mais intensamente, até que por fim o secciona, recobrando-se a ferida pela proliferação habitual dos tecidos cicatriciaes. No segundo caso a folha cae e só depois se dá a proliferação do tecido suberoso capaz de formar a cicatriz. Em um caso a excitação determinadora da proliferação é de origem interna, no segundo é de origem externa. Em um, causas ainda desconhecidas; em outro, o ar atmosphérico.

Existem especies que deixam cahir parcialmente, dando-se a separação, quasi sempre, pelo meio do peciolo, ficando o resto

deste e, quando a folha é completa, também a bainha, adheridos ao caule ou ao ramo. Neste caso estão algumas Palmeiras e algumas Scitamineas, observando-se, ao longo do fuste, os restos das folhas em apodrecimento, ou albergando vegetaes saprophytas como bryophytas e liquenes. Nestas plantas encontram-se a correspondencia da morte e do apparecimento foliar, de modo que uma queda de folha coincide com o nascimento de outra, constituindo uma successão digna de ser mencionada.

A folha tem assim vida limitada e dependente de factores externos e internos. Isto principalmente porque, uma vez constituida, ella não cresce mais, nem se regenera. Cita-se, em excepção notavel a *Welwitschia mirabilis* Hooek que, á medida da destruição da parte terminal das folhas, vão estas crescendo pela região basilar.

Para algumas plantas se conhece a epoca precisa em que se dá a queda das folhas. Nas regiões frias, do hemispherio norte, apresentadoras de estações bem delimitadas, se observa a queda começando no verão, accentuando-se e terminando no outomno. Algumas, entretanto, só produzem a queda, no outomno, realizando-se em poucos dias, ás vezes mesmo em menos de uma semana. A extensão portanto varia, desde mezes até seis dias. Nas regiões quentes e humidas, as plantas são, na maioria, de folhas persistentes, havendo algumas, entretanto, que se furtam a esta regra, despidendo-se completamente em determinadas occasiões. E', indiscutivelmente, um phenomeno de defesa, partindo ora do meio interno, ora do externo. E' assim que, ou está elle ligado a um conjuncto de factores que estabelecem impulsos internos ligados ao desenvolvimento, ou então se prende ás manifestações meteoricas de intensidade grande. Pela acção de frio mais intenso ou de uma corrente aerea forte e demorada, ou ainda pela variação grande da saturação do vapor de agua athmospherico, a planta pode perder as folhas. E' possivel até a provocação do phenomeno, experimentalmente, mudando de logar certas plantas de pequeno porte, ou fazendo agir sobre outras um excitante forte, durante um certo tempo.

Certas plantas da região amazonica se mostram de modo caracteristico e especialissimo, constituindo as suas apresentações uma serie de modalidades de ligações entre a queda das folhas e o aparecimento das flores ou o aparecimento dos fructos. Umas se despem das folhas, durante a floração; outras durante fructificação; outras, mais raras, durante a floração e a fructificação. Existem, finalmente, aquellas que perdem as folhas annualmente, mesmo que não floresçam com a mesma periodicidade. O que está

fóra de duvida é que nos encontramos diante de um problema cujo rythmo se patenteia claramente, indicando por isto que é passível de analyse mathematica. A difficuldade está, exactamente, em estabelecer a determinante dessa onda que está ligada ás formações secundarias, é verdade, porem, que não depende exclusivamente dellas. Tanto isto é verdade que, em certas plantas, havendo, annualmente, formações secundarias, não são estas capazes de produzir a queda das folhas, acontecendo, entretanto, o phenomeno quando surge a floração.

Em alguns casos sobreveem durante a fructificação; em outros, durante a floração; ainda, finalmente, vêm os casos, mais raros, da queda produzir-se durante a floração e durante a fructificação, estendendo-se, portanto, por longo tempo. Assim o que se pode assegurar é que, não somente existe um rythmo geral, applicavel á grande maioria, mas tambem que existem rythmos especiaes, particulares, encontrados em grupos reduzidos, como a um determinado genero ou mesmo a uma determinada planta, apresentando-se esta como um caso insolito e digno de menção na Biologia. Muitas observações têm sido feitas e surgem diversos modos de apresentação do mesmo phenomeno, sendo possivel, todavia, separal-os em grupos bem distinctos.

Na Amazonia encontram-se especies nas quaes, caracteristicamente, se revela tal apresentação. Os Angelins, Leguminosas do genero *Hymenolobium*, perdem as folhas durante a floração e durante a fructificação. E' longo, portanto o periodo no qual se apresenta despido e, o que é mais interessante, todo este tempo coincide com as grandes chuvas. Anacardiaceas da mesma região aparecem sem folhas durante a floração, formando-se logo depois, a nova camada. As especies do genero *Cedrela* da bacia Amazonica florescem com folhas, perdendo-as entretanto, durante a época de fructificação. São plantas da mesma região e que apresentam modalidades diversas neste comportamento especial.

Nas regiões frias do hemispherio boreal se nota a queda outomnal das folhas, mudando algumas de coloração e apresentando-se, ou vermelhas como acontece com o morangueiro, com as videiras escuras, etc. ou ficando amarellas nas videiras brancas e no choupo. No Carvalho caem immediatamente, emquanto que em outras ficam até a primavera. Em todas as folhas que vão cahir, em virtude de um concurso de fatores internos, regido por um periodismo, se passam grandes mudanças nas materias nutritivas nellas existentes. Por vezes se produzem queimas intensas do amylo e de outros sacarideos; por vezes, metastase.

A biologia nos ensina que a apresentação de um sêr depende das circumstancias externas actuando sobre a massa interna que

é producto, por sua vez, de identicas variaveis trazidas pela herança. Ainda mais ella nos empresta o conhecimento da capacidade ethologica decorrente das curvas de sensibilidade de grande extensão que o protoplasma apresentar, permittindo a rapida adaptação. Entretanto, arvores trazidas para um meio no qual não existe o concurso de factores determinantes da queda das folhas, guardam esse character e, o que é mais digno de menção, as sementes por ellas fornecidas produzem plantas que continuam a perder as folhas na época em que o fariam, caso estivessem no habitat. Os phenomenos rythmados impressionam demasiadamente os seres e as descendencias, delles surgidas, apparecem com as mesmas qualidades, mesmo que externamente nada exista capaz de deflagrar o phenomeno. O aparecimento deste converte em manifestação disparatada e o ser se torna bastante notado entre os demais. Que não é somente a congregação dos factores sazonaes que produz a queda, existe o caso do evonimo do Japão com o qual se pode observar, especialmente, um phenomeno notavel porque as folhas duram 2 annos havendo, entretanto, queda annual seguida de nova formação de folhas. Isto faz com que, em qualquer momento, se encontrem continuamente folhas de duas gerações permittindo estados comparativos bem interessantes. E' assim que se sabe ser a respiração mais intensa quando as folhas estão em botão.

Mais ainda o caso das seringueiras, citado por J. Huber, no tomo III do Boletim do Museu Paraense, no estudo sobre "Arvores de Borracha" mostra que a *Hevea brasiliensis* Muell. Arg., no baixo Amazonas, perde as folhas nos mezes de maio e junho, isto é, no fim da época das chuvas. Este facto, citado tambem por Ule, indica que as novas folhas começam em junho-julho, inicio da estação secca, e, assim, a retirada de borracha, no 2º semestre, se faz com a arvore coberta de folhas novas.

Ainda J. Huber, no vol. V do Boletim do Museu Goeldi, descrevendo "As especies amazonicas do genero *Vitex*" diz que algumas especies perdem as folhas em certas épocas do anno, por exemplo o *Vitex orinocensis* H. B. K. var. *Amazonica* Hub. que perde as folhas em novembro-dezembro produzindo nova folhagem e, somente depois, as flores. Já o *Vitex cymosa* Bert. e o *Vitex flavens* H. B. K. apresentam as flores entre a queda e a nova produção de folhas. Algumas especies de *Vitex*, vulgarmente conhecidas pelo nome de *Taruman*, estão representadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, podendo ser apreciadas nestas particularidades.

J. Huber, grande botanico e grande biologo, não deixou nunca de estudar as questões referentes ao comportamento dos seres

em face dos factores externos. E' notavel o trabalho "Beitrag zur Kenntniss der periodischen Wachstumserscheinungen bei Hevea brasiliensis Mull. — Arg.", publicado no n. 47 do Botanisches Centralblatt, em 1898, no qual elle salienta diversos phenomenos de periodicidade, como sejam o da foliação, o da floração, o do crescimento dos ramos e chega até mesmo a verificar typos diversos de aparecimento de folhas novas, como aconteceu com um exemplar observado entre 10-6-1896 e 6-6-1897 que produziu 5 camadas de folhas novas durante aquelle espaço de tempo. Outros exemplares collocados juntos a este, deram apenas uma camada, como é o normal.

Repetindo o que dissemos anteriormente, existem forças externas actuando sobre certas especies que reagem na producção do trabalho de autotomia, mas aparecem os casos em que o phenomeno é todo de origem interna, talvez pudessemos empregar a expressão de *origem constitucional*. Tanto isto é verdade que é possivel evitar a autonomia de origem externa, collocando os vegetaes em logares onde se possa graduar o aquecimento ou o resfriamento, emquanto que o de origem constitucional não pode ser impedido ou contornado. O trabalho de J. Huber, ao nosso vêr, é o mais elucidativo neste particular porque vem mostrar claramente que o phenomeno depende, na grande maioria de casos, de factores, internos. Os externos actuam, acentuando, não sendo, entretanto, propriamente os causadores. A queda das folhas é um phenomeno sazonal, como é tambem dependente das ondas de crescimento. A relação de interdependencia é obscura e não é possivel no momento, apresentar-se a explicação cabal do problema.

Cumprе notar que, em algumas plantas, as folhas caem, desprendendo-se indifferenteemente de qualquer ponto; em outras, entretanto, é possivel observar-se a successão da queda, no geral de baixo para cima, isto é, da parte proximal para a parte distal do ramo.

As alterações histologicas não são apenas as de regeneração e de cicatrização anteriormente citadas. Certas especies apresentam, concomitantemente á quèda das folhas ou logo em seguida, producções das cellulas parenchymatosas annexas aos vasos lenhosos, denominadas *thylas*. Essas producções chegam a obliterar a luz dos vasos, impedindo desta arte o transito da seiva. E' imprescindivel cotejar a relação existente entre as modificações de fôrma e estrutura com a physiologia da planta, pois modificações profundas se passam nos materiaes existentes nas folhas. Os hydratos de carbono são queimados com maior intensidade nas cellulas dos

orgãos que vão separar-se, ou então são transportados para os ramos, depois da volta ao estado de monosacarídeos. Certas substâncias, como o oxalato de cálcio, permanecem nas regiões que vão isolar-se da planta, o mesmo acontecendo com os sais de potássio e com as proteínas, pois de tais compostos a análise química revela a mesma percentagem nas folhas em plena actividade ou nas que tombaram. Já não acontece o mesmo aos compostos de phosphoro que emigram. Para todo esse mecanismo existem certamente excitantes internos, provenientes de grupos de células, agindo sobre outros grupos e, como é evidente, capazes de produzir alterações profundas. São como hormônios actuando de modo flagrantemente no equilíbrio vital da planta, de modo que a queda normal das folhas não traz nenhuma perturbação, o mesmo não acontecendo com a queda extemporânea, motivada por factores insolitos. Na normalidade, a metástase do material nutritivo, exclue qualquer possibilidade de prejuizo. Seriam varios os exemplos de plantas que perdem as folhas em determinada região, conservando-as, entretanto, si forem transplantadas para outros lugares, como a Cerejeira e Pereira em Ceylão, o Plátano na Grécia, o Castanheiro no Sul da Itália, o Carvalho no Sul da Europa. Outras perdem as folhas mesmo em condições mesológicas que lhes permitiriam a vida continuada. Entre estas se encontram o Pão ferro, alguns *Ficus*, algumas *Anacardiaceas*, algumas *Sterculiaceas*, *Cassias*, *Terminalia* e *Spondias* e muitas mais.

Como exemplo característico de planta que apresenta a successão de folhas, flores e fructos, citaremos a *Chorisia crispiflora* H. R. K., existente no Jardim Botânico e representada por um exemplar do qual damos tres photographias entremeiadas neste artigo, evidenciando tres estados typicos e convincentes de algumas das proposições emitidas no decorrer da apreciação que fizemos deste assumpto.



Tres phases da vida da *Chorisia crispiflora* H. B. & R., no Jardim Botânico (H. Delforge photos.)

FUNGOS ENTOMOGENOS DOS CITRUS

RUBENS BENATAR

Sub-ajudante do S. F. P. V. em
estagio no I. B. V.

As constantes consultas recebidas pela Secção de Phytopathologia do I. B. V. acerca de fungos entomogenos, e o grande numero de material enviado para exame, por varios citricultores, destes mesmos fungos, nos levaram a escrever ligeiras notas acerca destes parasitas, pois que muito pouco se tem publicado a respeito num exprimir accessivel á grande maioria dos lavradores a quem não occorre estudo especializado de biologia.

Fungo parasitando insecto é um facto bem conhecido e estudado, todavia ultimamente tratado com maior interesse, no momento em que todas as atenções se voltam para o combate biologico, como dos mais economicos e efficazes.

Felizmente, excepcionando a regra, encontramos dentre as doenças de nossos pomares, generos de fungos amigos do agricultor e capazes de combater com exito insectos que depreciam ou inutilizam as colheitas. Principalmente no Brasil e em outras regiões de clima tropical ou semi-tropical, determinados fungos podem ser usados em opposição ao ataque de insectos, por encontrar um meio ambiente com os dois factores indispensaveis ao seu bom desenvolvimento: calor e humidade.

Apresentam-se estes fungos parasitas como pequenas pustulas e outras variadas formas de crescimento, na superficie das folhas, galhos e fructos, enganando deste modo os lavradores que pensam estar em presença de inimigos de suas plantações. Dahi o combate enganoso que se lhes dão, protegendo indirectamente os insectos que se reproduzem e disseminam livres daquelles incommodos perseguidores.

A grande maioria de fungos entomogenos já está estudada e descripta, mas, num trabalho de divulgação como o presente não será demais alguma referencia a respeito, mesmo porque é muito

esparsa e de difficil manuseio a bibliographia deste assumpto, publicada em differentes linguas e em livros de acquisição difficil para aquelles a quem não interessa um estudo mais detalhado e especializado do assumpto.

A citricultura é, sem duvida, uma industria florescente em nosso paiz, que já se começa a impôr como sério concorrente na producção e exportação de laranjas. E' justamente por apresentar um clima propicio e algumas vezes por negligencia do lavrador que as nossas culturas são muito atacadas por pragas e doenças, ameaçando a qualidade e a quantidade da producção, affectando assim o preço a alcançar nos mercados, pois todos nós sabemos que o importador paga proporcionalmente ao beneficiamento do producto.

Assim, nos Citrus do Brasil, dentre os mais communs fungos entomogenos, podemos citar os seguintes, pertencentes aos generos *Aschersonia*, *Podonectria*, *Sphaerostilbe*, *Septobasidium*, *Myriangium*, etc.:

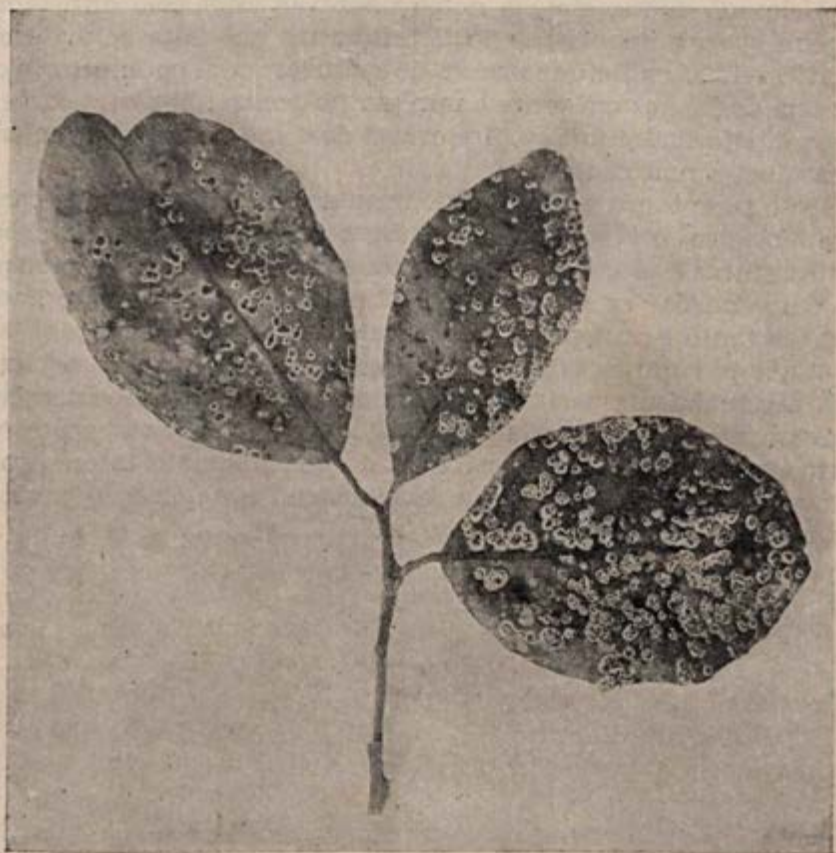
O *Aschersonia aleyrodis* Webber (vide photo) é muito commum nas folhas de laranjeiras, parasitando aleurodideos. Apresenta-se com aspecto de pequena pustula avermelhada franjada de branco, ora isoladamente, ora em grandes conglomerados com aspecto macroscopico branco predominante, pintado de vermelho. E' o fungo circunscrevendo o insecto e consequentemente aniquilando-o. No laboratorio da secção de Phytopathologia do I. B. V. conseguimos cultivar e reproduzir culturas puras de *Aschersonia* em meio de agar-batata-saccharose, para posteriores applicações praticas. Seria tambem interessante ao lavrador, poupar de pulverizações os pés mais carregados deste fungo, afim de observar a sua disseminação. Outras especies de *Aschersonia*, taes como o *A. goldiana* Sacc. et Ellis, de aspecto amarello-pallido, atacando especialmente os *Dialeurodes citrifolia* e o *A. turbinata* Berk, formando pustulas roseas e atacando os Ceroplastes, coccideos cuja femea acha-se protegida por um camada de secreção ceracea de côr creme ou branco suja.

O *Sphaerostilbe aurantiicola* B. et Br. Petch é um outro fungo entomogeno que ataca grande numero de insectos. Sua forma perfeita (peritecio), é pequena e sub-globosa, avermelhada. Sua forma imperfeita é clavada com mais ou menos o mesmo colorido. Outras especies podemos ainda acrescentar como o *S. flammea* Tul., e *S. coccidophthora* (Zimm.) Petch, que Fawcett indica como communs em Australia e Java, respectivamente.

O *Podonectria coccicola* (E. et E.) Petch, é tambem um fungo importante em quasi todos os paizes productores de Citrus, formando pustulas de centro esbranquiçado e base marron, de forma sub-conical.

Ainda citaremos o *Myriangium duriae* Mont., fungo negro com pustulas de apparencia carbonacea.

Por ultimo cito o *Septobasidium* que na maioria das plantações citricas apparece em grande quantidade envolvendo galhos ou pequenos ramos, folhas e algumas vezes o fructo, especialmente a região peduncular, com aspecto feltroso, de onde o nome vulgar de feltro ou camurça. Apresenta superficie compacta ou esponjosa e se bem que pareça eminentemente entomogeno, causa quando muito generalizado, algum prejuizo ás plantas, por cobrir grandes superficies do vegetal. Aqui no Brasil este fungo é conhecido por *S. albidum*, segundo classificação feita pelo mycologo francez Prof. Patouillard, todavia, duvidas a respeito levaram o Assistente-chefe do I. B. V. Dr. H. Grillo a remetter este material ao especialista americano Prof. John N. Couch da "Univer-



Aschersonia aleyrodis — fungo entomogeno parasitando insectos em folha de laranjeira. (Photo H. Grillo)

sity of North Carolina" para elucidar definitivamente a taxionomia desta especie.

Como vimos de observar pela ligeira descripção acima, é relativamente grande o numero de fungos entomogenos que diminue o ataque dos insectos, tambem responsaveis nos damnos de nossas plantações citricas.

O modo, todavia, com que devemos regularizar o seu apparecimento e disseminação, é difficil e merece um estudo acurado, pois, uma série de outros factores de duvidoso controle, conspira quasi sempre contra seu bom desenvolvimento. Dentre elles podemos citar o clima, que, quando excessivamente humido e frio prejudica o desenvolvimento dos coccideos.

Depois, a acção dos fungos entomogenos é regulada com a maior ou menor infestação dos insectos. Por exemplo, se no primeiro anno elles desenvolvem bem, por encontrar uma quantidade elevada de insectos, já no segundo vão viver com difficuldade para quasi desaparecer no terceiro anno por falta de material parasitavel. E' então o momento de recrudescerem os insectos, por estarem os fungos em grande minoria no pomar. E assim successivamente forma-se um cyclo provavel de 4 a 5 annos, em que ora predominam uns, ora outros.

Não pode tambem ser repetidamente usado este meio de combate biologico, pois, os pomares sempre precisam de pulverizações contra outras doenças communs, taes como a melanose e verrugose, pulverizações estas que não distinguindo uns de outros, vão destruir tanto os fungos prejudiciaes como os entomogenos.

Cabe ahi um estudo mais delicado a respeito, onde se alternem racionalmente os fungos entomogenos com as pulverizações, exactamente como procedem nos EE. UU. onde dois processos possuem vigorosos defensores. E' mais um assumpto interessante e de valor que desafia o estudo, experiencia e applicação pratica dos nossos phytopathologistas.

O Brasil possui a maior flora e, por isto, espera que todos concorram para o desenvolvimento do Jardim Botanico.

INDEX ORCHIDACEARUM

in Brasilia inter MDCCCCVI et MDCCCCXXXII
explorata sunt.

DUCTU ET CONSILIO P. CAMPOS PORTO
CONFECIT A. C. BRADE

INTRODUÇÃO

Embora tenham as orchidaceas merecido o ultimo fasciculo da Flora Brasiliensis, concluido em abril de 1906, o constante progresso da sciencia botanica tem continuado a proporcionar o aparecimento de muitas novidades a respeito desta interessante familia.

Nada menos de 31 generos novos e 555 especies novas foram publicadas durante os ultimos 26 annos.

Além destas descobertas foi, em consequencia do progresso da taxonomia dos generos, necessario mudar a nomenclatura de muitas especies. Pela obra importante de R. Schlechter: "Versuch einer systematischen Neuordnung der Spiranthinae" recebeu este difficil grupo um esclarecimento que ha muito se havia tornado necessario. Apesar de haver Schlechter, modestamente, chamado o seu trabalho um "ensaio", futuros taxonomistas acharão pouco para modificar, excepto poucos casos, em que o material presente não tinha sido sufficiente para uma conclusão definitiva.

Muitas outras contribuições, a maioria tambem de Schlechter, encontramos publicadas nesta epoca, tratando da taxonomia das orchidaceas.

Por outro lado colleccionaram com grande diligencia, em quasi todas as partes do Brasil, botanicos como A. Loeffgren, P. Campos Porto, C. A. M. Lindman, F. C. Hoehne, P. Dusén, A. Ducke,

G. Kuhlmann e muitos outros, que tiveram notavel auxilio de varios amadores.

Infelizmente estes trabalhos e as communicações das especies novas, têm, em grande parte, sido publicadas em revistas, que, fóra das bibliothecas dos grandes institutos, só raras vezes podem-se consultar. Com o intuito de proporcionar elementos que facilitem futuros estudos das orchidaceas brasileiras, o director do Instituto de Biologia Vegetal Dr. Campos Porto suggeriu-nos a idéa de organizar um resumo de todas as especies publicadas depois da Flora Brasiliensis.

Accedemos com prazer a esta suggestão que deu origem ao presente trabalho.

Não nos foi possivel ver toda literatura, pois encontramos referencias á publicação de algumas especies em revistas difficilmente accessiveis. Apesar disto temos a esperanza de que a presente synopse seja bastante util para as pesquisas futuras nesta familia vegetal.

Grandes areas de nosso paiz esperam ainda a exploração scientifica. No caso das orchidaceas pode-se verificar que a maioria das especies foram observadas nos Estados de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro inclusive o Districto Federal; seguem-se os Estados do Sul: Paraná, Sta. Catharina e Rio Grande do Sul, onde a flora é em geral mais pobre em especies. Deve ser, contudo, ainda bastante insufficiente o nosso conhecimento da flora orchidacea dos Estados de Matto Grosso, Bahia, Pará e Amazonas. Os Estados do Nordeste são provavelmente pobres em orchidaceas por causa do clima secco, mas a exploração dos Estados de Espirito Santo, Goyaz, certas regiões de Pernambuco e dos Estados vizinhos deve revelar ainda grandes surpresas a esse respeito.

A falta que ha no Brasil de botanicos que se occupem de estudos systematicos, explica-se facilmente pelas difficuldades deste assumpto, que depende da literatura accessivel e completa. Para animar e facilitar o estudo destas formosas plantas, tencionamos publicar subseqüentemente trabalhos complementares, que tornem facil pelo menos a determinação dos generos.

GENERA ORCHIDACEARUM BRASILIENSIS

(Seg. R. Schlechter. "System der Orchideen" Notizbl. Bot. Garten
Berlin — Dahlem. N.º 88. Bd. IX p. 563. 1926)

Subfamilia DIANDRAE.
Tribus CYPRIPELOIDEAE.
Subtribus CYPRIPELIEAE.

- 1 — *Selenipedilum* Rchb. f. 2 — *Phragmopedilum* Rolfe.

Subfamilia MONANDRAE.
Divisio BASITONAE.
Tribus OPHRYDOIDEAE.
Subtribus HABENARIEAE

- 3 — *Habenaria* Willd.

Divisio ACROTONAE.
Tribus POLYCHONDREAE.
Subtribus CHLORAEAE.

- 4 — *Chloraea* Ldl. 5 — *Bipinnula* Juss.

Subtribus VANILLEAE.

- 6 — *Pogoniopsis*. Rchb. f. 10 — *Cleisthes* Rich.
7 — *Triphora* Nutt. 11 — *Vanilla* Sw.
8 — *Psilochilus* B. Rodr. 12 — *Epistephium* H. B. K.
9 — *Xerorchis* Schltr.

Subtribus SOBRALIEAE.

- 13 — *Elleanthus* Prsl. 14 — *Sobralia* Ruiz & Pav.

Subtribus GRANICHIDEAE.

- 15 — *Wulfschlaegelia* Rchb. f. 18 — *Craniches* Sw.
16 — *Stenoptera* Prsl. 19 — *Baskervillea* Ldl.
17 — *Prescottia* Ldl. 20 — *Ponthieva* R. Br.

Subtribus SPIRANTHEAE.

- 21 — *Hapalorchis* Schltr. 28 — *Eurystyles* Wawra.
22 — *Mesadenus* Schltr. 29 — *Cladobium* Schltr.
23 — *Brachystele* Schltr. 30 — *Stenorhynchus* L. C. Rich.
24 — *Sauroglossum* Ldl. 31 — *Lyroglossa* Schltr.
25 — *Cyclopogon* Prsl. 32 — *Pteroglossa* Schltr.
26 — *Pelexia* Poit. 33 — *Centrogenium* Schltr.
27 — *Sarcoglottis* Prsl.

Subtribus PHYSUREAE.

- 34 — *Physurus* L. C. Rich.

Subtribus TROPIDIEAE.

- 35 — *Corymbis* Thon. (= *Chloidia*) 36 — *Neobartlettia* Schltr.

Tribus KEROSPHAEREAE.

Series a. Acranthae.

Subtribus PLEUROTHALLIDEAE.

- | | |
|--|-------------------------------------|
| 37 — <i>Stelis</i> Sw. | 43 — <i>Masdevallia</i> Ruiz & Pav. |
| 38 — <i>Pseudostelis</i> Schltr. | 44 — <i>Lepanthes</i> Sw. |
| 39 — <i>Lepanthopsis</i> . | 45 — <i>Pleurothallis</i> R. Br. |
| 40 — <i>Physosiphon</i> Ldl. | 46 — <i>Barbosella</i> Schltr. |
| 41 — <i>Phloeophila</i> Hoehne & Schltr. | 47 — <i>Yolanda</i> Hoehne. |
| 42 — <i>Cryptophoranthus</i> B. Rodr. | 48 — <i>Octomeria</i> R. Br. |

Subtribus LIPARIDEAE.

- 49 — *Microstylis* L. C. Rich. 50 — *Liparis* L. C. Rich.

Subtribus LAELIEAE.

- | | |
|--|-------------------------------------|
| 51 — <i>Amblostoma</i> Scheidw. | 62 — <i>Cattleya</i> Ldl. |
| 52 — <i>Herisea</i> Ldl. | 63 — <i>Laelia</i> Ldl. |
| 53 — <i>Reichenbachanthus</i> B. Rodr. | 64 — <i>Schomburgkia</i> Ldl. |
| 54 — <i>Lanium</i> Ldl. | 65 — <i>Brassavola</i> R. Br. |
| 55 — <i>Hormidium</i> Ldl. | 66 — <i>Neolauchea</i> Kraenzl. |
| 56 — <i>Epidendrum</i> L. | 67 — <i>Isabelia</i> B. Rodr. |
| 57 — <i>Dimerandra</i> Schltr. | 68 — <i>Sophronitis</i> Ldl. |
| 58 — <i>Nidema</i> Britt & Millsp. | 69 — <i>Sophronitella</i> Schltr. |
| 59 — <i>Diacrium</i> Benth. | 70 — <i>Leptotes</i> Ldl. |
| 60 — <i>Pinelia</i> Ldl. | 71 — <i>Löefgrenianthus</i> Hoehne. |
| 61 — <i>Encyclia</i> Hook. | (<i>Paranaea</i> Dusen. nom. n.) |

Subtribus PONEREAE.

- | | |
|--|---------------------------------|
| 72 — <i>Tetragamestus</i> Rchb. f. | 76 — <i>Orleanesia</i> B. Rodr. |
| 73 — <i>Scaphyglottis</i> Poepp. & Endl. | 77 — <i>Huebneria</i> Schltr. |
| 74 — <i>Leaoa</i> . Porto & Schltr. | 78 — <i>Isochilus</i> R. Br. |
| 75 — <i>Ponera</i> Ldl. | 79 — <i>Hexadesmia</i> Brongn. |

Subtribus POLYSTACHYAE.

- 80 — *Cyanaeorchis* B. Rodr. 82 — *Galeandra* Ldl.
81 — *Polystachya* Juss.

Series b. PLEURANTHAE.

Subseries a. Sympodiales.

Subtribus Phajaeae.

- 83 — *Bletia* R. Br.

Subtribus BULBOPHYLLEAE.

- 84 — *Bulbophyllum* Thon.

Subtribus EULOPHIDEAE.

- 85 — *Eulophidium* Pfitz.

Subtribus CYRTOPODIEAE.

- | | |
|--------------------------------|--------------------------|
| 86 — <i>Eulophia</i> R. Br. | 88 — <i>Warrea</i> Ldl. |
| 87 — <i>Cyrtopodium</i> R. Br. | 89 — <i>Govenia</i> Ldl. |

Subtribus GROBYEAE.

- 90 — *Grobya* Ldl.

Subtribus CATASETEAE.

- | | |
|-----------------------------------|----------------------------|
| 91 — <i>Mormodes</i> Ldl. | 93 — <i>Cycnoches</i> Ldl. |
| 92 — <i>Catasetum</i> L. C. Rich. | |

Subtribus GONGOREAE.

- | | |
|----------------------------------|----------------------------------|
| 94 — <i>Eriopsis</i> Ldl. | 99 — <i>Polycynis</i> Rehb. f. |
| 95 — <i>Lycomormium</i> Rehb. f. | 100 — <i>Stanhopea</i> Frost. |
| 96 — <i>Peristeria</i> Hook. | 101 — <i>Gongora</i> Ruiz & Pav. |
| 97 — <i>Houlletia</i> Brong. | 102 — <i>Coryanthes</i> Hook. |
| 98 — <i>Paphinia</i> Ldl. | 103 — <i>Cirrhaea</i> Ldl. |

Subtribus LYCASTEAE.

- | | |
|----------------------------------|------------------------------|
| 104 — <i>Xylobium</i> Ldl. | 106 — <i>Bifrenaria</i> Ldl. |
| 105 — <i>Lindleyella</i> Schltr. | 107 — <i>Lycaste</i> Ldl. |

Subtribus ZYGOPETALEAE.

- | | |
|--------------------------------------|---------------------------------|
| 108 — <i>Aganisia</i> Ldl. | 114 — <i>Colax</i> Ldl. |
| 109 — <i>Otostylis</i> Schltr. | 115 — <i>Zygopetalum</i> Hook. |
| 110 — <i>Koellensteinia</i> Rehb. f. | 116 — <i>Menadenium</i> Rafin. |
| 111 — <i>Acacallis</i> Ldl. | 117 — <i>Galeottia</i> A. Rich. |
| 112 — <i>Paradisianthus</i> Rehb. f. | 118 — <i>Batemanina</i> Ldl. |
| 113 — <i>Neogardneria</i> Schltr. | 119 — <i>Promenaea</i> Ldl. |

Subtribus HUNTLEYAE.

- | | |
|--------------------------------------|------------------------------|
| 120 — <i>Warszewiczella</i> Rehb. f. | 121 — <i>Huntleya</i> Batem. |
|--------------------------------------|------------------------------|

Subtribus MAXILLARIEAE.

- | | |
|-------------------------------------|----------------------------------|
| 122 — <i>Scuticaria</i> Ldl. | 125 — <i>Ornithidium</i> Salisb. |
| 123 — <i>Maxillaria</i> Ruiz & Pav. | 126 — <i>Trigonidium</i> Ldl. |
| 124 — <i>Camaridium</i> Ldl. | |

Subtribus TRICHOCENTREAE.

- 127 — *Trichocentrum* Ldl. 128 — *Centroglossa* B. Rodr.

Subtribus COMPARETTIEAE.

- 129 — *Diadenium* Poepp. & Endl. 132 — *Rodriguezia* Ruiz & Pav.
130 — *Plectrophora* Focke. 133 — *Comparettia* Ruiz & Pav.
131 — *Jonopsis* H. B. K.

Subtribus CAPANEMIEAE.

- 134 — *Trizeuxis* Ldl. 136 — *Quekettia* Ldl.
135 — *Capanemia* B. Rodr. 137 — *Rodriguezopsis* Schltr.

Subtribus TRICHOPILIEAE.

- 138 — *Leucohyle* Kl. 139 — *Trichopilila* Ldl.

Subtribus COCHLIODEAE.

- 140 — *Binotia* Rolfe.

Subtribus ONCIDIEAE.

- 141 — *Gomeza* R. Br. 146 — *Miltonia* Ldl.
142 — *Theodorea* B. Rodr. 147 — *Oncidium* Sw.
143 — *Mesospinidium* Rehb. f. 148 — *Leochilus* Knowl. & Westc.
144 — *Aspasia* Ldl. 149 — *Sigmatostalix* Rehb. f.
145 — *Brassia* Ldl.

Subtribus LOCKHARTIEAE.

- 150 — *Lockhartia* Hook.

Subtribus ORNITHOCEPHALEAE.

- 151 — *Phymatidium* Ldl. 154 — *Dipteranthus* B. Rodr.
152 — *Platyrrhiza* B. Rodr. 155 — *Ornithocephalus* Hook.
153 — *Chytroglossa* Rehb. f. 156 — *Zygostates* Ldl.

Subtribus SAUNDERSIEAE.

- 157 — *Saundersia* Rehb. f.

Subtribus NOTYLIEAE.

- 158 — *Notylea* Ldl. 160 — *Warmingia* Rehb. f.
159 — *Cryptarrhena* Ldl.

Subtribus MACRADENIEAE.

161 — *Macradenia* R. Br.

Subseries b. MONOPODIALES.
Subtribus DICHAEAE.

162 — *Dichaea* Ldl.

Subtribus SARCANTHEAE.

163 — *Campylocentrum* Benth.

Lista das especies novas de Orchidaceas do Brasil, publicadas nos annos 1906–1932

- ACACALLIS COERULEA (Rchb. f.) Schltr. n. comb. (1918) *Orchis* (anno 12) (Nº 1-2): 9. syn. *Aganisia coerulea* Rchb. f. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 522 Brasil (Amazonia).
- A. CYANEA Ldl. Cogn. Fl. v. 3 (5): 524. Schltr. (1918) *Orchis* (Nº 1-22: 7. syn. *Aganisia cyanea* Rchb. f. *Aganisia coerules* Rchb. f. Will. *Orchid. Alb.* v. 8 tab. 374. — *Aganisia tricolor* N. E. Br. in Lind. I (1885) tab. 45 — *Kochiophyton negrense* Schltr. — Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6) (1906): 574 tab. 119 — Amazonas.
- A. HOEHNEI Schltr. nov. nom. (1918). — *Orchis* (anno 12) (Nº 1-2): 8 — syn. *Kochiophyton coeruleus* Hoehne. Com. Lin. Tel. Estr. — Matto Grosso An. 5 I (1910): 49 tab. 39 — Matto Grosso.
- A. OLIVERIANA (Rchb.) Schltr. nov. comb. (1918) *Orchis* (anno 12) (Nº 1-2): 9. syn. *Aganisia Oliveriana* Rchb. f. *Xenia* tab. 223 Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (5): 521. — Brasil. (loc. ?)
- ? *Acineta Moorei* Rolfe (1911) Bot. Mag. tab. 8392 — America austr. ?
- Acraea Widgreni* Rchb. f. = *Brachystele Widgreni* Schltr.
- AGANISIA BRACHYPODA Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 126. — Amazonas.
- A. *coerulea* Rchb. f. = *Acacallis coerulea* (Rchb. f.) Schltr.
- A. *lepida* Lind. & Rchb. f. = *Otostylis lepida* (Lind & Rchb. f.) Schltr.
- A. *Oliveriana* Rchb. f. = *Acacallis Oliveriana* (Rchb. f.) Schltr.
- A. PULCHELLA Ldl. — Pará. (nova para Brasil.) Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 43 (2): 81.
- AMBLOSTOMA DUSENII — Kränzl. Kgl. Svensk. Vet. Handl. — v. 46 (Nº 10): 54 — Paraná.
- BARBOSELLA AUSTRALIS (Cogn.) Schltr. n. comb. (1918) Fedde Repert (a. 15): 260. syn. *Restrepia australis* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 564. tab. 98 fig. 3 — Arch. Bot. S. Paulo I (3): 229 tab. 16 fig. 1 São Paulo — Rio Grande do Sul.
- B. CRASSIFOLIA (Edwall) Schltr. n. comb. (1918) Fedde Rep. (anno 15): 261 syn. *Restrepia crassifolia* Edwall. ? tab. 3^a. — Cogn. Fl. Bras. v.

3 (6): 563. — Revista Mus. Paul. 10 (1919): 439 estampa 2. — São Paulo.

BARBOSELLA DUSENII (Sampaio) Schltr. nov. comb. (1918) Fedde Rep. (anno 15): 261 syn. *Restrepia Dusenii* Sampaio Arch. Mus. Nac. Rio. v. 15 (1909 (5) c. tab. — Paraná.

B. GARDNERI (Ldl.) Schltr. n. comb. (1918) Fedde Repert. (anno 15): 261 syn. *Restrepia Gardneri* Benth, Cogn. in Fl. Bras. v. (4): tab. 121 fig. 4.

B. LÖFGRENII (Cogn.) Schltr. n. com. (1918) Fedde Repert. (anno 15): 262 syn. *Restrepia Löfgrenii* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 565.

B. MICROPHYLLA (B. Rodr.) Schltr. n. comb. (1918) Fedde Repert (anno 15): 262 syn. *Restrepia microphylla* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 597 tab. 122 fig. 3.

B. MIERSII (Ldl.) Schltr. n. comb. (1918) Fedde Repert. (anno 15): 262 syn. *Restrepia Miersii* (Ldl.) Rehb. f. in Wawra. Bot. Ergeb. Reise Maxim. Bras. 150 tab. 104 fig. 5. — Arch. Bot. S. Paulo I (3): 230 tab. 16 fig. 2. — Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 598.

B. PORCHII (Kränzl.) Schltr. n. comb. (1918) Fedde Repert. (anno 15): 263 syn. *Restrepia Porschii* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46 (Nº 10): 51.

BASKERVILLEA PARANAENSIS (Kränzl.) Schltr. (1920) Schlechter. Fedde Repert. (anno 16): 320. syn. *Ponthieva paranaensis* Kränzl. Kg. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46 (1911) (Nº 10): 43 tab. 8 fig. 3 — Hoehne Album Orchid. estampa 13. — Paraná. S. Paulo. Rio.

BIFRENARIA aurantiaca Ldl. = *Lindleyella aurantiaca* (Ldl.) Schltr.

B. bicornaria Rehb. f. Fl. Bras. v. 3. (5): 480 = *Lindleyella bicornaria* (Rehb.) Schltr.

B. FUERSTENBERGIANA Schltr. (1906) "Orchis" I: 25. — Brasil.

B. LINDMANIANA Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov. 25 Arkiv for Botanik — v. 16 (Nº 8) — Brasil austral.

B. TETRAGONA (Ldl.) Schltr. nov. comb. Schlechter Die Orchid. 2 ed. 409 syn. *Lycaste tetragona* Ldl. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 460.

BINOTIA BRASILIENSIS Rolfe (1905) Rolfe Orch. Rev. (anno 13): 296 syn. *Cochlioda brasiliensis* Rolfe Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 581. — Brasil.

BIPINNULA CTENOPETALA Schltr. (1925) Fedde Repertorium — v. 25 Orch. Rio Grande do Sul: 24. — Rio Grande do Sul.

BLETIA PURPUREA (Lam.) DC. nova pa. Brasil (distrib. Florida, Amer. Central, Antilhas, Venezuela, Surinam) Notizbl. d. Bot. Gart. v. 10: 380 — Amazonas.

BRACHYTELE ATRAMENTARIA (Kränzl.) Schltr. Syst. Neuord. d. Spir. p. 372. syn. *Spiranthes atramentaria* Kränzl. Sv. Vet. Ak. Handl. v. 46 (Nº 10): 35 tab. 6 fig. 9. — Paraná.

B. BRACTEOSA (Ldl.) Schltr. Syst. Neuord. d. Spir. p. 372. syn. *Spiranthes bracteosa* Ldl. Bot. Reg. tab. 1934. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 205. — Rio Grande do Sul.

B. CAMPORUM (Ldl.) Schltr. Schlechter in Beih. Bot. Centralbl. 37 (2): 372 syn. *Spiranthes camporum* Ldl. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 209. — Rio Grande do Sul. Uruguay. nova pa. Brasil.

- BRACHYTELE CYCLOCHILA (Kränzl.) Schltr. Syst. Neuord. d. Spir.: 373. syn. *Spiranthes cyclochila* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46 (Nº 10): 36 tab. 6 fig. 10. — Paraná.
- B. SPIRANTHOIDES Schltr. (1928) Mansfeld in Fedde Repert. (anno 24): 243. — São Paulo.
- B. SUBFILIFORMIS (Cogn.) Schltr. Syst. Neuord. d. Spir.: 374. syn. *Spiranthes subfiliformis* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 544. tab. 109 fig. 3. — Rio de Janeiro.
- B. ULAEI (Cogn.) Schltr. Syst. Neuord. d. Spir.: 374. syn. *Spiranthes Ulaei* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 207. tab. 47 f. 1. — Hoehne Album Orchid.: 87. — Rio Grande do Sul. Santa Catharina. S. Paulo.
- B. WIDGRENII (Rechb. f.) Schltr. Schlechter Arch. Bot. S. Paulo I. (3): 188 tab. 1 fig. 4. syn. *Pterichis Widgrenii* (Rechb. f.) Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 246. — Acraea Widgrenii. — Rio. São Paulo.
- BRASSAVOLA MULTIFLORA Schltr. (1919) "Orchis" (Nº 3, 4, 5): 48. syn. B. Martiana Cogn. non Ldl. Fl. Bras. v. 3 (5) tab. 61 fig. 2 — "Nord-Brasilien" Amazonas.
- BRASSIA ANGUSTILABIA Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 143 — Amazonas.
- B. HUEBNERI Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 144. — Amazonas.
- B. IGUAPOANA Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 145. — Amazonas.
- B. lanceana Ldl. var. MINOR. Schltr. n. var. Schlechter. Beih. (3) Bot. Centralbl. v. 42 (2): 146. — Amazonas.
- BULBOPHYLLUM DUSENII Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. Bd. 46 (Nº 10): 69. Hoehne Album Orchid: 119. — Paraná.
- B. JAGUARIAHYVAE Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov.: 21. Ark. f. Bot. B. 16 (Nº 8). — Paraná.
- B. LUEDERWALDII Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 257 tab. 20 fig. 2. — S. Paulo.
- B. MACROSTACHYUM Kränzl. (1908) Fedde Repert. nov. sp. v. 6: 65. — Brasil.
- B. monosepalum B. Rodr. = Bulb. Napelli Ldl. seg. Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46 (Nº 10): 68.
- B. NAPELLOIDES Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. Bd. 46 (Nº 10): 67 tab. 10 fig. 5. — Rio Grande do Sul (= ? Bulbophyllum Regnellii Rechb. f.).
- B. PARANAENSE Schltr. (1919) Notizbl. d. Bot. Gart. Berlin v. 7: 326. — Paraná.
- Var. pauloense Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 259 tab. 21. — São Paulo.
- B. PERII Schltr. (1922) Notizbl. Bot. Gart. Berlin. v. 8: 123. — Paraná.
- CAMARIDIUM AMAZONICUM Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 135. — Amazonas.
- C. CYRTOPODANTHUM B. Rodr. (1907) Contrib. Jard. Bot. Rio Jan. v. 4: 101. — Amazonas.
- C. VANDIFORME Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 137. — Amazonas.
- CAMPYLOCENTRUM AROMATICUM B. Rodr. (1907) Contr. Jard. Bot. R. Jan. v. 4: 103. — Brasil.

- CAMPYLOCENTRUM CHLORORRHIZUM Porsch. Ergeb. d. Exp. d. Akad. d. W. I: 161. tab. 17-18 — São Paulo.
- c. DUTRAEI Schltr. (1925) Fedde Repertorium v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 108. — Rio Grande do Sul.
- c. HATSCHBACHII Schltr. Fedde Rep. v. 23: 70. — Paraná.
- c. HUEBNERI Mansf. Notizbl. d. Bot. Gart. Berlin. Dahlem v. 10: 382. — Amazonas.
- c. LINEARIFOLIUM Schltr. (1928) Mansfeld in Fedde Repert. v. 24: 246. — São Paulo.
- c. PAULOENSE Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 297 tab. 26 fig. 1. — São Paulo.
- c. PUBIRRHACHIS Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 67. Tab. 14 fig. 1. — São Paulo.
- c. RHOMBOGLOSSUM Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 297. tab. 26 fig. 2. — São Paulo.
- c. TRACHYCARPUM Kränzl. Kgl. Svensk. Vet. Handl. v. 46 (Nº 10): 87. — Paraná.
- c. ZEHNTNERI Schltr. (1925) Fedde Repertorium v. 21: 342. — Bahia.
- CAPANEMIA ANGUSTILABIA Schltr. Fedde Rep. v. 23: 60. Schltr. Anal. t. 56 (Nº 222). — Paraná.
- c. AUSTRALIS (Kränzl.) Schltr. Schlechter. Fedde Repert. Beih. v. 35: 92 syn. Quekettia australis Kränzl. Fedde Repert. v. 2: 57. — Rio Grande do Sul.
- c. CARINATA B. Rodr. (1882) Gen. & Spec. Orch. nov. v. 2: 243. syn. Quekettia carinata (B. Rodr.) Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 199. seg. Schlechter "Die Orchideen" 2 ed.: 453.
- c. DUSENIANA (Kränzl.) syn. Quekettia Duseniana Kränzl. Arch. f. Bot. 16 (Nº 8): 24. — Paraná.
- c. HATSCHBACHII Schltr. Fedde Rep. v. 23: 60. — Paraná.
- c. JUERGENSEIANA (Kränzl.) Schltr. syn. Rodriguezia Juergensiana Kränzl. seg. Schlechter. Fedde Repert. v. 15: 148. — Rio Grande do Sul.
- c. MICROMERA B. Rodr. (1877) Gen. & Spec. Orch. nov. I: 138. syn. Quekettia micromera Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 198. seg. Schlechter "Die Orchideen" 2 edit.: 453.
- c. PARANAENSIS Schltr. (1919) Notizbl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin. v. 7: 328. — Paraná.
- c. PERPUSILLA Schlechter (1914) "Orchis" v. 8: 135. — Brasil.
- c. THERESIAE B. Rodr. (1882) Gen. & Spec. Orch. Nov. 2, 244. syn. Quekettia Theresiae (B. Rodr.) Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 200 seg. Schlechter "Die Orchideen" 2 ed.: 453, syn. Quekettia longirostellata Samp. seg. Schlechter Arch. Bot. S. Paulo I (3): 279.
- c. ULIGINOSA B. Rodr. (1882) Gen. & Spec. Orch. Nov. 2: 137. Syn. Rodriguezia uliginosa Cogn. Hoehne Album Orchid. est. 39. — Rio Grande do Sul.
- CATASETUM APPENDICULATUM Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 115. — Amazonas.
- c. ARACHNOIDEUM Ames. (1898) Ames in Am. Garden, v. 19: 741 — Amazonas & Orinoco. Ind. Kewensis Suppl. 5: 49.
- C. Atratum Ldl. var. mentosum (Lemaire) Mansf. n. comb. Notizbl. Bot. Gart. Berlin — Dahlem v. 10: 477.

- CATASETUM BOYI Mansf. (1930) Fedde Repert. v. 28: 94. — Amazonas.
- C. BRACHYBULBON Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 116. — Amazonas.
- C. CIRRHAEODES Hoehne. Lin. Tel. Estr. Ann. 5 (pt. 5): 52 tab. 98. — Matto Grosso.
- C. COLOSSUS Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 118. — Amazonas.
- C. GEORGII Mansf. n. nom. = Syn. Cat. Hübneri Mans. non Schltr. Notb. Bot. Gart. Berlin — Dahlem v. 10: 478. — Amazonas.
- C. HOEHNEI Mansfeld. Fedde Repert. v. 28: 96 syn. C. tigrinum Hoehne.
- C. HUEBNERI Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 42: 119. — Amazonas.
- C. Hübneri Mans. = Catasetum Georgii Mansf. Notizbl. d. Bot. Gart. Berlin — Dahlem. v. 10: 380.
- C. INCONSTANS Hoehne Lin. Tel. Estr. Ann. 5 (pt. 5): 57 tab. 102 — Matto Grosso.
- C. JAPURENSE Mansf. Fedde Repert. v. 28: 95 — Amazonas.
- C. JURUENSIS Hoehne. Lin. Tel. Estr. Ann. 5 (pt. 5): 55 tab. 100. — Matto Grosso.
- C. LINGUIFERUM Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 42: 120. — Amazonas.
- C. MICRANTHUM Kräenzl. Fedde Repert. v. 27: 26. — Brasil.
- C. MOCURANUM Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 42: 121. — Amazonas.
- C. NEGRENSE Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 42: 122. — Amazonas.
- C. ORNITHORRHYNCHUS Porsch. Ergeb. d. Exped. d. Akad. d. W. I: 127, tab. 14 fig. 6-8. — São Paulo.
- C. PALLIDIFLORUM Schltr. (1920) Fedde Repert. Beih. v. 7: 258. syn. Catasetum pallidum Cogn. (non Kl.) Index Kewensis. Suppl. 6: 39.
- C. pallidum Cogn. (non Kl.) Fl. Bras. v. 3 (5): 446 = Catasetum pallidiflorum Schltr.
- C. POLYDACTYLON Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 122. — Amazonas.
- C. REICHENBACHIANUM Mansf. Fedde Rep. v. 28: 95. — Amazonas.
- C. ROLFEANUM Mansf. Notizb. d. Bot. Gart. Berlin — Dahlem v. 10: 476 mit. fig. — Amazonas.
- C. ROOSEVELTIANUM Hoehne. Lin. Telegr. Ann. 5 (pt. 9): 35 estampas 172 e 173. — Matto Grosso.
- C. STENOCHILUM Kraenzl. Fedde Rep. v. 26: 255. — Brasil.
- C. tigrinum Hoehne Lind. Telegr. Estr. Ann. 5 (pt. 5): 53. tab. 99 = C. Hoehnei Mans.
- C. trulla Ldl. var. VINACEUM Hoehne Exp. scient. Roosev. — Rondon. Ann. 2: 38. — Matto Grosso.
- CATTLEYA AQUINII B. Rodr. (1894) = C. intermedia Grah. var. Aquinii Rolfe. Plant. Nov. Cult. J. B. I 23. tab. 4 fig. c. B. Rodrigues: 23. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 224. — Rolfe Gard. Chron. ser. 3 v. 27: 83 fig. 25.
- C. guttata, Ldl. var. COMPACTA. Hoehne & Schltr. nov. var. Arch. Bot. S Paulo V. 1 (3): 251.
- C. ITATIAYAE Campos Porto (1918) Arch. Jard. Bot. Rio Janeiro v. 2: 66 estampa 27 — Itatiaya.
- C. SANCHEZIANA Hoehne ? X Cattl. bicolor X Loddigesii. Arch. Bot. de Est. de S. Paulo vol. I (4): 583. — São Paulo.

- CATTLEYA violacea* (H. B. K.) Rehb. f. var. *HUEBNERI* Schltr. Schlechter, Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 108. — Amazonas.
- CENTROGENIUM COGNIAUXIANUM* Schltr. syn. *Pelexia longicorme* Cogn. var. *minor* Cogn. Flor. Bras. v. 3 (6): 533. Schlechter syst. Neuord. d. *Spiranthinae*: 452.
- C. LONGICORNU* (Cogn.) Schltr. syst. Neuord. d. *Spiranthinae*: 453. syn. *Pelexia longicornu* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 533. tab. 109 fig. 1.
- C. MACROPHYLLUM* (Rehb. f.) Schltr. n. comb. syst. Neuord. d. *Spiranthinae*: 453. syn. *Pelexia roseoalba* Rehb. f. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 156. — Warming. Fl. Bras. centr. v. 30: 857. tab. 9 fig. 8.
- C. SETACEUM* (Ldl.) Schltr. syst. Neuord. d. *Spiranthinae*: 453. syn. *Pelexia setacea* Ldl. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 155. icon. Bot. Mag. tab. 3403. — Bot. Reg. tab. 760.
- C. TRILOBUM* (Ldl.) Schltr. n. comb. Syst. Neuord. d. *Spiranthinae*: 454. Syn. *Pelexia triloba* Ldl. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 155 icon. Rehb. f. in Saund. Ref. Bot. v. 2. tab. 97.
- Chaenantho Barkeri* Lindl. Cogn. Fl. Bras. v. 6 (6): 187 = *Diadenium Barkeri* Benth & Hk.
- CHLOIDIA DECUMBENS* Ldl. (1840) Gen. & Spec.: 484. Schlechter Fedde Repert. Beih. 35: 44 syn. *Corymbis decumbens* (Ldl.) Cogn. Cogniaux in Fl. Bras. v. 3 (4): 276 tab. 67.
- CHLORAEA ARECHAVALETAE* Kraenzl. seg. Kraenzlin Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46 (Nº 10): 16. — Est. Paraná Curytiba. Nova para a flora do Brasil.
- C. MEMBRANACEA* Ldl. Kränzlin Kg. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46 (Nº 10): 16 — Paraná, Rio Grande do Sul. Nova para a flora do Brasil.
- CIRRHAEA dependens* Rehb. f.
var. *CONCOLOR* Porsch. Ergeb. d. Exp. d. Akad. d. W. I: 130. tab. 14 fig. 4.
var. *TIGRINA* Porsch. l. c.: 130 tab. fig. 17.
- CLADOBIUM CERACIFOLIUM* (B. Rodr.) Schltr. n. comb. Schlechter. Syst. Neuord. d. Spir.: 432. syn. *Stenorhynchus ceracifolius* B. Rodr. Cogniaux Fl. Bras. v. 3 (4): 166 tab. 36 fig. 1. — Arch. Bot. S. Paulo I (3) tab. 4 fig. 1.
- C. EPIPHYTUM* (B. Rodr.) Schltr. nov. comb. Schlechter. l. c.: 432. Syn. *Stenorhynchus epiphytus* B. Rodr. Cogniaux Fl. Bras. v. 3 (4): 167. tab. 36. fig. 2. — Arch. Bot. S. Paulo I (3) tab. 4 fig. 3.
- C. GNOMUS* (Kränzlin) Schltr. Schlechter. l. c.: 493. syn. *Stenorhynchus gnomus* Kränzlin. Kgl. Sv. Vet. Handl. vol. 46. (Nº 10): 21 tab. 6 fig. 1.
- C. LONGICOLLE* (Cogn.) Schltr. Schlechter. l. c.: 433. syn. *Stenorhynchus longicollis* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 535.
- C. MAJUS* Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. Vol. I (3): 190 (4) fig. 4. — Estado do Rio.
- C. OLIGANTHUM* Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 191 tab. 4 fig. 2. — São Paulo.
- C. PILOSUM* (Cogn.) Schltr. Schlechter. l. c.: 433. syn. *Stenorhynchus pilosus* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 536.

- CLADOBIUM SPANNAGELIANUM Hoehne & Brade. Hoehne Contrib. p. o
Conh. d. Fl. Orch. Bras. Archivos do Inst. Biolog. S. Paulo v.
3: 291. Estampa 37 fig. 1. — Estado do Rio.
- CLEISTES APHYLLA (B. Rodr.) Hoehne. Arch. Bot. S. Paulo I v. 3: 180.
syn. Pogonia aphylla B. Rodr. Cogniaux in Fl. Bras. v. 3 (4):
131 tab. 22 fig. 4.
- C. AUSTRALIS Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul:
26. — Rio Grande do Sul.
- C. BELLA Rchb. f. & Warm. Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I. 179. syn. Po-
gonia bella Rchb. f. & Warm. Fl. Bras. Centr. v. 30: 859 tab. 9
fig. 7. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 115.
- C. BRASILIENSIS (B. Rodr.) (Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179. syn.
Pogonia brasiliensis B. Rodr. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 116
tab. 23 fig. 1.
- C. CALANTHA Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 180 syn. Pogonia calantha
Schltr. (1920) Fedde Repert.: 317. Schltr. Anal. t. 8 (Nº 31). —
Rio de Janeiro.
- C. CALOPTERA Rchb. f. & Warm. Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179.
Warmig. Symb. Fl. Bras. Centr. v. 30: 860 tab. 9 fig. 3 syn. Po-
gonia caloptera Rchb. f. & Warm. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 126.
- C. EXILIS Hoehne Lin. Telegr. Estr. Ann. v. 5 (pt. 9): 26. tab. 167 fig. 1.
— Matto Grosso.
- C. FRAGRANS Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 180 syn. Pogonia fragrans
Mem. Inst. Butant. v. 1 (4): 18 tab. 2 fig. 3. — São Paulo.
- C. GRACILIS (B. Rodr.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179. syn. Pogo-
nia gracilis B. Rodr. Rev. de Engen. v. 3: 74. cum icon 1881. —
Pogonia Rodriguesii Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 121 tab. 25 fig. 2.
- C. GRANDIFLORA (Aubl.) Schltr. Limodorum grandiflorum Aubl. Pl. Guian.
v. 2: 818 tab. 321. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179 syn. Pogonia
grandiflora Rchb. f. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 118.
- C. HUMIDICOLA Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 180. syn. Pogonia humi-
dicola Schltr. (1920) Fedde Rep.: 317 Schltr. Anal. t. 9 (Nº 33). —
Paraná.
- C. IONOGLOSSA Schltr. & Hoehne. Arch. Bot. S. Paulo v. I (3): 181 tab. 2.
Schltr. Anal. tab. 9 (Nº 34). — São Paulo.
- C. LATIPETALA (B. Rodr.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179 syn. Pogo-
nia latipetala B. Rodr. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 120 tab. 23
fig. 3.
- C. LEPIDA (Rchb. f.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179 syn. Pogonia
lepida Rchb. f. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 123.
- C. LIBONII (Rchb. f.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179 syn. Pogonia
Libonii Rchb. f. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 117.
- C. LILIASTRUM Rchb. f. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179 syn. Pogonia
lillastrum Rchb. f. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 124.
- C. MACRANTHA (B. Rodr.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179. syn. Po-
gonia macrantha B. Rodr. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 119
tab. 24 fig. 2.
- C. MAGNIFICA Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 180 syn. Pogonia magni-
fica Schltr. (1920) Fedde Rep.: 316. Schltr. Anal. tab. 9 (Nº 35).
— Paraná.

- CLEISTES MANTIQUEIRAE Rchb. f. & Warm. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179
Symb. Fl. Bras. Centr. v. 30: 859. syn. Pogonia mantiqueirae
Rchb. f. & Warm. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 123.
- C. METALLINA (B. Rodr.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179. Pogonia
metallina B. Rodr. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 125 tab. 26 fig. 1.
- C. MIERSII Gardn. in Hooker Ic. Plant. v. 5 tab. 473. Arch. Bot. S. Paulo
I (3): 180 syn. Pogonia Miersii Rchb. f. Cogn. in Fl. Bras. v. 3
(4): 128.
- C. MONANTHA (B. Rodr.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179 syn. Po-
gonia monantha B. Rodr. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 127 tab.
26 fig. 2.
- C. MONTANA Gardn. Hooker Ic. Plant. V. 5 tab. 473-474 Schltr. Arch. Bot
S. Paulo I (3): 179 syn. Pogonia montana Rchb. f. Cogn. in Fl.
Bras. v. 3 (4): 117.
- C. PALUDOSA Rchb. f. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 180. syn. Pogonia palu-
dosa Rchb. f. Fl. Bras. v. 3 (4): 130 — Guianas. — ?? Brasil.
- C. PARANAENSIS (B. Rodr.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 180 syn.
Pogonia paranaensis B. Rodr. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 130
tab. 22 fig. 3. syn. Pogonia Bradeana Kränzl. Ark. f. Bot. vol. 14
(N.º 10): 4.
var major Schltr. (1920) Fedde Repert.: 318.
- C. PARVIFLORA Ldl. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 170. syn. Pogonia parviflora
Rchb. f. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 126.
- C. PAULENSIS Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 180. syn. Pogonia paulensis
Schltr. Mem. Inst. But. v. 1. (4): 17. tab. 2 fig. 2. — S. Paulo.
- C. PLURIFLORA (B. Rodr.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179. syn. Po-
gonia pluriflora B. Rodr. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 116 tab. 22
fig. 1.
- C. QUADRICALLOSA (B. Rodr.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179. syn.
Pogonia quadricalliosa B. Rodr. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 121.
tab. 22 fig. 2.
- C. REVOLUTA (B. Rodr.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179. syn. Po-
gonia revoluta B. Rodr. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 118 tab.
24 fig. 1.
- C. RODEIENSIS (B. Rodr.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179. syn.
Pogonia rodelensis B. Rodr. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 120 tab.
23 fig. 2.
- C. ROSEA Ldl. Gen. & Spec. Orchid. 410. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 180.
syn. Pogonia rosea Rchb. f. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 128. —
Guianas. Columbia. Perú. ? Brasil.
- C. SILVEIRANA Hoehne & Schltr. An. Mem. Inst. But. v. 1 (4) 922: 183.
tab. 3. Schltr. Anal. tab. 8 (N.º 32). — São Paulo.
- C. SPECIOSA Gardn. (1842) in Hooker Ic. Plant. v. 5 tab. 473 e 474. Arch.
Bot. S. Paulo I (3): 180. syn. Pogonia speciosa Rchb. f. Cogn.
in Fl. Bras. v. 3 (4): 127.
- C. TENUIS (Rchb. f.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 180. syn. Pogonia
tenuis Rchb. f. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 130.
- C. UNGUICULATA (Rchb. f.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179. syn.
Pogonia unguiculata Rchb. f. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 122.

- CYCLOPOGON HATSCHBACHII Schltr. Fedde Rep. v. 23: 34. — Paraná.
- C. ICMADOPHILA (Rodr.) Schltr. Schlechter 1. c.: 389. syn. *Spiranthes icmadophila* B. Rodr. *Stenorrhynchus icmadophilus* B. Rodr. Orch. Nov. 2. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 182. tab. 37 fig. 2. — Rio Grande do Sul.
- C. IGUAPENSIS Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 25. tab. 5. fig. 1. — São Paulo.
- C. LANGEI Schltr. (1920) Fedde Repert: 322. — Paraná.
- C. LONGIBRACTEATUS (B. Rodr.) Schltr. Schlechter 1. c.: 390. syn. *Spiranthes longibracteata* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 202 tab. 46 fig. 2. — Minas Geraes.
- C. MICRANTHUS B. Rodr. Orch. Nov. 1. Index: 3. Schlechter 1. c. 390. syn. *Spiranthes micrantha* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 197. tab. 42. fig. 2. syn. *Spiranthes itatiaiensis* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46 (N.º 10): 36 tab. 6 fig. 8. — Minas Geraes, Paraná.
- C. MULTIFLORUS Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 27. tab. 5. fig. 2. — São Paulo.
- C. OLIGANTHUS Hoehne & Schltr. (1919) Arch. Bot. S. Paulo I (3): 189. syn. *Spiranthes oligantha* Hoehne Rev. d. Mus. Paulista v. 10: 442 tab. 2, fig. 1. — São Paulo.
- C. PALUDOSUS (Cogn.) Schltr. Schlechter. 1. c.: 392. syn. *Spiranthes paludosa* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 202 (Itatiaia) — Rio de Janeiro.
- C. PAULENSIS Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 27. — S. Paulo.
- C. PLATYUNGUIS Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 31. — Rio Grande do Sul.
- C. ROTUNDIFOLIUS (Cogn.) Schltr. (1906) Schlechter 1. c. 394. syn. *Spiranthes rotundifolia* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 542. — Bahia.
- C. SAXICOLUS Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. V. 1 (4): 26. — São Paulo.
- C. *stictophyllus* Schltr. (1921) Fedde Rep. Beih. v. 9: 130 = *Cyclopogon variegatus* (Kränzl.) Schltr.
- C. SUBALPESTRIS Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. — Rio Grande do Sul: 32. — Rio Grande do Sul.
- C. TRIFASCIATUS Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35 Orch. — Rio Grande do Sul: 33. — Rio Grande do Sul.
- C. TRILINEATUS B. Rodr. (1881) Orch. Nov. v. 2: 284. Schlechter 1. c.: 395. syn. *Spiranthes Rodriguesii* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 204. tab. 46. — Minas Geraes.
- C. TRUNCATUS (Ldl.) Schltr. Schlechter. 1. c.: 395 syn. *Spiranthes truncata* Ldl. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 194. — Brasil.
- C. VARIEGATUS B. Rodr. (1881) Orch. Nov.: 282. Schlechter 1. c.: 395. syn. *Spiranthes variegata* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 193. tab. 39, fig. 2. — Brasil.
- C. VENUSTUS (B. Rodr.) Schlechter. 1. c. 396. syn. *Stenorrhynchus venustus* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 536. — Brasil.
- C. WARMINGII (Rchb.) Schltr. Schlechter 1. c. 396. syn. *Spiranthes warmingii* Rchb. f. Otia Bot. v. 2: 84. Warming. Symb. Fl. Bras. Centr. v. 30: 855. — Minas Geraes.

- CYANAEORCHIS MINOR Schltr. (1920) Fedde Repert.: 332. — Paraná.
- CYCLOPOGON ALEXANDRAE (Kränzl.) Schltr. Syst. Neuord. d. Spir.: 384.
syn. *Spiranthes Alexandrae* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl.
v. 46 (N.º 10): 32. — Paraná.
- C. ALPESTRIS B. Rodr. (1881) Orch. Nov. v. 2: 286. Schlechter 1. c.: 384
syn. *Spiranthes alpestris* B. Rodr. (1877) Cogn. Fl. Bras. v. 3
(4): 188 tab. 41 fig. 1. — Minas Geraes.
- C. APHYLLUS Schltr. (1920) Fedde Repert.: 321 Schltr. Anal. tab. 15
(N.º 57). — Paraná.
- C. APRICUS (Ldl.) Schltr. nov. comb. Syst. Neuord. d. Spir.: 384. syn.
Spiranthes aprica Ldl. (1840) Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 199. —
Rio Grande do Sul, Uruguay.
- C. ARGYRIFOLIUS B. Rodr. Orch. nov. I Index: III. Schlechter 1. c.: 385
syn. *Spiranthes argyrifolia* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 203.
tab. 45 fig. 1. — Minas Geraes.
- C. ATROVIRIDIS B. Rodr. (1881) Orch. Nov. v. 2: 284. Schltr. 1. c.: 385.
syn. *Spiranthes atroviridis* (B. Rodr.) Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4):
206. tab. 43. fig. 2. — Minas Geraes.
- C. BRADEI Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 24, tab. 4. fig. 3. —
S. Paulo.
- C. CALOPHYLLUS B. Rodr. (1877) Orch. Nov. I. Ind.: 3. Schlechter 1 c.:
386. syn. *Spiranthes calophylla* B. Rodr. 1. c.: 182. Cogn. Fl.
Bras. v. 3 (4): 205. tab. 45 fig. 2. — Minas Geraes.
- C. CEARENSIS B. Rodr. Orch. Nov. v. 2: 283. Schltr. 1. c.: 386. syn.
Spiranthes elata L. C. Rich. var. *cearensis* (B. Rodr.) Cogn.
Fl. Bras. v. 3 (4): 192. tab. 43. fig. 1. — Ceará.
- C. CHLOROLEUCUS B. Rodr. (1877) Orch. Nov. I. Schltr. 1. c.: 386. syn.
Spiranthes chloroleuca B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4) tab. 44.
fig. 1. Hoehne Album Orch. est. 7. — Minas Geraes. Paraná.
- C. CUSPIDATUS (Ldl.) Schltr. Schlechter 1. c.: 387. syn. *Spiranthes cuspi-*
data Ldl. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 199. — Brasil austral.
- C. DIVERSIFOLIUS (Cogn.) Schltr. n. comb. Schlechter 1. c. 387. syn. *Spi-*
ranthes diversifolia Cogn. Flor. Bras. v. 3 (6): 543. tab. 113.
syn. *Spiranthes amblyosepala* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Ak. Handl.
46 (1911) (N.º 10): 32 tab. 6 fig. 6. — Paraná.
- C. DUSENII Schltr. (1920) Fedde Repert.: 323. — Paraná.
- C. DUTRAEI Schltr. (1925) Fedde Repertorium v. 35. Orch. Rio Grande do
Sul: 30. — Rio Grande do Sul.
- C. EUGENII (Rchb. f.) Schltr. Schlechter 1. c.: 388. syn. *Spiranthes Eu-*
genii Rchb. f. & Warm. Otia. Bot.: 84. Symb. Fl. Bras. Centr.
tab. 11 fig. 2. Cogn. Fl. Bras. v. 3. (4): 198. — Minas Geraes.
- C. ELATUS (Sw.) Schltr. Schltr. Schlechter 1. c.: 387. Fedde Repert. Beih.
35: 31. — ? Brasil ? Rio Grande do Sul.
- C. ELDORADO (Ldl. & Rchb. f.) Schltr. Schlechter 1. c.: 388. syn. *Spiran-*
thes eldorado Ldl. & Rchb. f. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 193. —
Bahia.
- C. GOYAZENSIS (Cogn.) Schltr. Schlechter 1. c.: 389 syn. *Spiranthes*
goyazensis Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 542. — Goyaz.
- C. GRACILISCAPUS Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 23. tab. 3
fig. 4. — São Paulo.

- CLEISTES VINOSA (B. Rodr.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo I (3): 179. syn. *Pogonia vinosa* B. Rodr. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 124. tab. 25 fig. 1.
- Cochlioda brasiliensis* Rolfe Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (6): 581 = *Binotia brasiliensis* Rolfe.
- COLAX *viridis* Lindl. var. *TRIMACULATA* Porsch. Ergeb. d. Exped. d. Akad. d. W. I: 130 tab. 14 fig. 12.
- CORYANTHES BOYI Mansf. Notizbl. d. Bot. Gartens. Berlin — Dahlem v. 10: 381. — Amazonas.
- c. SUMNERIANA Ldl. (1856) in Gardn. Chron.: 452. (não está mencionada na Flora Brasileira). Schlechter Die Gattung *Coryanthes*. Orchis v. 10 (N.º 4): 72. — Brasil. Santa Catharina.
- Corymbis decumbens* Ldl. Congn. = *Chloidia decumbens* Ldl.
- CRANICHES BRADEI Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 32. tab. 6 fig. 1. — São Paulo.
- c. GLABRICAULIS Hoehne. Hoehne. Lin. Telegr. Estrat. Ann. 5 (pt. I): 32 — M. Grosso.
- C. micrantha* Kränzl. *Craniches candida* (B. Rodr.) Cogn. seg. Schlechter Mem. Inst. But. I (4): 33.
- C. microphylla* Porsch. (1905) Oesterr. Bot. Zeitschr.: 153 — Ergeb. d. Akad. d. Exp. d. Akad. d. W. I: 100 tab. 11, fig. 1-6. seg. Schlechter Mem. Inst. But. I (4): 33 = *Craniches candida* (B. Rodr.) Cogn.
- c. SCRIPTA Kränzl. (1913) Ann. Nat. Hofmus. Wien. 27: 110. — Matto Grosso.
- CRYPTARRHENA ACRENSIS Schltr. Notizbl. d. Bot. Gart. Berlin. v. 6: 126. — Perú. Alto Acre. (Auristella).
- C. Kegellii* Rehb. f. (1910) (Surinam) nova para Brasil. S. Paulo. Ig. Brade (N.º 5.075) det. Kräenzlin. = *CRYPTARRHENA BRASILIENSIS* Brade nov. sp.
- Cryptocentrum calcaratum* Schltr. (1914) Orchideen 449. Amer. Austr. (? Brasil).
- CRYPTOPHORANTHUS ASAROIDES (Kränzl.) Hoehne & Schltr. Arch. Bot. Est. S. Paulo v. 1 (3): 201 syn. *Physosiphon asaroides* Kränzl. — Brasil.
- c. ATROPURPUREUS (Ldl.) B. Rodr. Löfgren Arch. Jard. Bot. v. 2: 62. estampa 19, fig. B. (nova pa. Brasil). — Antilhas, Rio de Janeiro. Itatiaya.
- c. DUSENII Schltr. (1922) Notizbl. Bot. Gart. Berlin v. 8: 118. Schltr. Anal. tab. 25 (N.º 98). — Paraná.
- c. HOEHNEI Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 198 tab. 5 fig. 3. — S. Paulo.
- c. HYSTRIX (Kränzl.) Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 201 syn. *Physosiphon hystrix* Kränzl.
- c. JUERGENSEII Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 46. — Rio Grande do Sul.
- c. SCHENCKII Cogn. Orch. Brésil: 39. — Brasil.
- c. SIMILIS Schltr. (1919) Notzbl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin v. 7: 323. Schltr. Anal. tab. 25 (N.º 99). — Paraná.
- c. SPICATUS Dutra. Ostenia: 172 com estampa. — Rio Grande do Sul.

- CYCNOCHES ALBIDUM Kränzl. (1909) Fedde Repert. nov. sp. v. 7: 38. — Brasil.
- Cyrtopera longifolia* Rehb. f. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 354. = *Eulophia longifolia* (H. B. K.) Schltr.
- CYRTOPODIUM DUSENII Schltr. (1920) Fedde Repert.: 334 Schltr. Anal. tab. 48 (N.º 189). — Paraná.
- C. eburnum* B. Rodr. = *Koellensteinia eburnea* (B. Rodr.) Schltr.
- C. FALCIOBUM* Hoehne & Schltr. (1921) An. Mem. Inst. But. v. 1 (2): 39 tab. 9, fig. 1. — São Paulo.
- C. LISSOCHILOIDES* Hoehne & Schltr. (1921) An. Mem. Inst. But. v. 1 (2): 40 tab. 9, fig. 2. — São Paulo.
- C. OROPHILUM* Hoehne. Hoehne Lin. Telegr. Estrat. Ann. 5 (pt. 1): 42 tab. 31. — Matto Grosso.
- C. PALUDICOLUM* Hoehne. Lin. Telegr. Estrat. Ann. 5 (pt. 4): 24 tab. 75. — Matto Grosso.
- C. PARANAENSE* Schltr. (1920) Fedde Repert.: 333. — Paraná.
- C. Jauaperyense* B. Rodr. = *Eriopsis Sprucei* Rehb. f. Schlechter Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 124.
- DIACRIUM AMAZONICUM Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 108. — Amazonas.
- DIADENIUM BARKERI Benth & Hk. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 188 syn. *Chaenantho Barkeri* Ldl.
- DICHAEA COGNIAUXIANA Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 66 tab. 14, fig. 2 syn. *Dichaea graminoides* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 492. tab. 102, fig. 2.
- D. graminoides* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 492 = *Dichaea Cogniauxiana* Schltr.
- DIMERANDRA STENOPETALA (Hk.) Schltr. nov. comb. syn. *Epidendrum stenopetalum* Hk. Epid. lancellatum Ldl. Schltr. Beiträge z. Orchk. Zentral-Amer. I (1922): 44. icon Bot. Mag. (1835) tab. 3.410. Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 103. — Amazonas.
- DIPTERANTHUS BRADEI Schltr. (1922) An. Mem. But. v. 1 (4): 65 tab. 7. fig. 2. — São Paulo.
- D. Lindmanii* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 80 = *Zygostates Lindmanii* (Kränzl.) Schltr. seg. Schlechter. (1920) Fedde Repert. v. 16: 449.
- D. OVATIPETALUS* Brade Arch. do Mus. Nac. Rio de Janeiro v. 34: 118, estampa 2, fig. C. — Estado do Rio de Janeiro.
- ELLEANTHUS PUSILUS Schltr. (1922) Not. Bot. Gart. Berlin v. 8: 817. Schltr. Anal. t. 10 (N.º 39). — Paraná.
- ENCYCLIA ACUTA Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 104. — Amazonas.
- E. ADVENA* (Rehb. f.) nov. comb. syn. *Epidendrum Advena* Rehb. [f.
- E. ALBOPURPUREA* (B. Rodr.) nov. comb. syn. *Epidendrum albopurpureum* B. Rodr.
- E. BRACTEATA* (B. Rodr.) Schltr. nov. comb. Hoehne Album Orch., estampa 33. syn. *Epidendrum bracteatum* B. Rodr.
- E. CONCHAECHILA* (B. Rodr.) nov. comb. syn. *Epidendrum conchaechillum* B. Rodr.
- E. CONSPICUA* (Lem.) nov. comb. syn. *Epidendrum conspicuum* Lemalre.

- ENCYCLIA DICHROMA (Ldl.) nov. comb. syn. Epidendrum dichromum Ldl.
 E. EUOSMA (Rchb. f.) nov. comb. syn. Epidendrum euosmum Rchb. f.
 E. FLABELLIFERA Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 246, tab. 6, fig. 1. — São Paulo.
 E. FLAVA (Ldl.) nov. comb. syn. Epidendrum flavum Ldl.
 E. GALLOPAVINA (Rchb. f.) nov. comb. syn. Epidendrum gallopavinum Rchb. f.
 E. HUEBNERI Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 105. — Amazonas.
 E. IONOSMA (Ldl.) Schltr. nov. comb. Die Orchideen: 206. syn. Epidendrum ionosmum Ldl.
 E. JENISCHIANA (Rchb. f.) nov. comb. syn. Epidendrum Jenischianum Rchb. f.
 E. LAXA Schltr. (1918) Notizbl. Kgl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin. v. 7: 277. Schltr. Anal. tab. 46 (Nº 184). — ? Brasil.
 E. LONGIFOLIA (B. Rodr.) Schltr. nov. comb. Die Orchideen: 207. Hoehne Album Orch.: 187. syn. Epidendrum longifolium B. Rodr.
 E. MEGALANTHA (B. Rodr.) nov. comb. syn. Epidendrum megalanthum B. Rodr.
 E. ODORATISSIMA (Ldl.) Schltr. nov. comb. Die Orchideen: 207. syn. Epidendrum odoratissimum Ldl.
 E. ONCIDIODES (Ldl.) Schltr. nov. comb. Die Orchideen: 207. syn. Epidendrum oncidioides Ldl.
 E. OSMANTHA (B. Rodr.) Schltr. nov. comb. Die Orchideen: 207. syn. Epidendrum osmanthum B. Rodr.
 E. OXYPHYLLA Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 106. — Amazonas.
 E. PAUCIFLORA (B. Rodr.) nov. comb. syn. Epidendrum pauciflorum B. Rodr.
 E. PURPURACHYLA (B. Rodr.) nov. comb. syn. Epidendrum purpurachylum B. Rodr.
 E. RANDII (B. Rodr.) nov. comb. syn. Epidendrum Randii B. Rodr.
 E. RUFA (Ldl.) nov. comb. syn. Epidendrum rufum Ldl.
 E. SQUAMATA (B. Rodr.) nov. comb. = Epidendrum squamatum B. Rodr.
 E. TARUMANA Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 106. — Amazonas.
 E. VIRIDIFLORA Hook. (1828) Bot. Mag. tab. 2.831 syn. Epidendrum viridiflorum Ldl.
 E. XIPHEROIDES (Kränzl.) nov. comb. syn. Epidendrum xipheroides Kränzl.
 E. JAUPERYENSIS (B. Rodr.) nov. comb. syn. Epidendrum Jauperyense B. Rodr.
 EPIDENDRUM *advena* Rchb. f. (1872) Gard. Chro.: 1.194. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 62 = Encyclia Advena (Rchb. f.).
 E. *albopurpureum* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 70 = Encyclia albopurpurea (B. Rodr.).
 E. ALEXANDRI Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 60, tab. 13, fig. 2, syn. Epidendrum raniferum Lindl. var. Loeftgreni Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (5): 100 tab. 6, fig. 2. — São Paulo.
 E. AMAZONICUM Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 78. — Amazonas.

- EPIDENDRUM *anceps* Jacq. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): adde syn. Epid. cearense B. Rodr. Epid. Schreineri B. Rodr. Epid. Schenckianum Kränzl. seg. Schlechter. Beih. Bot. Centralblatt. v. 42 (2): 97.
- E. *APUAHUENSE* Mansf. Fedde Rep. v. 23: 93. — Amazonas.
- E. *BLANDUM* Kränzl. Kgl. Svensk. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 58. tab. 11, fig. 2. — Matto Grosso.
- E. *BRACHYTHYRSUS* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46 (N.º 10): 59, tab. 9. fig. 6. — Minas Geraes.
- E. *bracteatum* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 53, tab. 14, fig. 1. — Encyclia bracteata (B. Rodr.).
- E. *BRADKANUM* Kränzl. Arkiv. for Botanik v. 14 (N.º 10): 3. Orch. Quaedam Americanae (? = Epidendrum denticulatum B. Rodr.) — S. Paulo.
- E. *BREVICOLLE* Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov.: 20. Arkiv. f. Bot. v. 16 (N.º 8). — Paraná.
- E. *BURGERI* Schltr. (1925) Fedde Repertorium v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 70. — Rio Grande do Sul.
- E. *CALLOBOTRYS* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46 (N.º 10): 60 tab. 11, fig. 1. — Matto Grosso.
- E. *conchaechilum* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 51, tab. 13, fig. 1. = Encyclia conchaechila (B. Rodr.).
- E. *conspicuum* Lem. (1869) Lemaire in Ill. Hort. v. 16, tab. 592. Encyclia conspicua (Lem.).
- E. *dichromum* Lindl. Bot. Reg. v. 29 Misc.: 78 Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 62. (tab. 19, fig. 1 var. biflora Cogn.) = Encyclia dichroma (Ldl.).
- E. *euosmum* Rchb. f. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 54 = Encyclia euosma (Rchb. f.).
- E. *filicaule* Lindl. var. ITATIAYAE Löfgr. nomen. Campos Porto Contr. pa. o conhecimento da Fl. Orch. da Serra do Itatiaia. Arch. Jard. Bot. Rio. v. 1: 112.
- E. *flavum* Lindl. Hook Journ. of Bot. v. 3: 83. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 58 = Encyclia flava (Ldl.).
- E. *gallopavinum* Rchb. f. Bomplandia v. 3: 219. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 61. = Encyclia gallopavina (Rchb. f.).
- E. *GERALDOI* nom. nov. = Epidendrum Kuhlmannii Schltr. — Amazonas.
- E. *GOEBELII* Schltr. (1915) Orchis v. 23: 5. — Brasil.
- E. *HATSCHBACHII* Schltr. Fedde Rep. v. 23: 48. — Paraná.
- E. *HUEBNERI* Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42, (2): 99. — Amazonas.
- E. *IGUAPENSE* Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 61, tab. 13, fig. 3. — São Paulo.
- E. *inosmum* Lindl. Bot. Reg. v. 24 Misc.: 49. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 65. = Encyclia ionosma (Ldl.) Schltr.
- E. *Jenischianum* Rchb. f. Fl. des Serres v. 9: 98. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 61. = Encyclia Jenischiana (Rchb. f.).
- E. *KUHLMANNII* Hoehne (1912) Lin. Telegr. Estrat. Ann. v. 5 (pt. 4): 21, tab. 72. — Matto Grosso.
- E. *Kuhlmannii* Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 79 non E. Kuhlmannii Hoehne Lin. Telegr. Extrat. v. 5 (pt. 4): 21 (1912) = Epidendrum Geraldoi nom. nov.

- EPIDENDRUM *longifolium* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 59, tab. 18.
= *Encyclia longifolia* (B. Rodr.) Schltr.
- E. MACROGASTRIUM Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46 (N.º 10): 59 tab. 9, fig. 5. — São Paulo.
- E. MAGELHAESII Schltr. (1920) Fedde Repert. v. 16: 445. Schltr. Anal. tab. 43 (N.º 169). — Minas Geraes.
- E. MAPUERA Huber (1909) Bol. Mus. Pará v. 5: 329. — Amazonas.
- E. *megalanthum* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 69 tab. 20 = *Encyclia megalantha* (B. Rodr.).
- E. MINARUM Hoehne & Schltr. (1921) An. Mem. Inst. But. v. 1 (2): 35 tab. 7, fig. 1. — Minas Geraes.
- E. MYRMECOPHORUM Barb. Rodr. (1888) Vellozia 1; (1891) ed. 2 v. 1: 123. — Amazonas.
- E. *odoratissimum* Lindl. Lindl. Bot. Reg. v. 17, tab. 1.415. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 49, tab. 12 = *Encyclia odoratissima* (Lindl.) Schltr.
- E. *oncidoides* Lindl. Lindl. Bot. Reg. tab. 1.623 Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 47, tab. 11 = *Encyclia oncidoides* (Ldl.) Schltr.
- E. *osmanthum* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 64 tab. 19, fig. 2 = *Encyclia osmantha* (B. Rodr.) Schltr.
- E. *pauciflorum* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 55 tab. 16, fig. 1 = *Encyclia pauciflora* (B. Rodr.).
- E. PEDALE Schltr. Fedde Repert. v. 23: 50. — Paraná.
- E. *planiceps* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46 (N.º 10): 61 tab. 11, fig. 4 = *Epid. Mosenii* Rehb. f. seg. Schlechter Mem. Inst. But. v. 1 (2): 36.
- E. PSEUDAVICULA Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 57 tab. 9, fig. 3. — Paraná.
- E. PSEUDODIFFORME Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 242 tab. 7, fig. 4. — São Paulo. Rio Grande do Sul.
- E. PSILANTHEMUM Löfgren (1918) Arch. Jard. Bot. Rio Jan. v. 2: 57, estampa 29. — Amazonia.
- E. *purpurachylum* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 58 tab. 17 = *Encyclia purpurachyla* (B. Rodr.).
- E. *Randii* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 68 tab. 16, fig. 2. = *Encyclia Randii* (B. Rodr.).
- E. *raniferum* Lindl. var. *Loefgrenii* Cogn. = *Epidendrum Alexandri* Schltr.
- E. REGNELLIANUM Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 243 tab. 18. — Minas Geraes.
- E. *rufum* Lindl. Bot. Reg. v. 31 Misc.: 33. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 60. = *Encyclia rufa* (Ldl.).
- E. *squamatum* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 54. tab. 15, fig. 1. = *Encyclia squamata* (B. Rodr.).
- E. *stenopetalum* Hk. (1835) Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 147. Bot. Mag. tab. 3.410 = *Dimerandra stenopetala* (Hk.) Schltr.
- E. ULEI Schltr. Notizbl. d. Bot. Gart. Berlin v. 6: 125. — Roraima.
- E. VERSICOLOR Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 245 tab. 7, fig. 3. — São Paulo.

- Epidendrum viridiflorum* Lindl. Bot. Reg. v. 28 Misc.: 30. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 57 = *Encyclia viridiflora* Hook (1828) Bot. Mag. tab. 2.831.
- E. VIRIDI-PURPUREUM Hook. Bot. Mag. tab. 3.666. espec. propria. seg. Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46. (N.º 10): 57. Fl. Bras. v. 2: 114 sub. E. ancipite Jacq.
- E. xipheroides Kränzl. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 52 = *Encyclia xipheroides* (Kränzl.).
- E. Yauperyense B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 46 tab. 10, fig. 1 = *Encyclia yauperyensis* (B. Rodr.).
- EPISTEPHIUM PARVIFLORUM Ldl. Amazonas. nova para Brasil Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 74.
- E. PRAESTANS Hoehne Lin. Telegr. Estrat. v. 5 (pt. 1): 26. Estampa 4. — Matto Grosso.
- EULOPHIA LONGIFOLIA (H. B. K.) Schltr. syn. *Cyrtopera longifolia* Rchb. f. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (5): 354.
var. FLAVESCENS Schltr. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 62 — S. Paulo.
- EURYSTYLES ACTINOSOPHILA (B. Rodr.) Schltr. Schlechter Fedde Rept. Beih. v. 35: 39 syn. *Stenoptera actinosophila* (B. Rodr.) Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 255. tab. 60, fig. 1. *Trachelosiphon actinosophila* (B. Rodr.) Schltr. Beih. z. Bot. Centralbl. v. 37: 424.
- E. COGNIA XII (Kränzl.) Schltr. Schlechter Fedde Repert. v. 35: 39. syn. *Stenorhynchus* C. Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46 (N.º 10): 25. tab. 5, fig. 6. *Trachelosiphon* Cogn. (Kränzl.) Schltr. Beih. z. Bot. Centralbl. v. 37: 425. — Rio de Janeiro. Minas.
- E. COTYLEDON Wawra. Schlechter Fedde Repert. Beih. v. 35: 39. syn. *Stenoptera ananassocomos* Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 254. (*Trachelosiphon* Schlechter) Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 194, tab. 5, fig. 4.
- E. LORENZII (Cogn.) Schltr. Schlechter Fedde Rept. Beih. 35: 39 syn. *Stenoptera Lorenzii* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 255. *Trachelosiphon Lorenzii* (Cogn.) Schltr. Beih. v. 2 Bot. Centralbl. v. 37 (2): 425.
- E. PARANAENSIS Schltr. Schltr. syn. *Trachelosiphon paranaense* Schltr. Anal. tab. 16 (N.º 62). — Paraná.
- Fractiunguis brasiliensis* Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 56, tab. 10, fig. 2 syn. *Hexisea reflexa* Rchb. f. = *Reichenbachanthus reflexus* (Ldl.) Brade nov. comb.
- GALEANDRA CAMPTOCERAS Schltr. (1910) Fedde Rept. Nov. sp. v. 8: 454. — Brasil.
- G. COXINNENSIS Hoehne Lin. Telegr. Estrat. Ann. 5 (pt. 4): ta, tab. 70. — Matto Grosso.
- G. HUEBNERI Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 111. — Amazonas.
- G. PARANAENSIS Schltr. (1920) Fedde Repert.: 331. — Paraná.
- G. XEROPHILA Hoehne Lin. Telegr. Estr. Ann. 5 (pt. 5): 45, tab. 92. — Matto Grosso.
- GALEOTTIA NEGRENSIS Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 128. — Amazonas.
- GOMESA ALPINA Porch. (1908) Denkschr. Akad. Wien. Math. Nat. v. 79: 150, tab. 15, fig. 11-12. — Estado do Rio. Itatiaia.

- GOMESA BINOTII Hort. (1915) Nash. ex L. H. Bailey. Standard Cycl. Hort. 1. 354. Index Kewensis Suppl. 6: 92. — Brasil.
- G. DUSENIANA Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov. Arkiv för Bot. v. 16 (N.º 8): 26. — Paraná.
- R. EMILIANA H. Barb. (1920) Auri-Verde (N.º 9): 4. Março. Ouro Preto. Minas. — Minas Geraes.
- G. PARANAENSIS Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 78. — Paraná.
- G. *polymorpha* var. GRANDIFLORA A. Sampaio. (1916) Arch. Mus. Nac. v. 18: 58.
- G. SCANDENS Rolfe. (1904) Hand. List. Orchids. Roy. Bot. Gard. Kew. ed. 2: 101. — Brasil.
- G. *Theodorea* Cogn. = *Theodorea gomezoides* B. Rodr.
- HABENARIA ACHROANTHA Schltr. Notizbl. d. Bot. Gart. Berlin v. 6: 120. — Amazonas.
- H. *adenosepala* Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov.: 6. Ark. f. Bot. v. 16 (N.º 8) = *Habenaria Edwallii* Cogn.
- H. AMAZONICA Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 69. — Schltr. Anal. t. 1 (N.º 2) — Amazonas.
- H. ARICAENSIS Hoehne (1915) Comm. Lin. Telegr. Estrat. Matto Grosso. — Amazonas. Ann. 5. Bot. v. 5: 30 tab. 84. — Matto Grosso.
- H. BAHIENSIS Schltr. Notizbl. d. Bot. Gart. Berlin. v. 6: 121. — Bahia.
- H. BELLOI Schltr. (1921) Fedde Repertorium v. 17: 267. — Rio de Janeiro.
- H. BRACHYPLECTRON Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): — S. Paulo.
- H. *Bradeana* Kränzl. Arkiv. för Botanik v. 14 (N.º 10): 3 = *Hab. Wacketii* Porsch.
- H. BRADEI Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 13 tab. 1, fig. 4. — São Paulo.
- H. BUTANTANENSIS Schltr. & Hoehne (1921). Mem. Inst. But. v. 1 (2): 19. tab. 2, fig. 2. — São Paulo.
- H. CAMPOS PORTOI Schlechter (1930) Fedde Rep. v. 27: 296 — Schltr. Anal. tab. 1 (N.º 4). — Itatiaia.
- H. CHRISTIANI Schltr. Fedde Repert. v. 17: 267. — Minas Geraes.
- H. COXIPOENSIS Hoehne. Lin. Telegr. Estr. Ann. 5 (pt. 5): 39. tab. 89. — Matto Grosso.
- H. CRASSIPES Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 18. — Rio Grande do Sul.
- H. CULMIFORMIS Schltr. (1925) Beih. Centralbl. 42 (2): 70. — Amazonas.
- H. DUCKEANA Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 71. Schltr. Anal. t. 2 (N.º 6). — Amazonas.
- H. DUSENII Schltr. (1919) Fedde Repert. v. 16: 251. — Schltr. Anal. t. 2 (N.º 7). — Paraná. São Paulo.
- H. DUTRAEI Schltr. (1925) Fedde Repert. Beih. v. 35: 19. — Rio Grande do Sul.
- H. EDENTULA Schltr. Fedde Rep. v. 27: 297. Schltr. Anal. tab. 2 (N.º 8). — Itatiaia.
- H. EDWALLII Cogn. Orch. Brésil Cogn.: 10 syn. *Habenaria adenosepala* Krzl. Ark. f. Bot. v. 16: 8. — São Paulo. Paraná.
- H. ERNESTII Schltr. Notizbl. Bot. Gart. Berlin. v. 6: 122. — Roraima.

- HABENARIA FLACCIDA Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 10 tab. 1, fig. 2. — Paraná.
- H. FLACCIFOLIA Schltr. (1921) Fedde Repert. v. 17: 268. — Minas Geraes.
- H. FOLIOSISSIMA Kränzl. (1921) Ark. Bot. Stockh. v. 16 (N.º 8): 4 = ? Habenaria Wacketii Porsch. seg. Schlechter Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 178. — Paraná.
- H. GEHRTII Schltr. (1921) Mem. Inst. But. v. 1 (2): 18 tab. 1, fig. 2. — Minas Geraes.
- H. GEORGII Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 86. — Amazonas.
- H. HELEOGENA Schltr. (1919) Fedde Repert. v. 16: 253. — Paraná.
- H. heterophylla Schltr. (1919) Fedde Reprt. v. 16: 253 = Habenaria Josephensis B. Rodr.
- H. HOEHNEI Schltr. (1921) Mem. Inst. But. v. 1 (2): 16 tab. 1, fig. 1. — Minas Geraes.
- H. INCONSPICUA Cogn. (1907) Orch. Brésil Cogniaux.: 9. Bull. Bot. Belg. (1906) v. 14: 274. — São Paulo.
- H. ITATIAYAE Schlecht. Fedde Repp. v. 27: 298. Schltr. Anal. tab. 3 (N.º 11). — Itatiaya.
- H. JAGUARIAHYVAE Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10), tab. 1, fig. 5. — Paraná.
- H. Josephensis B. Rodr. adde. syn. Habenaria heterophylla Schltr. Fedde Rep. v. 16: 253. seg. Schlechter Arch. Bot. d. S. Paulo I (3): 175.
- H. JUERGENSEII Schltr. (1925) Fedde Rep. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 20. — Rio Grande do Sul.
- H. JURUENENSIS Hoehne Lin. Telegr. Estrat. Ann. 5 (pt. 5): 32, tab. 85, fig. 2. — Matto Grosso.
- H. KLEYI Schltr. (1925) Fedde Rept. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 20. — Rio Grande do Sul.
- H. KUHLMANNI Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. 12 (2): 72. Schltr. Anal. t. 4 (N.º 13). — Amazonas.
- H. LAVRENSIS Hoehne. Arch. d. Bot. do Est. de S. Paulo v. 1 (4): 575. tab. 1. — Minas.
- H. LEAOANA Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 72. Schltr. Anal. t. 4 (N.º 14). — Amazonas.
- H. LIGULIGLOSSA Hoehne Lin. Tel. Estrat. Ann. 5 (pt. 5): 35. tab. 87. — Matto Grosso.
- H. LINDMANIANA Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10) tab. 1, fig. 1. — Matto Grosso.
- H. LONGICAUDA Hk. — Amazonas. nova pa. Brasil Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 86.
- H. LUETZELBURGHII Schltr. (1921) Schltr. Fedde Repert. 17: 268. — Rio de Janeiro.
- H. MACRODACTYLA Kränzl. (1921) Arkiv. Bot. Stockh. v. 16 (N.º 8): 5. — Paraná.
- H. MARUPAANA Shltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 73. Schltr. Anal. t. 4 (N.º 15). — Amazonas.
- H. MATTOGROSSENSIS Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10) tab. 1, fig. 4. — Matto Grosso.
- H. MELANOPODA Schltr. & Hoehne (1921) Mem. Inst. But. v. 1 (2): 20 tab. 2, fig. 1. — São Paulo.

- HABENARIA MINARUM Schltr. & Hoehne (1921) An. Mem. Inst. But. v. 1 (2): 23, tab. 3, fig. 2. — Minas Geraes.
- H. MINIMIFLORA Kränzl. Arkiv. för Botanik. v. 14 (N.º 10): 2. Hoehne Album Orch: 83. — São Paulo.
- H. MITOMORPHA Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 11 tab. 2, fig. 4. — Matto Grosso.
- H. NANA Schltr. (1919) Fedde Repert. v. 16: 249. Schltr. Anal. t. 1. (N.º 3). — Paraná.
- H. NIGRIPES Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 8 tab. 2, fig. 7. — Paraná.
- H. nuda Lindl. var. pygmaea Hoehne. Hoehne Lin. Telegr. Estrat. Ann. 5 (pt. 1): 25. — Matto Grosso.
- H. OBOVATIPETALA Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35 Orch. Rio Grande do Sul: 21. — Rio Grande do Sul.
- H. ODORIFERA Hoehne Lin. Telegr. Estr. Ann. 5 (pt. 5): 40. tab. 90. Hoehne Album Orch., estampa 7. — Matto Grosso.
- H. ORCHIOCALCAR Hoehne Lin. Telegr. Estr. Ann. 5 (pt. 5): 42. tab. 85, fig. 1. — Matto Grosso.
- H. PAULENSIS Porsch. (1905) Ergebnisse d. Exp. d. Akad. d. W. v. 1: 95. tab. 11, fig. 12-15. Oesterr. Bot. Zeitschr. 150. — São Paulo.
- H. PILGERI Schltr. Pilg. in Engl. Jahrb. v. 30: 149. — Matto Grosso.
- H. PHYSOPHORA Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10). tab. 1, fig. 2. — Paraná.
- H. PLATYDACTYLA Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 9, tab. 2, fig. 5. — Paraná.
- H. pleiophylla Schltr. & Hoehne (1921) Mem. Inst. But. v. 1 (2): 22, tab. 4 = H. Wacketii Porsch.
- H. POISSONIANA Cogn. Orch. Brésil. Cogn.: 14. — São Paulo.
- H. POLYCARPA Hoehne Lin. Telegr. Estr. Ann. 5 (pt. 5): 34, tab. 86. — Matto Grosso.
- H. POLYGONOIDES Schltr. (1919) Fedde Repert. v. 16: 252. Schltr. Anal., tab. 5 (N.º 18). — Paraná, S. Paulo.
- H. POLYRHIZA Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 14, tab. 1, fig. 3. — São Paulo.
- H. PONTAGROSSENSIS Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 6, tab. 2, fig. 1. — Paraná.
- H. PSEUDO-CALDENSIS Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 13. tab. 2, fig. 3. — Matto Grosso.
- H. RECTA Schltr. (1920) Schlechter Fedde Repert. v. 16: 354. — Brasil. — São Paulo.
- H. ROLFEANA Schltr. Fedde Repert. v. 27: 298. Schltr. Anal., tab. 5 (N.º 20). — Itatiaya.
- H. SAMPAIOANA Schltr. Fedde Repert.: 299. Schltr. Anal., tab. 6 (N.º 21). — Itatiaya.
- H. SARTOROIDES Schltr. (1919) Fedde Repert. v. 16: 248. Hoehne Album Orch.: 79 Schltr. Anal., tab. 6 (N.º 22). — Paraná.
- H. SCEPTUM Schltr. (1919) Fedde Repert. v. 16: 249. — Paraná.
- H. SCHNITTMAYERI Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 23. — Rio Grande do Sul.

- HABENARIA STAMINODIATA** Schltr. Beih. Bot. Centrbl. 42 (2): 74. Schltr. Anal., tab. 6 (N.º 24). — Amazonas.
- H. ST. SIMONENSIS** Hoehne Lin. Tel. Estrat. Ann. 5 (pt. 5): 37, tab. 88. — Matto Grosso.
- H. SUBVIRIDIS** Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 176. — São Paulo.
- H. TAMANDUENSIS** Schltr. (1919) Fedde Repert. v. 16: 251. syn. *Habenaria santensis* Kränzl. (non. Rodr.) Kg. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46 (N.º 10): 7. — Paraná.
- H. TETRODON** Kränzl. Orch. quaedam Amer.: 178. — (America do Sul).
- H. TRAPEZOIDEA** Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 177. — Minas Geraes.
- H. TRIMEROPETALA** Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 21: 331. — Goyaz.
- H. VERECUNDA** Schltr. Fedde Repert. v. 27: 300. Schltr. Anal. tab. 7 (N.º 26). — Itatlaya.
- H. WACKETII** Porsch. Ergeb. d. Bot. Exp. d. Ak. d. Wiss. v. 1: 95, tab. 11. fig. 16-20. — São Paulo syn. *Habenaria Bradeana* Kränzl. Hab. pleiophylla Hoehne & Schltr. ? Hab. foliosissima Kränzl.
- HAPALORCHIS CANDIDUS** (Kränzl.) Schltr. n. comb. syst. Neuord. d. Spir.: 363. syn. *Sauroglossum candidum* Kränzl. Sv. Vet. Ak. Hdl. v. 46 (N.º 10): 38, tab. 7, fig. 2. — Rio Grande do Sul.
- H. LINEATUS** (Ldl.) Schltr. n. comb. Syst. Neuord. d. Spir.: 363. syn. *Spiranthus lineata* Ldl. Fl. Bras. v. 3 (4): 196. — Brasil. (Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas, Paraná).
- HEXADESMIA CEARENSIS** Schltr. Notizbl. d. Bot. Gart. Berlin v. 6: 124. Schltr. Anal. tab. 39 (N.º 156). — Ceará.
- H. monophylla** B. Rodr. = *Leaoa monophylla* Schltr. & C. Porto.
- HOULLETIA JURUENENSIS** Hoehne Lin. Telegr. Estrat. Ann. 5 (pt. 1): 47. tab. 38. Hoehne Album Orch., estampa 8. — Matto Grosso.
- H. RORAIMENSIS** Rolfe. — Roraima leg. Ule. 2.000 m. nova para Brasil.
- HUEBNERIA JAUAPERYSIS** (B. Rodr.) Schltr. (1925) Beih. z. Bot. Centralbl. 42 (2): 96. syn. *Orleanesia Jauaperyensis* B. Rodr.
- ISOCHILUS BRASILIENSIS** Schltr. Schlechter Fedde Repert. Beih. v. 9: 80. (Orchidfl. v. Perú) syn. *Isorchilus linearis* Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (5): 3 (icon except.) — Schltr. Anal., tab. 39 (N.º 155).
- I. linearis** Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 3 = *Isorchilus brasiliensis* Schltr.
- Jansenia cultrifolia** B. Rodr. (1891) Barb. Rodr. Vellozia I Botanica, 2ª edição: 125. Index Kewensis Supplementum septimum. (1921-1925): 130 — 1929, seg. Cogniaux. Fl. Bras. v. 3 (6): 185, tab. 35, fig. 1. = *Plectrophora cultrifolia* Cogn. — Amazonas.
- JONOPSIS PUSILLA** B. Rodr. (1907) Contr. Jard. Bot. Rio de Janeiro v. 5: 102, tab. 20, fig. a. — Pará.
- Kochiophyton coeruleus** Hoehne Lin. Telegr. Estrat. Ann. 5 (pt. 1): — 49, tab. 39 = *Acacallis Hoehnei* Schltr. n. nom.
- K. negrense** Schltr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 574, tab. 119 = *Acacallis cyanea* Ldl. Fl. Bras. v. 3 (5): 524.
- KOELLENSTEINIA alba** Schltr. (1915) Schlechter "Orchis": 31 = *Otostylis venusta* (Ridl.) Schltr.

- KOELLENSTEINIA EBURNEA (B. Rodr.) Schlechter. (1918) Schlechter "Orchis" (anno 12) (N.º 1-2): 16. syn. *Cyrtopodium eburneum* B. Rodr. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (5): 374, tab. 79.
- K. HYACINTHOIDES Schltr. Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 126. — Amazonas.
- K. RORAIMAE Schltr. (1918) Schlechter "Orchis" (anno 12) (N.º 1-2): 17. Abb. 2. — Roraima leg. E. Ule.
- LAELIA BAHIENSIS Schltr. (1921) Fedde Rep. v. 17: 272. — Bahia.
- L. GOEBELIANA Küppers & Kränzl. (1916) Analen des K. K. Hofmuseums in Wien v. 30: 56. — Brasil. Rio de Janeiro. ? syn. de L. Johniana Schltr. seg. Schlechter "Orchis" (1917) (anno 11) (N.º 5): 96.
- L. Johniana Schltr. (1912) "Orchis" v. 6: 6 tab. 1. patria ? Columbia ? Brasil.
- LANIUM MICROPHYLLUM (Ldl.) Benth. Hook Icon. Plant. v. 14 tab. 1.334. syn. *Lanium peruvianum* Schltr. Nova p. Brasil. Fedde Rep. Schltr. Beih. v. 8: 97. — Amazonas.
- L. SUBULATUM Rolfe (1896) Kew. Bulletin: 46. — Brasil, Minas.
- LEAOA MONOPHYLLA (Rodr.) Schltr & Campos Porto. (1922 Arch. Jard. Bot. v. 3: 293, estampa 27. syn. *Hexadesmia monophylla* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 19. — Rio de Janeiro.
- LEOCHILUS MATTOGROSSENSIS Cogn. Lind. Electr. Estrat. Ann. 5 (pt. 3): 13. tab. 65. — Matto Grosso.
- LEPANTHOPSIS CONGESTIFLORA (Cogn.) n. comb. syn. *Pleurothallis congestiflora* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 591. tab. 113, fig. 4.
- L. UNILATERALIS (Cogn.) n. comb. syn. *Pleurothallis unilateralis* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 592. tab. 122, fig. 2.
- Leptotes blanche-amesii* Loefgr. Arch. Jard. Bot. Rio Jan. v. 2: 58 (1918), est. 22 A. = *Loefgrenianthus Blanche-Amesii* Hoehne.
- LEUCOHYLE BRASILIENSIS (Cogn.) Schltr. Schlechter Die Orchideen 2 edit.: 464. syn. *Trichopilia brasiliensis* Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (6): 580, tab. 120, fig. 3. — Goyaz.
- LINDLEYELLA AURANTIACA (Ldl.) Schltr. syn. *Bifrenaria aurantiaca* Ldl. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 479. Schltr. Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 129. — Amazonas. Nova para a flora do Brasil.
- L. BICORNARIA (Rchb. f.) Schltr. (1920) Fedde Repert. v. 16: 447. syn. *Bifrenaria bicornaria* Rchb. f. Fl. Bras. v. 3 (5): 480. — Brasil.
- Liparis inundata* Cogn. Cogn. Mart. Fl. Bras. v. 3 (4): 60 = *Liparis elata* Ldl. var. *inundata* B. Rodr. seg. Index Kewensis. Suppl. 6: 116.
- LOEFGRENIANTHUS BLANCHE-AMESII Hoehne n. comb. Arch. de Bot. do Est. de S. Paulo v. 1 (4): 593. tab. 1: 595. syn. *Leptotes blanche-amesii* Loefgr. Arch. J. Bot. Rio v. 2: 58, est. 22 A. — São Paulo, Estado do Rio (Itatiaia).
- Lycaste tetragona* Lindl. = *Bifrenaria tetragona* Schltr. Schlechter Die Orchid. 2 ed.: 409.
- LYROGLOSSA BRADEI Schltr. (1928) Mansfeld in Fedde Repert. v. 24: 245. — São Paulo.
- L. EUGLOSSA (Kränzl.) Hoehne & Schltr. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 32. syn. *Spiranthes euglossa* Kränzl. *Spiranthes Grisebachii* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 207. *Spiranthes spirata* Hoehne. *Lyroglossa pubescens* Schltr. Hoehne Album. Orch.: 85. — S. Paulo.

- LYROGLOSSA Grisebachii Schltr. (1921) Annex. Mem. Inst. But. v. 1. 2: 27. syn. *Spiranthes Grisebachii* Cogn. = *Lyroglossa euglossa* (Kränzl.) Hoehne & Schltr.
- L. pubescens (B. Rodr.) Schltr. Schlechter. Syst. Neuord. d. Spir.: 449 syn. ? *Spiranthes pubescens* B. Rodr. syn. ? *Spiranthes Grisebachii* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 207. ? = *Spiranthes euglossa* Kränzl.
- MACRADENIA AMAZONICA Mansf. Notizbl. d. Bot. Gartens. Berlin. Dahlem v. 10: 382. — Amazonas.
- MASDEVALLIA CARINATA Cogn. Orch. Brésil Cogn.: 40. — Brasil (? Rio de Janeiro).
- M. HUEBNERI Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 88. — Amazonas.
- M. PARANAENSIS Schltr. (1918) Notizbl. Kgl. Bot. Gart. Mus. Berlin v. 7: 268. Schltr. Anal. tab. 26 (N.º 102). — Paraná.
- M. RODRIGUEZIANA Mansf. Notizbl. d. Bot. Gart. v. 10: 379. — Amazonas.
- M. SESSILIS Barb. Rodr. (1898) Plant. Nov. Cult. J. Bot. Rio de Janeiro v. 6: 17. tab. 3, fig. B. — Rio de Janeiro.
- M. ULEI Schltr. Notizbl. d. Bot. Gart. Berlin v. 6: 123. Schltr. Anal. t. 26 (N.º 104). — Território do Acre.
- M. ZEBRINA Porsch. Ergeb. d. Exp. d. Akad. d. Wiss. v. 1: 103. tab. 12. fig. 1-3. — São Paulo, Rio Grande do Sul.
- MAXILLARIA ACIANTHA Rehb. f. Schlechter Beih. z. Bot. Centralbl. 42 (2): 130. — Nova para o Brasil. — Amazonas.
- M. AMAZONICA Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 130. — Amazonas.
- M. BARBOZAE Loeftgren. (1918) Arch. Jard. Bot. Rio v. 1: 113. Arch. Jard. Bot. Rio Jan. v. 2: 60. Estampa 25. — Itatiaya.
- M. BINOTI De Wild. (1906) Orchis v. 1: 25. — Brasil.
- M. CRASSIPES Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Hndl. v. 46. (N.º 10): 72. tab. 11, fig. 7. — S. Paulo.
- M. crocea Ldl. Bot. Reg. tab. 1.799 (non. Poepp. & Endl.) = *Maxillaria Lindleyana* Schltr.
- M. ECHINOCHILA Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov.: 22 Ark. f. Bot. v. 16 (N.º 8). — Paraná.
- M. HATSCHBACHII Schltr. Fedde Rep. v. 23: 56. Schltr. Anal. tab. 51. (N.º 202). — Paraná.
- M. HOEHNEI Schltr. (1921) An. Mem. Inst. But. v. 1 (2): 43. tab. 6, fig. 1. — São Paulo.
- M. HUEBNERI Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 131. — Amazonas.
- M. IGUAPENSIS Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1. (3): 271, tab. 5, fig. 5. — São Paulo.
- M. JUERGENSEII Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 88. — Rio Grande do Sul.
- M. LACTEA Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 131. — Amazonas.
- M. LINDLEYANA Schltr. nov. comb. syn. *Maxillaria crocea* Ldl. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 272.
- M. MOSENII Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 73. tab. 11, fig. 6. São Paulo.

- MAXILLARIA OSMANTHA H. Barb. (1920) "Auri Verde" v. 1 (9): 3, com estampa. — Minas.
- M. PETIOLARIS Schltr. (1925) Belh. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 133. — Amazonas.
- M. picta Hook. var. BREVIS Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 273. — São Paulo.
- M. porphyrostele Rchb. f. var. FUSCOBRACTEATA Porsch. Ergeb. d. Exp. d. Akad. d. W.: 137.
- M. RUGOSA Schltr. Notizbl. d. Bot. Gart. Berlin v. 6: 125. — Roraima.
- M. SCORPIOIDEA Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 71. tab. 10, fig. 3. — Matto Grosso.
- M. setigera Ldl. syn. M. leptosepala Hook. Bot. Mag. tab. 4.434. nova para a Fl. do Brasil. (Paraná) seg. Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46: (N.º 10): 70.
- M. SPANNAGELII Hoehne Arch. Inst. Biol. v. 3: 310. Est. 37, fig. 2. — Estado do Rio de Janeiro.
- M. TARACUANA Schltr. (1925) Belh. Bot. Centralbl. 42 (2): 134. — Amazonas.
- Metracyllium Wettsteinii Porsch. (1905) in Oesterr. Bot. Zeitschr.: 160. Ergeb. d. Exp. d. Akad. d. W. v. 1: 124 c. fig. 3. tab. 16, fig. 19. Brasil = Neolauchea pulchella Kränzl.
- Menadenium Ballii Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 576 ? = Zygopetalum Ballii Rolfe.
- MESADENUS GLAZIOVII (Cogn.) Schltr. Syst. Neuord d. Spir.: 368. syn. Stenorhynchus Glaziovii Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 171.
- Mesospinidium jucundum Rchb. f. (1876). Garden Chron. v. 2: 580. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (6): 194. Schlechter in Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 284, tab. 25. — São Paulo, Rio de Janeiro.
- MICROSTYLIS hastilabia Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 283 = Microstylis sertulifera (B. Rodr.) Schltr.
- M. humicola A. Samp. (nomen.) Lista d. Orch. Herv. Mus. Nac.: 24. — Estado do Rio de Janeiro.
- M. JARAGUAE Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 196, tab. 7, fig. 2. — São Paulo.
- M. MUELLERI Schltr. (1921) Fedde Repert. v. 17: 12. — Santa Catharina.
- M. OVATILABIA Schltr. (1920) Fedde Repert.: 330. Schltr. Anal. tab. 17 (N.º 68). — Paraná.
- M. PABSTII Schltr. (1921) Fedde Rep. v. 17: 13. — Santa Catharina.
- M. PARANAENSIS Schltr. (1920) Fedde Repert.: 330. Schltr. Anal. tab. 18 (N.º 69). — Paraná.
- M. SERTULIFERA (B. Rodr.) Schltr. nov. comb. Schlechter Fedde Rep. v. 35: 46. syn. Microstylis hastilabia Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 283, tab. 68, fig. 2 (non Rchb. f.).
- M. SPIRALIPETALA Cogn. (1907) Bull. Soc. Bot. Belg. 1906. v. 43: 302. Orch. Brésil Cogn.: 37. — Brasil.
- MILTONA COGNIAUXIAE J. Peeters. (1900) hybr. Cogn. & Goossens. Dict. Icon. Orch. Milt. tab. 5. — Brasil.
- M. LEUCOGLOSSA Hort. (1898) Gard. Mag. v. 41: 736. hybr. Brasil.
- M. QUADRIJUGA Dus. Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov.: 23. Arkiv. f. Bot. v. 16. (N.º 8). — Paraná.

- MORMODES AURANTIACUM Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 114.
— Amazonas.
- M. VINACEUS Hoehne. Hoehne Lin. Telegr. Estrat. Ann. 5 (pt. 1): 44.
tab. 34. — Matto Grosso.
- NEOBARTLETTIA KUHLMANNII Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. 42 (2):
76. — Amazonas.
- N. SOBRALIOIDES (Rodr.) Schltr. nov. comb. (1920) Fedde Rep. v. 16: 441.
syn. *Palmorchis sobralioides* B. Rodr. *Sobralia Rodriguesii* Cogn.
Fl. Bras. v. 3 (5): 340.
- NEOGARDNERIA MURRAYANA (Gardn.) Schltr. n. comb. (1921) Schltr.
Notizbl. d. Bot. Gart. Berlin (N.º 70): 471. syn. *Zygopetalum*
Murrayanum Gardn. Hook. Bot. Mag. tab. 3.674. Cogn. Fl. Bras.
v. 3 (5): 575. — Rio de Janeiro.
- NEOLAUCHEA PULCHELLA Kränzl. (1897) Bull. Herb. Boiss. v. 5: 110. Syn.
Meiracyllium Wettsteinii Porch. Denkschr. Akad. Wissensch.
Wien. v. 79 (1908): 32. Abb. 3, tab. 16, fig. 19. Hoehne Orchid.
Album, estampa 44. — São Paulo, Rio Grande do Sul.
- NIDEMA OTTONIS (Rchb. f.) Britt & Millsp. syn. *Epidendrum Ottonis* Rchb.
f. Schlechter. Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 104. — Amazonas.
- NOTYLIA FLEXUOSA Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 142. —
Amazonas.
- N. LONGISPICATA Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 280. tab.
22. — São Paulo.
- N. PLATYGLOSSA Schltr. Notizbl. d. Bot. Gart. Berlin v. 6: 125. Schltr.
Anal. t. 56 (N.º 221). — Territorio do Acre.
- N. TAPIRAPOAENSIS Hoehne. Lin. Telegr. Estrat. Ann. 5 (pt. 1): 52. tab. 41.
— Matto Grosso.
- OCTOMERIA albiflora Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 230.
tab. 17, fig. 1. Minas Geraes = *Octomeria lithophila* B. Rodr. seg.
Hoehne Arch. Inst. Biol. v. 2: 46.
- O. albo-rosea Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov.: 16. Arkiv. Bot. v. 16
(N.º 8) = *Pleurothallis albo-rosea*. nov. comb.
- O. ALEXANDRI Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 53, tab. 12,
fig. 3. — S. Paulo.
- O. ARCUATA Rolfe. (1909) Kew Bull: 61. — Brasil.
- O. BRACHYPETALA Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 92. — Ama-
zonas.
- O. BRADEI Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 52, tab. 12, fig. 1.
S. Paulo.
- O. CALDENSIS Hoehne Arch. Inst. Biol. S. Paulo v. 2: 50, est. 9, fig. 2. —
Minas Geraes.
- O. CAMPOS-PORTOI Schltr. Arch. Jard. Bot. Rio v. 3: 291, estampa 26, fig. 1.
— Itatiaia.
- O. DECIPIENS Dammer (1910) Orchis v. 4: 58. — Brasil.
- O. DUCKEI A. Samp. (nomen) (1923) A. Sampaio, Lista das Orchidaceas
do Herbario da Secção de Botanica do Museu Nacional. Rio de
Janeiro: 25. — Estado do Rio de Janeiro.
- O. DUSENII Schltr. (1919) Notizbl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin. v. 7: 324.
Schltr. Anal. tab. 38 (N.º 150). — Paraná.

- OCTOMERIA FIBRIFERA Schltr. (1925) Fedde Repertorium v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 63. — Rio Grande do Sul.
- O. FIMBRIATA Porto & Peixoto. (1922) Arch. Jard. Bot. Rio v. 3: 288. estampa 25. — Itatiaia.
- O. GEHRTII Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 232, tab. 13, fig. 1. — S. Paulo.
- O. GRACILICAULIS Schltr. (1925) Fedde Repertorium v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 63. — Rio Grande do Sul.
- O. gracilis var. PAULENSIS Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 52.
- O. HATSCHBACHII Schltr. Fedde Repert. v. 23: 45. Schltr. Anal. t. 38 (N.º 151). — Paraná.
- O. Hoehnei Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 234, tab. 17, fig. 2. — O. truncicola Barb. Rodr. seg. Hoehne Arch. Inst. Biol. S. Paulo. v. 2: 47. — São Paulo.
- O. iguapensis Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 51. = Oct. oxychela Barb. Rodr. seg. Hoehne Arch. Inst. Biol. S. Paulo. v. 2: 46.
- O. IRRODATA Schltr. (1919) Notizbl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin. v. 7: 325. Schltr. Anal. tab. 38 (N.º 152). — Süd. — Brasilien.
- O. JUERGENSEII Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 64. — Rio Grande do Sul.
- O. lacerata Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 23, tab. 17, fig. 3 = Oct. albina Barb. Rodr. seg. Hoehne Arch. Inst. Biol. S. Paulo v. 2: 45.
- O. OUROPRETANA H. Barb. (1919) Auri-Verde N.º 9) (Março 1920): 4. — Ouro Preto. — Minas.
- O. PALMYRABELLAE Barb. Rodr. (1901) Contributions du Jardin Botanique de Rio de Janeiro Contr. J. B.: 131, tab. 35 a. — São Paulo.
- O. PAULENSIS Barb. Rodr. (1901) Contrib. Jard. Bot. Rio de Jan.: 132, tab. 35, fig. B. — S. Paulo.
- O. RECCHIANA Hoehne Arch. Inst. Biol. S. Paulo v. 2: 48, est. 9, fig. 1. — S. Paulo.
- O. RHODOGLOSSA Schltr. (1918) Notizbl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin. v. 7: 276. Schltr. Anal. tab. 39 (N.º 153). — Paraná.
- O. RIOGRANDENSIS Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 65. — Rio Grande do Sul.
- O. SANCTI ANGELI Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 52, tab. 9, fig. 2. — Rio Grande do Sul.
- O. SERPENS Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 92. — Amazonas.
- O. SERRANA Hoehne (1928) Boletim do Inst. Brasil de Sciencias, Anno 3 (3): 46. Arch. Inst. Biol. S. Paulo v. 2: 48, tab. 8, fig. 2. — S. Paulo.
- O. SIMILIS Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 50, tab. 10, fig. 1. — S. Paulo. — (seg. Hoehne = Oct. crassifolia Ldl. Arch. Inst. Biol. S. Paulo v. 2: 47. ? ?).
- O. SURINAMENSIS H. C. Focke Amazonas. Nova para o Brasil. Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 93.
- O. TARACUANA Schltr. Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 93. — Amazonas.

- OCTOMERIA UMBONULATA Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 67. — Rio Grande do Sul.
- O. UNGUICULATA Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 66. — Rio Grande do Sul.
- O. WILSONIANA Hoehne Bol. d. Inst. Bras. de Sciencias. v. 3: (51). Arch. Inst. Biol. S. Paulo v. 2: 51, est. 10. — S. Paulo.
- ONCIDIUM ABERRANS Schltr. (1919) Notizbl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin v. 7: 328. Schltr. Anal., tab. 57 (N.º 225). — Paraná.
- O. ALBINI Schltr. Fedde Rep. v. 23: 63. — Paraná.
- O. ALFREDI Kränzl. Orchid. Odontogl. v. 2: 232. — S. Paulo (Serra da Bocaina).
- O. Batemanianum Cogn. in. Fl. Bras., tab. 86. (nec. Oncidium Batemanianum Parm. Knowl & Westc. Flor. Cab. w. 3: 113, tab. 137). = Oncidium mixtum Schltr.
- O. BEYRODTIANUM Schltr. (1910) Fedde Rep. nov. sp. v. 8: 572. — Brasil.
- O. BLOSSFELDIANUM Schltr. (1915) Orchis v. 9: 56 in obs. — Brasil.
- O. CHRYSOPTERUM (Lindl.) Kränzl. = O. macropetalum Ldl. var. chrysopterum Lindl. Fl. Bras. v. 3. — 4: 296, especie propria, seg. Kränzl. Kg. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46. (N.º 10): 82.
- O. HATSCHBACHII Schltr. Fedde Rep. v. 23: 64. — Paraná.
- O. HECATANTHUM Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 81, tab. 13, fig. 5. — Rio Grande do Sul.
- O. JOHNIANUM Schltr. (1906) Schlechter in Orchis v. 1: 4. Schltr. Anal. t. 58. (N.º 229). — Brasil.
- O. MEGALOPTERUM Kränzl. Orchid. Odontogl. v. 2: 156. ? Brasil ?
- O. MELLIFLUUM Kränzl. Orchid. Odontogl. v. 2: 156. — Brasil ?
- O. MIXTUM Schltr. Mss. in Herb. Berol. syn. Oncidium Batemanianum Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6) tab. 86, seg. Schlechter Arch. Bot. São Paulo v. 1 (3): 289. Schltr. Anal., tab. 58 (N.º 230). — S. Paulo.
- O. ORNITHOCEPHALOIDES Kränzl. (1922) Pflanzenreich Orch. Monandr. Oncid.: 127. — Brasil austr.
- O. OTTONIS Schltr. (1914) Orchis. v. 8: 61. — Rio Grande do Sul.
- O. PARANAENSE Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 84, tab. 13, fig. 1. — Paraná.
- O. PATULUM Schltr. (1914) Orchis (N.º 2): 18. — Brasil.
- O. PSYCHE Schltr. (1921) Fedde Repert. v. 17: 16. Schltr. Anal., tab. 58. (N.º 231). — Rio Grande do Sul.
- O. pulvinatum Ldl. var. MINARUM Hoehne & Schltr. nov. var. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 290. — Minas Geraes.
- O. pumilum var. LAXUM Kränzl. n. var. (1920) Orch. Dus. Nov.: 27. Arkiv. f. Bot. v. 16 (N.º 8).
- O. REISII Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 290. tab. 23. — S. Paulo.
- O. WALUEWA Rolfe. Kew Hand-list. Orch. ed. 2: 167 (= Waluewa pulchella). — Brasil.
- O. ZIKANIANUM Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 293, tab. 24. Schltr. Anal., tab. 57 (N.º 228). — Minas Geraes.
- Orleanesia Jauaperiensis B. Rodr. = Huebneria Jauaperiensis (B. Rodr.) Schltr.

- ORNITHOCEPHALUS AVICULA Rchb. f. & Wulsch. in Cogn. Not. s. Orch. d. Bres.: 70 — Amazonas. Nova para a flora do Brasil.
- O. BRACHYSTACHYUS Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 104. — Rio Grande do Sul.
- O. *dasyrhizus* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 77, tab. 12, fig. 4 = *Zygostates dasyrhizus* (Kränzl.) Schltr. seg. Schlechter Fedde Repert. v. 16 (1920): 449.
- O. DUSENIANUS Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov.: 26. Arkiv. f. Bot. v. 16 (N.º 8). — Paraná.
- O. FALCATUS Focke in Cogn. Not. s. 1 Orch. d. Bres.: 70 — Amazonas. Nova para a flora do Brasil.
- O. GRACILISCAPUS Cogn. (1906) Bull. Soc. Bot. Belg. v. 43: 334. Orch. Brésil Cogn.: 69. — Amazonas.
- O. *multiflorus* Rolfe = *Zygostates multiflora* (Rolfe) Schltr.
- O. PUSTULATUS Kränzl. Kgl. S. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 77, tab. 12, fig. 3. — Paraná.
- OTOSTYLIS LEPIDA (Lind. & Rchb. f.) Schltr. nov. nom. (1918) Schlechter "Orchis" (anno 12) (N.º 1-2): 27. syn. *Aganisia lepida* Lind. & Rchb. f. icon Nov. Act. Nat. Cur. v. 35 (2): 15, tab. 5. *Lindenia* 9 (1893), tab. 400. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 523. — Amazonas.
- O. VENUSTA (Ridl.) Schltr. n. nom. (1918) Schlechter "Orchis" (anno 12) (N.º 1-2): 28. syn. *Zygopetalum venustum* Ridl. Trans. Linn. Soc. ser. 2 Bot. v. 2: 283, tab. 47, fig. 1-6. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (5): 574 *Koellensteinia alba* (Ridl.) Schltr. — Roraima.
- PARADISIANTHUS MICRANTHUS (B. Rodr.) Schltr. (1918) nov. nom. Schlechter "Orchis" (anno 12) (N.º 1-2): 24. syn. *Zygopetalum micranthum* B. Rodr. *Paradisianthus paranaensis* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 519. tab. 99, fig. 1.
- P. NEGLECTUS Schltr. (1918) "Orchis" (anno 12) (N.º 1-2): 21, tab. 3. — Brasil austr.
- P. *paranaensis* B. Rodr. = *Paradisianthus micranthus* (B. Rodr.) Schltr.
- PELEXIA APHYLLA (Vell.) Schltr. n. comb. Beih. z. Bot. Centralbl. v. 37: 400. *Serapias aphylla* Vell. Fl. Flum. v. 9, tab. 57, syn. *Stenorhynchus Arrabidaea* Rchb. f. Cogn. Fr. Br. v. 3 (4): 165. — Minas Geraes.
- P. BONARIENSIS (Ldl.) Schltr. 1. c.: 400. syn. *Stenorhynchus bonariensis* (Ldl.) Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 164. — *Spiranthes bonariensis* Ldl. Warming. Symb. Fl. Bras. centr. v. 30, tab. 10, fig. 10. — Argentina, Uruguay, Paraguay, Brasil (Rio Grande do Sul).
- P. BRADEI Schltr. Mansfeld. (1928) in Fedde Repert. v. 24: 244. — S. Paulo.
- P. BURGERI Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 34. — Rio Grande do Sul.
- P. CALOPHYLLA (Porsch.) Schltr. n. comb. Beih. Bot. Centralbl. v. 37: 408. syn. *Stenorhynchus calophyllus* Porsch. *Ergeb. d. Exp. d. Akad. d. Wiss.* v. 1: 96, tab. 11, fig. 21 — 27. — São Paulo.
- P. CUCULLIGERA (Rchb. f. & Warm.) Schltr. 1. c.: 401. syn. *Spiranthes cuculligera* Rchb. f. & Warm. Symb. ad. Fl. Bras. Centr. v. 30: 859. tab. 11, fig. 4. — *Stenorhynchus cuculliger* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 175 — Minas Geraes.

- PELEXIA DOLICHORHIZA Schltr. (1920) Fedde Repert.: 325 Schltr. Anal. t. 15. N.º 60). — Paraná.
- P. GRACILIS Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 34. — Rio Grande do Sul.
- P. HILARIANA (Cogn.) Schltr. Beih. Bot. Centrbl. v. 37: syn. Stenorrhynchus Hilarianus Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 541. — Minas Geraes.
- P. HYPNOPHILA (B. Rodr.) Schltr. n. comb. 1. c.: 409. syn. Stenorrhynchus hypnophilus B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 163, tab. 37, fig. 1. — Minas Geraes, Paraná.
- P. HYSTERANTHA (B. Rodr.) Schltr. 1. c.: 402 syn. Stenorrhynchus hysterranthus B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 181, tab. 38, fig. 2 — Minas Geraes, Paraguay.
- P. INCURVIDENS Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35 Orch. Rio Grande do Sul: 35. — Rio Grande do Sul.
- P. ITATIAYAE Schltr. Fedde Rep. v. 27: 300. Schltr. Anal., tab. 16 (N.º 61). — Itatiaya.
- P. LAMINATA Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 22, tab. 3, fig. 2. — São Paulo.
- P. LINDMANIANA (Kränzl.) Schltr. n. comb. Beih. Bot. Centrbl. v. 37: 403 = Stenorrhynchus Lindmanianus Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46. (N.º 10): 23, tab. 4 fig. 6. — Paraná.
- P. LINDMANII Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 18, tab. 3, fig. 3, tab. 4, fig. 2. Schlechter Neuord d. Spiranthinæ: 411. Sect. Centropelexia. (non Pelexia Lindmaniana (Kränzl.) Schltr. — Rio Grande do Sul.
- P. LOEFGRENII (Porsch.) Schltr. Beih. Bot. Centrbl. v. 37: 403 syn. Stenorrhynchus Loefgrenii Porsch. Ergeb. d. Exped. d. Akad. d. W. v. 1: 97, tab. 15, fig. 18-23 — S. Paulo.
- P. longicornu Cogn. = Centrogenium longicornu (Cogn.) Schltr.
- P. LUETZELBURGII Schltr. (1921) Fedde Repert. v. 17: 269. — Rio de Janeiro.
- P. MACROPODA (B. Rodr.) Schltr. n. comb. Beih. Bot. Centrbl. v. 37: 409. syn. Stenorrhynchus macropodus. B. Rodr. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 169, tab. 38, fig. 1. — Minas Geraes.
- P. MINARUM (Kränzl.) Schltr. n. comb. v. 1.: 403. syn. Stenorrhynchus minarum Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 22, tab. 5, fig. 4. — Minas Geraes.
- P. MOURAEI Schltr. (1921) Fedde Repert. v. 17: 270. — Rio de Janeiro.
- P. OESTRIFERA (Rehb. f. & Warm.) Schltr. Beih. Bot. Centrbl. v. 37: 404 syn. Spiranthes oestrifera Rehb. f. & Warm. Fl. Bras. Centr. v. 30, tab. 11, fig. 1. Stenorrhynchus oestrifer Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 163. — Minas Geraes.
- P. OROBANCHOIDES (Kränzl.) Schltr. n. comb. 1. c.: 404. syn. Stenorrhynchus orobanchoides Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46 (N.º 10): 24, tab. 5, fig. 3. — Paraná, S. Paulo.
- P. ORTHOSEPALA (Rehb. f. & Warm.) Schltr. n. comb. 1. c.: 404. Spiranthes orthosepala Rehb. f. & Warm. Symb. Fl. Bras. Centr. v. 30: 856, tab. 10, fig. 12. (= Stenorrhynchus hysterranthus Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 182. p. parte.) — Minas Geraes.

- PELEXIA PARVA (Cogn.) Schltr. l. c.: 404. syn. Stenorrhynchus parvus Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 537, tab. 109, fig. 2. — Minas Geraes.
- P. POLYANTHA Schltr. Mansfeld. (1928). in Fedde Repert. v. 24: 244. — São Paulo.
- P. PTERYGANTHA (Rchb. f. & Warm.) Schltr. n. comb. Beih. Bot. Centrbl. v. 37: 405. syn. Spiranthes pterygantha Rchb. f. & Warm. Symb. Fl. Bras. Centr. v. 30: 857, tab. 10, fig. 13. = Stenorrhynchus pteryganthus Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 171. Hoehne Album Orchid. Estampa 12. — Minas Geraes.
- P. ROBUSTA (Kränzl.) Schltr. n. comb. l. c.: 405. syn. Stenorrhynchus robustus Kränzl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46. (N.º 10): 25, tab. 5, fig. 5. — Paraná.
- P. roseoalba Rchb. f. Fl. Bras. v. 3 (4): 156. = Centrogenium roseoalbum (Rchb. f.) Schltr.
- P. SCEPTUM Schltr. (1922) Anex. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 21, tab. 3, fig. 1. — S. Paulo.
- P. setacea Ldl. Fr. Bras. v. 3 (4): 156. = Centrogenium sectaceum (Ldl.) Schltr.
- P. STENANTHA (Cogn.) Schltr. l. c.: 411: syn. Stenorrhynchus stenanthus Cogn. Bull. Soc. Bot. Belg. v. 43: 288. — Minas Geraes.
- P. STICTOPHYLLA Schltr. (1925) Fedde Rep. v. 35. Orch. Rio G. do Sul: 36. — Rio Grande do Sul.
- P. TAMANDUENSIS (Kränzl.) Schltr. n. comb. Beih. Bot. Centrbl. v. 37: 406. syn. Stenorrhynchus tamanduensis Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46. (N.º 10): 24, tab. 4, fig. 5. = Stenorrhynchus holosericeus Kränzl. l. c.: 27, tab. 5, fig. 8. — Paraná.
- P. TENUIOR Schltr. (1920) Fedde Reprt.: 324. — Paraná.
- P. TOMENTOSA (Vell.) Schltr. n. comb. Beih. z. Bot. Centrbl. v. 37: 406. syn. Serapias tomentosa Vell. Fl. Flum. v. 9 (1827), tab. 51. — Brasil.
- P. triloba Ldl. Fl. Bras. v. 3 (4): 155 = Centrogenium trilobum (Ldl.) Schltr.
- P. VIRIDIS (Cogn.) Schltr. l. c.: 407. syn. Stenorrhynchus viridis Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 538. — Minas Geraes.
- P. WEIRII (Rchb. f.) Schltr. n. comb. l. c.: 411. syn. Stenorrhynchus Weirii. Cogn. in Fl. Bras. v. (4): 174. Warm. in Symb. Fl. Bras. Centr. v. 30: 856, fig. 7. — Minas Geraes.
- PHLOEOPHILA ECHINATA (Cogn.) Hoehne & Schltr. syn. Physosiphon echinatus Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 338, tab. 118, fig. 1. Arch. de Bot. do Estado de S. Paulo v. 1 (3): 200.
- P. PAULENSIS Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 201, tab. 5, fig. 2. — São Paulo.
- PHRAGMOPEDILUM KLOTZSCHIANUM (Rch. f.) Rolfe. Orch. Rev. v. 4: 330. Pfitzner, Orch. Pleonandrae: 47. syn. Selenipedium Klotzschianum Rchb. f. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 13. — Roraima.
- P. LINDLEYANUM (Schomb.) Rolfe. Pfitzner. Orch. Pleon.: 44. syn. Selenipedium Lindleyanum Rchb. f. Fl. Bras. v. 3 (4): 13, tab. 1, fig. 2. — Roraima.

- PHRAGMOPEDILUM SARGENTIANUM** Rolfe. Pfitzner. Orchid. Pleonandrae: 45. syn. *Selenipedium Sargentianum* Rolfe Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 525. — Pernambuco.
- P. VITTATUM** (Vell.) Rolfe Orch. Rev. v. 4: 330. Pfitzner Orch. Pleon.: 47. syn. *Selenipidium vittatum* Rehb. f. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 11, tab. 1, fig. 1. — Rio de Janeiro, São Paulo.
- PHYMATIDIUM AQUINOI** Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 101. — Rio Grande do Sul.
- P. HERTERI** Schltr. (1920) Fedde Repert. v. 16: 450. Schltr. Anal., tab. 59 (N.º 236). — Rio Grande do Sul.
- P. NAVICULARE** A. Samp. (nomen.) Lista d. Orch. Herv. Mus. Nac.: 28. — Estado do Rio de Janeiro.
- P. PARANAENSE** A. Sampalo. (1916) Arch. Mus. Nac. v. 18: 59, tab. 2. — Paraná.
- PHYSOSIPHON ASAROIDES** Kränzl. (1907) "Orchis" v. 2: 16 = ? *Cryptophoranthus asaroides* (Kränzl.) Hoehne & Schltr.
- P. BRADEI** Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 39, tab. 1, fig. 2. — São Paulo.
- P. deregularis** (B. Rodr.) Cogn. = *Pseudostelis deregularis* (B. Rodr.) Schltr.
- P. echinatus** Cogn. = *Phloeophila echinata* (Cogn.) Hoehne & Schltr.
- P. hystrix** Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov.: 7. Ark. f. Bot. v. 16. (N.º 8) = *Cryptophoranthus hystrix* (Kränzl.) Hoehne & Schltr.
- P. spiralis** Ldl. = *Pseudostelis spiralis* (Ldl.) Schltr.
- PHYSURUS AUSTROBRASILIENSIS** Porsch. (1905) Oesterr. Bot. Zeitschr. 152. Ergeb. d. Exp. d. Akad. d. W. v. 1: 99, tab. 11, fig. 7-11. — São Paulo.
- P. BIDENTIFERUS** Schltr. (1920) Fedde Repert.: 328. — Paraná.
- P. CALLODICTYUS** Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 40, tab. 7, fig. 3. — São Paulo.
- P. DICHOPETALUS** Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 41, tab. 7, fig. 5. — Rio Grande do Sul.
- P. JURUENENSIS** Hoehne. Hoehne Lin. Telegr. Estrat. Ann. 5 (pt. 1): 30. — Matto Grosso.
- P. KUCZYNSKII** Porsch. (1905) Oesterr. Bot. Zeitschr. 152. Ergeb. d. Exp. d. Akad. d. W. v. 1: 99, tab. 15, fig. 1-7. — Santa Catharina, Rio Grande do Sul.
- P. LINDMANII** Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 38, tab. 3, fig. 4, tab. 7, fig. 4. — Rio Grande do Sul.
- P. LONGICALCARATUS** Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 35, tab. 6, fig. 2. — São Paulo.
- P. LONGICORNU** Cogn. Orch. Brésil. Cogn.: 33. — Brasil austro-oriental.
- P. MACER** Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 196, tab. 6, figura 2. — São Paulo.
- P. MALMEI** Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 41, tab. 7, fig. 7. — Rio Grande do Sul.
- P. MICRANTHUS** Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov.: 2. Ark. Bot. Stockholm. v. 16. (N.º 8): 2. — Paraná.
- P. PARANAENSIS** (Kränzl.) Schltr. n. comb. (1920) syn. *Wulfschlaegelia paranaensis* Kränzl. Fedde Repert.: 329. — Paraná.

- PHYSURUS SANTENSIS Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 39, tab. 7, fig. 6. — São Paulo.
- PINELIA HYPOLEPTA Ldl. syn. Restrepia hypolepta Rchb. f. in Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 599.
- P. PAULENSIS Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 250., tab. 5, fig. 1. — São Paulo.
- PLATYRHIZA JUERGENSE Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 103. — Rio Grande do Sul.
- PLECTROPHORA CALCARHAMATA Hoehne Lin. Teleg. Estrat. Ann. 5 (pt. 1): 57, tab. 46. — Matto Grosso.
- PLEUROTHALLIS ACUMINATIPETALA A. Sampaio (1916) Arch. Mus. Nac. v. 18: 58, tab. 1, fig. 2. — Paraná.
- P. ACUTIDENTATA Cogn. Orch. Brésil Cogn.: 49. — São Paulo.
- P. ADENOCHILA Löfgren. (1918) Arch. Jard. Bot. R. Jan. v. 2: 55, estampa 22, fig. B. — São Paulo e Itatiaia.
- P. ALBIPETALA Schltr. & Hoehne (1921) An. Mem. Inst. But. v. 1 (2): 32, tab. 6, fig. 2. — São Paulo.
- P. ALBO-PURPUREA Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov.: 11. Ark. f. Bot. x. 15. (N.º 8). — Paraná.
- P. ALBO-ROSEA (Kränzl.) Brade nov. comb. = Octomeria albo-rosea Kränzl. Ark. f. Bot. v. 16. (N.º 8): 16. — Paraná.
- P. ALEXANDRI Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 49, tab. 9, figura 2. — São Paulo.
- P. ALTOSERRANA Hoehne. Arch. Inst. Biol. v. 2: 20. — S. Paulo.
- P. ANGUSTILABIA Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 207, tab. 11, fig. 2. — São Paulo.
- P. ANOMALA Hoehne. Arch. Inst. Biol. S. Paulo. v. 2: 43, est. 6, fig. 2. — S. Paulo, Rio de Janeiro.
- P. AQUINOI Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 50. — Rio Grande do Sul.
- P. ATROGLOSSA Löfgren. (1918) Arch. J. B. Rio Jan. v. 2: 54, estampa 20, fig. A. — Minas Geraes.
- P. auriculigera Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 207, tab. 11 fig. 2 = Pl. butantanensis Hoehne & Schltr. seg. Hoehne Arch. Inst. Biol. — S. Paulo: 22.
- P. BARBOSANA De Wild. (1906) Garden Chron. v. 39: 244. syn. ? Pl. trilineata B. Rodr. — Brasil.
- P. BIBARBELLATA Kränzl. (1908) Orchis v. 2: 89. — Brasil.
- P. BIGLANDULOSA Schltr. (1922) Notizbl. d. bot. Gartens Berlin. v. 8: 119. Schltr. Anal., tab. 29. (N.º 115). — Paraná.
- P. BRACHIOLOBA Hoehne. Arch. Inst. Biol. v. 2: 44, tab. 7, fig. 1. — S. Paulo.
- P. BRADEI Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 41. tab. 8, fig. 5. — São Paulo.
- P. BUPLEURIFOLIA Porsch. (1905) Oesterr. Bot. Zeitschr. 159. Ergeb. d. Akad. d. W.: 117, tab. 13, fig. 26-29. ? = Pl. depauperata Cogn.
- P. BUTANTANENSIS Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1. (3): 209, tab. 11, fig. 1. syn. Pl. auriculigera Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 207, tab. 11, fig. 2. — S. Paulo.

- PLEUROTHALLIS caespitosa* B. Rodr. adde syn. *P. platycaulis* Rehb. f. e
P. subcordifolia Cogn.
- P. CALCARATA* Cogn. Orch. Brésil Cogn.: 46. — Rio de Janeiro.
- P. CALDENSIS* Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 210, tab. 12,
fig. 2. — Minas Geraes.
- P. CAROLI* Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 52.
— Rio Grande do Sul.
- P. CEARENSIS* Schltr. (1921) Fedde Repert. v. 17: 271. — Ceará.
- P. CILIOLATA* Schltr. Fedde Repert. v. 23: 36. Schltr. Anal., tab. 30
(N.º 118). — Paraná.
- P. congestiflora* Cogn. = *Lepanthopsis congestiflora* (Cogn.).
- P. CONSPERSA* Hoehne Arch. Inst. Biol. v. 3.: 294, tab. 38, fig. 1. — Rio de
Janeiro.
- P. CONVALLIUM* Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov.: 12. Ark. f. Bot. v. 16.
(N.º 8). — Paraná.
- P. CRYPTOPHORANTHOIDES* Löfgren. (1925) Arch. J. Bot. Rio Jan. v. 2: 52,
estampa 21. — Minas Geraes Itatiaia.
- P. CURITYBENSIS* Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov.: 8. Ark. f. Bot. v. 16.
(N.º 8). — Paraná.
- P. CURTII* Schltr. (1922). An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 43, tab. 8, fig. 4.
— São Paulo.
- P. deltoglossa* Cogn. Orch. Brésil Cogn.: 50. — Brasil.
- P. DEPAUPERATA* Cogn. adde syn. *P. bupleurifolia* Porsch. — *P. sororcula*
Schltr.
- P. DRYADUM* Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 45, tab. 8, fig. 2.
— São Paulo.
- P. DUARTEI* Hoehne. Arch. Inst. Biol. S. Paulo. v. 2: 12, estampa 5, fig. 2.
S. Paulo.
- P. EDWALLII* Dusen & Schltr. nov. comb. (1918) Fedde Repert. 15: 270. syn.
Restrepia pleurothalloides Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 566. tab. 118,
fig. 2. Schltr. Anal., tab. 31 (N.º 122). — São Paulo.
Var. *PALLIDA* — Hoehne & Schltr. n. var.
Var. *MAJOR* — Hoehne & Schltr. nov. var. Arch. Bot. S. Paulo. v.
1 (3): 212.
- P. ELEGANTULA* Cogn. Orch. Brésil. Cogn.: 43. — Brasil.
- P. felislingua* B. Rodr. = *Pleu. Saundersiana* Rehb. f.
- P. GEHRTII* Hoehne & Schltr. An. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 214, tab. 10,
fig. 3. — São Paulo.
- P. GLAUCOPHYLLA* Hoehne. Arch. d. Bot. do Estado de S. Paulo. v. 1 (4):
579, tab. 2. — Minas Geraes.
- P. GLANDULIFERA* Löfgren. nomen. Campos Porto. Contribuição para o co-
nhecimento da Fl. Orch. da Serra do Itatiaia. Arch. Jardim Bot.
v. 1: 110. — Itatiaia.
- P. GLOSSOCHILA* Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nove.: 14. Ark. f. Bot. v. 16
(N.º 8). — Paraná.

- PLEUROTHALLIS GOUVEIAE A. Samp. (1916) A. Sampaio. Arch. Mus. Nac. v. 18, tab. I. fig. 1. — Paraná.
- P. granulosa* Cogn. = *Pleu. arcuata* Cogn. seg. Hoehne. Arch. do Inst. Biol. S. Paulo. v. 2: 11.
- P. HAMBURGENSIS* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 45 (N.º 10): 49, tab. 8, fig. 7. — Rio Grande do Sul.
- P. HATSCHBACHII* Schltr. Fedde Repert. v. 23: 38. — Paraná.
- P. HELICONISCAPA* Hoehne Arch. Inst. Biol. v. 2: 15, est. 1, fig. 1. — Rio Grande do Norte.
- P. Hoehnei* Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 215, tab. 10, fig. 1 = *Pleu. heterophylla* Cogn. seg. Hoehne Arch. Inst. Biol. S. Paulo v. 2: 35.
- P. HUEBNERI* Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 90. — Amazonas.
- P. IGUAPENSIS* Schltr. (1922). An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 48, tab. 9, fig. 1. — São Paulo.
- P. IMBEANA* Brade. Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro. v. 34.: 116, estampa 2, fig. A. — Estado do Rio de Janeiro.
- P. INSULARIS* Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 217, tab. 15, fig. 1. — São Paulo.
- P. IPYRANGANA* Schltr. Fedde Repert. v. 23: 39. — Paraná.
- P. JORDANENSIS* Hoehne Arch. Inst. Biol. v. 2.: 23, tab. 8, fig. 1. — S. Paulo.
- P. JUERGENSII* Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 54. — Rio Grande do Sul.
- P. LAMPROGLOSSA* Schltr. (1918) Notizbl. d. Bot. Gart. Berlin. v. 7: 272. Schltr. Anal., tab. 32 (N.º 128). — Paraná.
- P. LANCEANA* Lodd. Cogn. Orch. d. Brés.: 44 — Pará. Nova para o Brasil.
- P. LANGEANA* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 49. — Paraná.
- P. LAXIFLORA* Porsch. Ergeb. d. Exped. d. Akad. d. W. v. 1: 108, tab. 12, fig. 24-32. — ? São Paulo.
- P. LEPANTHIPODA* Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 218, tab 12, fig. 1. — São Paulo.
- P. LEUCORHODA* Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 54. — Rio Grande do Sul.
- P. LEUCOSEPALA* Löfgren (1918) Arch. J. B. Rio Jan. v. 2: 49, estampa 23, fig. B. — São Paulo.
- P. LITHOPHILA* Barb Rodr. (1907) Contr. J. B. v. 4: 100. — Brasil.
- P. Loefgrenii* Cogn. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 559, tab. 116, fig. 3. = *Pleu. pelioxantha* B. Rodr. Fl. Bras. v. 3 (4): 570, tab. 108. fig. 2, seg. Schlechter. Fedde Repert. Beih. v. 35: 57 = *Pleu. macrophyta* Barb. Rodr. seg. Hoehne in Arch. Inst. Biol. S. Paulo v. 2: 39.
- P. LONGICORNU* Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov.: 13. Ark. f. Bot. v. 16 (N.º 8). — Paraná.
- P. MACAHEENSIS* Cogn. (1906) Bull. Soc. Bot. Belg. v. 43: 310 (1907) Orch. Brésil. Cogn.: 45. — Estado do Rio.
- P. MAGNICALCARATA* Löfgren. Arch. Jard. Bot. v. 2: 51. Estampa 18, fig. A. — São Paulo.

- PLEUROTHALLIS MARGARITIFERA Schltr. (1918) Notizbl. Kgl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin v. 7: 272. Schltr. Anal., tab. 33 (N.º 132). — Paraná.
- P. MENTIGERA Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 50, tab. 8, fig. 5. Hoehne Contr. Fl. Orch. Bras. Arch. Inst. Biol. S. Paulo. v. 1: 17. Estampa 2, fig. 1. — São Paulo.
- P. MICROELEPHARA Schltr. (1918) Notizbl. Kgl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin v. 7: 273. Schltr. Anal., tab. 34 (N.º 133). — Paraná.
- P. MICROTIS Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 56. — Rio Grande do Sul.
- P. minutiflora Cogn. = Pleurothallis modestiflora Schltr.
- P. MIRABILIS Schltr. (1918) Notizbl. Kgl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin. v. 7: 274. — Paraná.
- P. MODESTIFLORA Schltr. n. nom. Schlechter Fedde Repert. Belh. v. 35: 56. syn. Pleurothallis minutiflora Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 564, tab. 110, fig. 2. Minas. Rio Grande do Sul.
- P. MONTIPELLADENSIS Hoehne. Arch. Inst. Biol. S. Paulo. v. 2: 36, est. 6, fig. 1. — São Paulo.
- P. montserratii Porsch. 1. c. 158. Ergeb. d. Exp. d. Ak. d. W. I: 117, tab. 13, fig. 12-17. Löfgren. in Arch. Jard. Bot. = Pleurothallis rubens Ldl.
- P. muscosa B. Rodr. var. PARVIFLORA Hoehne n. var. Arch. Inst. Biol. S. Paulo v. 2: 12, est. 3, fig. 1.
- P. MYRMECOPHILA Hoehne. Lin. Telegr. Estr. Ann. 5 (pt. 5): 47, tab. 93. — Matto Grosso.
- P. OCHRACEA Porsch. Ergeb. d. Exped. d. Akad. d. W.: 112, tab. 13. fig. 33-38. — São Paulo.
- P. OCELLATA Porsch. (1905) Oesterr. Bot. Zeitschr.: 156. Ergeb. d. Exped. d. Akad. d. W. v. 1: 112, tab. 12, fig. 4-9. — São Paulo.
- P. ORGANENSIS A. Samp. (nomen.) Lista d. Orch. Herv. Mus. Nac.: 30. — Estado do Rio de Janeiro.
- P. ORNITHORHYNCHA Hoehne. Arch. Inst. Biol. v. 2: 34, tab. 5, fig. 1. — São Paulo.
- P. PARANAENSIS Schltr. (1918) Notizbl. Kgl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin v. 7: 274. Schltr. Anal., tab. 35 (N.º 138). — Paraná.
- P. PASPALIFORMIS Löfgren. (1918) Arch. J. B. Rio Janeiro v. 2: 53, estampa 20, fig. B. — São Paulo. Itatlaya.
- P. PAULOENSIS Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 219, tab. 15. fig. 3. — São Paulo.
- P. PELIOXANTHA B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 570. adde syn. Pl. Löefgrenii Cogn.
- P. PETERSIANA Schltr. (1918) Notizbl. Kgl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin v. 7: 275. Schltr. Anal., tab. 35 (N.º 139). — Paraná.
- P. PETROPOLITANA Hoehne. Arch. Inst. Biol. v. 3: 296, est. 39, fig. 1. — Rio de Janeiro.
- P. platycaulis Rehb. f. = Pleu. caespitosa B. Rodr.

- PLEUROTHALLIS PORPHYRANTHA Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov.: 10. Ark. f. Bot. v. 16 (N.º 8). — Paraná.
- P. PUBIPETALA Hoehne. Arch. Inst. Biol. v. 3: 296, est. 39, fig. 3. — Rio de Janeiro.
- P. PUTTEMANSII Hoehne. Arch. Inst. Biol. v. 2: 24, est. 7, fig. 2. — São Paulo.
- P. REPENS Rolfe (1912) Kew. Bull: 131. — Brasil austral.
- P. RHABDOSEPALA Schltr. (1918) Notizbl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin. v. 7: 276. Schltr. Anal. tab. 35 (N.º 140). — ? Süd-Brasilien.
- P. RUSCIFOLIA R. Br. (1813) in Alt. Hort. Kew. ed. 2. v. 11: 211. — Rio Grande do Sul. Nova para o Brasil.
- P. *Saundersiana* Rchb. f. syn. Pl. felislingua B. Rodr. Fl. Bras. v. 3 (4): 466, tab. 97, fig. 1, seg. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46 (N.º 10): 48.
- P. SEMPERFLORENS Lindl. Cogn. Not. s. Orch. Br.: 47. Nova para o Brasil.
- P. SIMPLICIGLOSSA Löfgren. (1918) Arch. Jard. Bot. Rio Jan. v. 2: 50, estampa 19, fig. A. — São Paulo.
- P. SONDERANOIDES Hoehne Arch. Inst. Biol. v. 2.: 30, est. 1, fig. 2. — S. Paulo.
- P. SORDIDA Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov.: 8. Ark. f. Bot. v. 16 (N.º 8). — Paraná.
- P. *sorocula* Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 46, tab. 1, fig. 1. São Paulo = P. depauperata Cogn. seg. Hoehne Arch. Inst. Biol. S. Paulo. v. 2: 40. = Pl. bupleurifolia Porsch.
- P. SPANNAGELIANA Hoehne. Arch. Inst. Biol. v. 3: 297, est. 38, fig. 3. — Rio de Janeiro.
- P. SPARSIFLORA Schltr. (1925). Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 59. — Rio Grande do Sul.
- P. STENOCARDIUM Schltr. Notizbl. d. Bot. Gart. Berlin. v. 6: 123. — Ro-raima.
- P. STICTOPHYLLA Schltr. Fedde Rept. v. 23: 43. — Paraná.
- P. *subcordifolia* Cogn. = Pleu. caespitosa Barb. Rodr. seg. Hoehne Arch. do Inst. Biol. S. Paulo: 13.
- P. SUBPICTA Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 42, tab. 8, fig. 1. — São Paulo, Rio Grande do Sul.
- P. SUBROTUNDIFOLIA Cogn. (1907) Bull. Soc. Bot. Belg. 1906 v. 43: 317. Orch. Brésil Cogn.: 52. — Rio de Janeiro.
- P. SUBULIFOLIA Kränzl. (1908) Orchis v. 2: 91. — Brasil.
- P. SUBUMBELLATA Cogn. (1907) Bull. Soc. Bot. Belg. 1906 v. 43: 313. Orch. Brésil. Cogn.: 48. — Rio de Janeiro.
- P. SUCCEDANEA Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 224. tab. 16, fig. 3. — São Paulo.
- P. SULCATA Porsch. (1905) Osterr. Bot. Zeitsch. 157. Ergeb. d. Exp. d. Akad. d. W. v. 1: 113, tab. 13, fig. 1-7. — São Paulo.
- P. TARACUANA Schltr. (1925) Beih. Bot. Contralbl. v. 42 (2): 91. — Amazonas.

- PLEUROTALLIS TIGRIDENS Löfgren. (1918) Arch. Jard. Bot. Rio Jan. v. 2: 56, estampa 23. — Rio de Janeiro.
- P. TRANSPARENS Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 44, tab. 8, fig. 6. — São Paulo.
- P. UNGUICULATA Hoehne. Arch. Inst. Biol. v. 2: 32. Est. 4, fig. 2. — São Paulo.
- P. unilateralis Cogn. = Lepanthopsis unilateralis (Cogn.).
- P. VELLOZOANA Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 65. — Rio Grande do Sul.
- P. VERSICOLOR Porsch. (1905) Oesterr. Bot. Zeitschr. 155. Ergeb. d. Exped. d. Akad. d. W. v. 1: 110, tab. 12, fig. 16-23. — São Paulo.
- P. VINOSA Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 227, tab. 15, figura 2. — Minas Geraes.
- P. VITELLINA Porsch. 1. c. 158. Ergeb. d. Exped. d. Akad. d. W. v. 1: 115, tab. 13, fig. 18-23. — São Paulo.
- P. XYLOBIOSCHILA Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov.: 9. Ark. f. Bot. v. 16 (N.º 8). — Paraná.
- P. YPIRANGAE Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 50, tab. 8, fig. 6. — Paraná.
- Pogonia aphylla* B. Rodr. = *Cleistes aphylla* (B. Rodr.) Hoehne.
- P. bella Rchb. f. Warm. = *Cleistes aphylla* (B. Rodr.) Hoehne.
- P. Bradeana Kränzl. Arkiv. f. Bot. v. 14 (N.º 10): 4. Orch. Quaedam. Americanae = *Cleistes paranaensis* (B. Rodr.) Schltr.
- P. brasiliensis B. Rodr. = *Cleistes brasiliensis* (B. Rodr.) Schltr.
- P. calantha Schltr. (1920) Fedde Repert.: 317. Rio de Janeiro. Districto Federal = *Cleistes calantha* Schltr.
- P. calopectera Rchb. f. Warm. = *Cleistes calopectera* (Rchb. f.) Schltr.
- P. carnosula Rchb. f. = *Triphora carnosula* (Rchb. f.) Schltr.
- P. fragrans Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 18, tab. 2, figura 3. — São Paulo = *Cleistes fragrans* Schltr.
- P. Rodriguesii Cogn. = *Cleistes gracilis* (B. Rodrg.) Schltr.
- P. grandiflora Rchb. f. = *Cleistes grandiflora* (Aubl.) Schltr.
- P. humidicola Schltr. (1920) Fedde Repert.: 317. Paraná = *Cleistes humidicola* Schltr.
- P. latipetala B. Rodr. = *Cleistes latipetala* (B. Rodr.) Schltr.
- P. lepida Rchb. f. = *Cleistes lepida* (Rchb. f.) Schltr.
- P. Libonii Rchb. f. = *Cleistes Libonii* (Rchb. f.) Schltr.
- P. lillastrum Rchb. f. = *Cleistes lillastrum* Rchb. f.
- P. macrantha B. Rodr. = *Cleistes macrantha* (B. Rodr.) Schltr.
- P. magnifica Schltr. (1920) Fedde Repert.: 316. Paraná = *Cleistes magnifica* Schltr.
- P. mantiqueirae Rchb. f. & Warm. = *Cleistes mantiqueirae* Rchb. f. & Warm.
- P. metallina B. Rodr. = *Cleistes metallina* (B. Rodr.) Schltr.
- P. Miersii Rchb. f. = *Cleistes Miersii* Gardn.

- Pogonia modesta* (B. Rodr.) Cogn. = *Psilochilus modestus* B. Rodr.
P. monantha B. Rodr. = *Cleistes monantha* (B. Rodr.) Schltr.
P. montana Rchb. f. = *Cleistes montana* Gard.
P. paludosa Rchb. f. = *Cleistes paludosa* Rchb. f.
P. paranaensis B. Rodr. = *Cleistes paranaensis*. (B. Rodr.) Schltr. var. major. Schltr. (1920) Fedde Repert.: 318 = *Cleistes paranaensis* (B. Rodr.) Schltr. var.
P. parviflora Rchb. f. = *Cleistes parviflora* Ldl.
P. paulensis Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 17, tab. 2, fig. 2. — São Paulo = *Cleistes paulensis* Schltr.
P. pluriflora B. Rodr. = *Cleistes pluriflora* (B. Rodr.) Schltr.
P. pusilla Rchb. f. & Warm. = *Triphora pusilla* (Rchb. f. & Warm.) Schltr.
P. quadricullosa B. Rodr. = *Cleistes quadricullosa* (B. Rodr.) Schltr.
P. revoluta B. Rodr. = *Cleistes revoluta* (B. Rodr.) Schltr.
P. rodeiensis B. Rodr. = *Cleistes rodeiensis* (B. Rodr.) Schltr.
P. Rodriguezii Cogn. = *Cleistes gracilis* (B. Rodr.) Schltr.
P. rosea Rchb. f. = *Cleistes rosea* Ldl.
P. speciosa Rchb. f. = *Cleistes speciosa* Gardn.
P. surinamensis Ldl. = *Triphora surinamensis* (Ldl.) Schltr.
P. tenuis Rchb. f. = *Cleistes tenuis* (Rchb. f.) Schltr.
P. unguiculata Rchb. f. = *Cleistes unguiculata* (Rchb. f.) Schltr.
P. vinosa B. Rodr. = *Cleistes vinosa* (B. Rodr.) Schltr.
POLYCYCNIS BARBATA Rchb. f. Lin. Telegr. Estrat. Ann. 5 (pt. 3): 11 (pt. 4): 27. Nova para o Brasil.
P. BREVILOBA Summerhayes. (1928) Orch. Rev. v. 36: 315. Kew. Bul. (1929): 9. — Brasil ?
P. VITTATA Rchb. f. nova para o Brasil. Notizbl. d. Bot. Gert. Berlin. v. 10: 380. — Amazonas.
POLYSTACHIA AMAZONICA Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 77. Schltr. Anal., tab. 47 (Nº 186). — Amazonas.
P. BRADEI Schltr. (1928) Mansfeld in Fedde Repert. v. 24: 245. — S. Paulo.
P. EDWALLII Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 256, tab. 19. — São Paulo.
P. HOHNEANA Kränzl. Fedde Repert. Beih. 39: 73. — Minas Geraes.
P. HUEBNERI Schltr. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 112. — Amazonas.
P. JUERGENSEI Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 80. — Rio Grande do Sul.
P. MICRANTHA Schltr. (1925). Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 81. — Rio Grande do Sul.
P. STENOPHYLLA Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 113. — Amazonas.
PONERA GERAENSIS Barb. Rodr. (1907) Contr. Jard. Bot. v. 4: 103. — Minas Geraes! !
Ponthieva paranaensis Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (Nº 10): 43, tab. 8, fig. 3 = *Baskervillea paranaensis* (Kränzl.) Schltr.

- PRESCOTTIA COLORANS Ldl. (1915) Bot. Reg. Tab. 1915. — Schlechter in Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 185. syn. Prescottia stachyoides Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 258 (nec. P. stach. Ldl.).
- P. POLYPHYLLA Porsch. Ergeb. d. Exped. d. Akad. d. W. v. 1: 101, tab. 15, fig. 8-9. — São Paulo.
- P. POLYSPHAERA Schltr. (1920) Schlechter Fedde Repert. v. 16: 357. — Rio Grande do Sul.
- P. stachyoides Cogn. = Prescottia colorans Ldl.
- P. STRICTA Schltr. (1921) Fedde Repert. v. 17: 269. — Minas Geraes.
- P. TRUNCICOLA Schltr. (1920) Fedde Repert.: 319. — Paraná.
- PROMENAEA ACUMINATA Schltr. (1919) Notizbl. Botan. Gart. u. Mus. Berlin. v. 7: 327. — Brasil austral.
- P. ALBESCENS Schltr. (1919) Notizbl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin. v. 7: 327. Schltr. Anal., tab. 50. (N.º 197). — ? Brasil austral.
- P. CATHARINENSIS Schltr. (1921) Notizbl. Bot. Gart. Berlin. (N.º 70): 479. — Santa Catharina.
- P. DUSENII Schltr. (1921) Notizbl. d. Bot. Gart. Berlin. (N.º 70): 476. Schltr. Anal. t. 50 (N.º 198). — Brasil. Paraná.
- P. FUERSTENBERGIANA Schltr. (1921) Notizbl. Bot. Gart. Berlin. (N.º 70): 481. — Santa Catharina.
- P. MALMQUISTIANA Schltr. (1921) Notizbl. Bot. Gart. Berlin. (N.º 70): 475. — Brasil.
- P. PARANAENSIS Schltr. (1921) Notizbl. Bot. Gart. Berlin. (N.º 70): 477. — Paraná.
- P. PAULENSIS Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 63, tab. 13, fig. 1. — São Paulo.
- P. RIOGRANDENSIS Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35: 87. Orch. Rio Grande do Sul: 87. — Rio Grande do Sul.
- PSEUDOSTELIS BRADEI Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 38, tab. 7, fig. 1. — São Paulo.
- P. DEREULARIS (B. Rodr.) Schltr. Schlechter Mem. Inst. But. v. 1 (4): 38. syn. Stelis deregularis B. Rodr. = Physosiphon deregularis (B. Rodr.) Cogn. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 341, tab. 78, fig. 3. — Rio de Janeiro.
- P. SPIRALIS (Ldl.) Schltr. nov. comb. Schltr. Inst. But. v. 1 (4): 38 syn. Physosiphon spiralis Ldl. Bot. Reg., tab. 1.797. Pleurothallis crassipes Rchb. f. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 341. — Santa Catharina.
- PSILOCHILUS MODESTUS B. Rodr. (1882) Orch. Nov. v. 2: 273. syn. Pogonia modesta Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 133, tab. 27, fig. 2. Schlechter Fedde Repert. Beih. v. 35: 25. — Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul. syn. Pogonia physurifolia Kränzl. (nec. Rchb. f.) Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46 (N.º 10): 16.
- Pterichis Widgreni (Rchb. f.) Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 246. = Brachys-tele Widgreni (Rchb. f.) Schltr.

- PTEROGLOSSA MACRANTHA* (Rchb. f.) Schltr. Schlechter system. Neuord. d. Spir: 450. syn. *Stenorrhynchus macranthus* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 176. tab. 40.
- QUEKETTIA australis* Kränzl. (1906) Fedde Repert. nov. sp. v. 2: 57 = *Capanemia australis* (Kränzl.) Schltr. — Brasil.
- Q. carinata* (B. Rodr.) Cogn. = *Capanemia carinata* B. Rodr.
- Q. Duseniana* Kränzl. (1920) Orch. Dus. Nov.: 24. — Paraná. Arkiv. f. Bot. v. 16 (N.º 8) = *Capanemia Duseniana* (Kränzl.).
- Q. Longirostellata* A. Sampaio (1916) Arch. Nac. v. 18: 61, tab. 3, Brasil, Minas. = *Capanemia Theresiae* B. Rodr. seg. Schlechter Arch. Bot. São Paulo. v. 1 (3): 279.
- Q. micromera* (B. Rodr.) Cogn. = *Capanemia micromera* B. Rodr.
- Q. Theresiae* (B. Rodr.) Cogn. = *Capanemia Theresiae* B. Rodr.
- REICHENBACHANTHUS REFLEXUS* (Ldl.) n. comb. = *Scaphyglottis reflexa* Ldl. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (5): 17, tab. 6, fig. 1. = *Reichenbachanthus modestus* B. Rodr. = ? *Hexisea reflexa* Rchb. f. = *Fractunguis brasiliensis* Schltr. — Rio de Janeiro, Minas Geraes, São Paulo.
- Restrepia australis* Cogn. = *Barbosella australis* (Cogn.) Schltr.
- R. crassifolia* Edwall = *Barbosella crassifolia* (Edwall) Schltr.
- R. Dusenii* A. Sampaio. (1909) Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro v. 15: 5 c. tab. = *Barbosella Dusenii* (Sampaio) Schltr.
- R. pleurothalloides* Cogn. = *Pleurothallis Edwallii* Dusen & Schltr.
- R. Gardneri* Benth. = *Barbosella Gardneri* (Ldl.) Schltr.
- R. hypolepta* Rchb. f. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 599 = *Pinelia hypolepta* Ldl.
- R. Loeffgrenii* Cogn. = *Barbosella Loeffgrenii* (Cogn.) Schltr.
- R. microphylla* B. Rodr. = *Barbosella microphylla* (B. Rodr.) Schltr.
- R. Miersii* (Ldl.) Rchb. f. = *Barbosella Miersii* (Ldl.) Schltr.
- R. Porschii* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 51. — *Barbosella Porschii* (Kränzl.) Schltr.
- RODRIGUEZIA eleutherosepala* B. Rodr. = *Rodrigueziaopsis eleutherosepala* (B. Rodr.) Schltr.
- R. HUEBNERI* Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 139. — Amazonas.
- R. Juergensiana* Kränzl. = *Capanemia Juergensiana* (Kränzl.) Schltr. (? = *Capanemia uliginosa* B. Rodr. seg. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 278.
- R. LIMAE* Brade. Arch. do Mus. Nac. Rio de Janeiro v. 34: 117. Est. 2, fig. B. — Estado do Rio de Janeiro.
- R. maculata* Rchb. f. var *LONGIFOLIA* Löfgren. Arch. Jard. Bot. v. 2: 60. — Minas Geraes.
- R. LINDMANII* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 75, tab. 2, fig. 7, (vide R. Schlechter. Fedde Repert. v. 16 (1920): 428). — Matto Grosso.

- Rodriguezia microphyton* B. Rodr. = *Rodriguezopsis microphyton* (B. Rodr.) Schltr.
- R. MINOR Schltr. (1925). Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 140. — Amazonas.
- R. *negrensis* B. Rodr. = Rodr. *Leeana* Rchb. f. seg. Schlechter Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 140.
- R. PYGMAEA Kränzl. in Fedde Rep. nov. sp. v. 7: 39. — Brasil.
- R. *uliginosa* (B. Rodr.) Cogn. = *Capanemia uliginosa* B. Rodr.
- RODRIGUEZIOPSIS ELEUTHEROSEPALA (B. Rodr.) Schltr. n. comb. (1920) Fedde. Repert. v. 16: 427 syn. *Rodriguezia eleutherosepala* B. Rodr.
- R. MICROPHYTON (B. Rodr.) Schltr. n. comb. (1920) Fedde Repert. v. 16: 428 syn. *Rodriguezia microphyton* B. Rodr.
- Sanderella discolor* Cogn. = *Trizeuxis discolor* (Cogn.) Schltr.
- SARCOGLOTTIS ALEXANDRI Schltr. (1928) Mansfeld in Fedde Repert. v. 24: 245. — São Paulo.
- S. ALLEMANII B. Rodr. Schlechter Beih. z. Bot. Centrbl. 37: 414. syn. *Spiranthes Allemanii* (B. Rodr.) Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 219. — Ceará.
- S. APHYLLA (Ridl.) Schltr. n. comb. 1. c.: 414. syn. *Spiranthes aphylla* (Ridl.) Cogn. Trans. Linn. Soc. Lond. ser. 2. Bot. v. 2: 284, tab. 48. B., fig. 7-11. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 215. — Venezuela Guyana. ? Brasil.
- S. BIFLORA (Vell.) Schltr. n. comb. 1. c.: 414. syn. *Serapias biflora*. Vell. Fl. Flum. v. 9, tab. 50. *Spiranthes biflora* (Vell.) Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 217. — Minas.
- S. BUTANTANENSIS Hoehne & Schltr. nov. comb. (1921) An. M. Inst. But. v. 1 (2): 27. São Paulo. syn. *Spiranthes butantanensis* Hoehne.
- S. COGNIAUXIANA (B. Rodr.) Schltr. n. comb. Beih. z. Bot. Centrbl. 415. = *Spiranthes Cogniauxiana* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 214, tab. 48, fig. 3. — Brasil.
- S. FASCICULATA (Vell.) Schltr. n. comb. 1. c.: 415. syn. *Spiranthes fasciculata* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 220, tab. 50. — Hoehne Album. Orch. estampa 37. — Rio de Janeiro, Minas Geraes.
- S. GLAUDESCENS Schltr. (1925). Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 37. — Rio Grande do Sul.
- S. GRANDIFLORA (Hk.) Kl. *Neottia grandiflora* Hk. Schlechter Beih. z. Bot. Centrbl.: 416. syn. *Neottia grandiflora* Hk. Bot. Mag. t. 2-730. *Spiranthes grandiflora* Ldl. Bot. Magf tab. 1.043. *Spiranthes acaulis* (Sm.) Cogn. var. *grandiflora* (Ldl.) Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 222. — Rio de Janeiro.
- S. HOMALOGASTRA (Rchb. f. & Warm.) Schltr. n. comb. 1. c.: 417. syn. *Spiranthes homalagastria* Rchb. f. & Warm. Syn. Fl. Bras. Centr. v. 30: 856, tab. 10, fig. 6. — Minas, Paraná, Paraguay.
- S. JUERGENSII Schltr. (1925) Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 38. — Rio Grande do Sul.

- SARCOGLOTTIS METALLICA** (Rolfe) Schltr. n. comb. Beih. Bot. Centrbl.: 417 = *Spiranthes metallica* Rolfe. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (6): 545. — Rio de Janeiro, Guyana.
- S. NEUROPTERA** (Rchb. f. & Warm.) Schltr. n. comb. 1. c.: 418. syn. *Spiranthes neuroptera* Rchb. f. & Warm. Symb. Fl. Bras. Centr. v. 30: 856, tab. 11, fig. 3. *Spiranthes simplex* Griseb. var. *neuroptera* (Rchb. f. & Warm.) Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 216 — Minas, Paraná.
- S. NOVOFRIBURGENSIS** (Rchb. f.) Schltr. n. comb. 1. c.: 418. syn. *Spiranthes novofriburgensis* Rchb. f. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 182. — Rio de Janeiro.
- S. PICTA** (Anders) Kl. Schlechter 1. c.: 419. syn. *Spiranthes picta* Ldl. Bot. Reg. tab. 823. *Spiranthes acaulis* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 221. — Antilhas, Costa Rica, Guyana, Brasil.
- S. RUFESCENS** Kl. Schlechter 1. c.: 420. syn. *Spiranthes rufescens* Fischer. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 222 — Warming. Symb. Fl. Bras. Centr. v. 30: 855, tab. 10, fig. 10. — Hoehne Album Orchid., estampa 14. — Brasil.
- S. RUPESTRIS** B. Rodr. Schlechter 1. c.: 420. syn. *Spiranthes supestris* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 213, tab. 48, fig. 1. Minas Geraes, São Paulo.
- S. SAGITTATA** (Rchb. f. & Warm.) n. comb. 1. c.: 420. syn. *Spiranthes sagittata* Rchb. f. & Warm. Symb. Fl. Bras. Centr. v. 30: 856, tab. 11, fig. 5. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 212. — Minas Geraes.
- S. SANCTA** (Rchb. f. & Warm.) Schltr. n. comb. Schlechter 1. c.: 420. syn. *Spiranthes sancta* Rchb. f. & Warm. Symb. Fl. Bras. Centr. v. 30: 856, tab. 10, fig. 5. — Minas Geraes.
- S. SCHWACKEI** (Cogn.) Schltr. 1. c.: 421. syn. *Spiranthes Schwackei* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 212, tab. 47, fig. 3. — Minas Geraes.
- S. SINCORENSIS** Schltr. 1. c.: 421. syn. *Spiranthes sincorensis* Schltr. Notizbl. d. Bot. Gartens Berlin v. 6 (1914): 122. — Bahia.
- S. TENUIS** Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. (4): 28, tab. 4, fig. 1. — São Paulo.
- S. ULIGINOSA** B. Rodr. Schltr. Beih. z. Bot. Centrbl. 37: 422. syn. *Spiranthes uliginosa* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 216, tab. 49, fig. 1. — Minas Geraes.
- S. UMBROSA** (B. Rodr.) Schltr. n. comb. 1. c.: 422. syn. *Spiranthes umbrosa* B. Rodr. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 223, tab. 51. — Minas Geraes.
- SAUROGLOSSUM candidum** Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 38, tab. 7, fig. 2 = *Hapalorchis candidus* (Kränzl.) Schltr.
- S. ELATUM** Ldl. Bot. Reg., tab. 1.618. Hoehne Album Orch., estampa 17. Schlechter Neuord d. Spir.: 376. — Brasil.
- S. NITIDUM** (Vell.) Schltr. n. comb. Schlechter Syst. Neuord. d. Spir.: 376 syn. *Spiranthes nitida* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 224. — *Spiranthes excelsa* Kränzl. 1. c.: 33, tab. 6, fig. 5. — *Spiranthes pachychila* Kränzl. 1. c.: 37. — Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná.
- SCAPHYGLOTTIS AMAZONICA** Schl. (1925) Beih. Bot. Centr. v. 42 (2): 94. — Amazonas.

- SCAPHYGLOTTIS FLORIBUNDA Mansf. Notizbl. d. Bot. Gart. Berlin Dahlem v. 10: 378. — Amazonas.
- S. HUEBNERI Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 95. — Amazonas.
- S. OCHROLEUCA Schltr. Notizbl. Bot. Gart. Berlin v. 6: 123. — Território do Acre.
- SELENIPEDIUM Klotzschianum Rehb. f. = Phragmopedilum Klotzschianum (Rehb. f.) Rolfe.
- S. Lindleyanum Rehb. f. = Phragmopedilum Lindleyanum (Schomb.) Rolfe.
- S. Sargentianum Rolfe. Arch. v. 1: 239. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 525 = Phragmopedilum Sargentianum Rolfe.
- S. VANILLOCARPUM B. Rodr. (1901) Contr. J. B.: 133, tab. 36 A. — Goyaz.
- S. vittatum Rehb. f. = Phragmopedilum vittatum (Rehb. f.) Rolfe.
- Serapias tomentosa Vell. = Pelexia tomentosa (Vell.) Schltr.
- SIGMATOSTALIX AMAZONICA Schltr. (1925) Beih. Bot. Centrbl. v. 13 (2): 148. — Amazonas.
- var. CAICARENSIS Schltr. l. c.: 149. — Amazonas.
- SOBRALIA CATARACTARUM Hoehne. Hoehne Lin. Telegr. Estrat. Ann. 5 (pt. 1): 39, tab. 28. — Matto Grosso.
- S. Rodriguesii Cogn. = Neobartlettia sobralioides (B. Rodr.) Schltr.
- S. RONDONII Hoehne. Hoehne Lin. Telegr. Estrat. Ann. 5 (pt. 1): 38. — Matto Grosso.
- SOPHRONITELLA VIOLACEA (Ldl.) Schltr. nov. comb. (1925) Fedde Repert. Beih. v. 35: 76. In obs. syn. Sophronites violacea Ldl.
- Sophronites violacea Ldl. = Sophronitella violacea (Ldl.) Schltr.
- Spiranthes acaulis Cogn. = Sarcoglottis picta (Anedrs.) Kl.
- S. Alexandrae Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 32. = Cyclopogon Alexandrae (Kränzl.) Schltr.
- S. Allemanii (B. Rodr.) Cogn. = Sarcoglottis Allemanii B. Rodr.
- S. alpestris B. Rodr. = Cyclopogon alpestris B. Rodr.
- S. amblysepala Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 32, tab. 6, fig. 6. = Cyclopogon diversifolius (Cogn.) Schltr.
- S. aphylla (Ridl.) Cogn. = Sarcoglottis aphylla (Ridl.) Schltr.
- S. aprica Ldl. = Cyclopogon apricus (Ldl.) Schltr.
- S. argyriifolia B. Rodr. = Cyclopogon argyriifolius B. Rodr.
- S. atramentaria Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 35, tab. 6, fig. 9. = Brachystele atramentaria (Kränzl.) Schltr.
- S. atroviridis (B. Rodr.) Cogn. = Cyclopogon atroviridis B. Rodr.
- S. biflora (Vell.) Cogn. = Sarcoglottis biflora (Vell.) Schltr.
- S. bracteosa Ldl. = Brachystele bracteosa (Ldl.) Schltr.
- S. butantanensis Hoehne (1918) Orch. arred. S. Paulo: 7. Rev. Mus. São Paulo: 439. estampa 2. = Sarcoglottis butantanensis Hoehne & Schltr.
- S. calophylla B. Rodr. = Cyclopogon calophyllus B. Rodr.
- S. camposnovense Hoehne Lin. Telegr. Estrat. Ann. 5 (pt. 4): 11, tab. 68, syn. ? Sarcoglottis.

- Spiranthes chloroleuca* B. Rodr. = *Cyclopogon chloroleuca* B. Rodr.
S. Cogniauxiana B. Rodr. = *Sarcoglottis Cogniauxiana* (B. Rodr.) Schltr.
S. cuspidata Ldl. = *Cyclopogon cuspidatus* (Ldl.) Schltr.
S. cyclochila Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 36, tab. 6, fig. 10 = *Brachystele cyclochila* (Kränzl.) Schltr.
S. disoides Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46 (N.º 10): 33, tab. 6, fig. 7 = *Stenorhynchus paraguayensis* (Rchb. f.) Cogn. seg. Schlechter syst. Neuord d. *Spiranthinae*: 444.
S. diversifolia Cogn. = *Cyclopogon diversifolius* (Cogn.) Schltr.
S. elata L. C. R. = *Cyclopogon elatus* (Sw.) Schltr.
 var. *cearensis*. (B. Rodr.) = *Cyclopogon cearensis* B. Rodr.
S. eldorado Ldl. & Rchb. f. = *Cyclopogon eldorado* (Ldl. Rchb. f.) Schltr.
S. Eugenii Rchb. f. = *Cyclopogon Eugenii* (Rchb. f.) Schltr.
S. euglossa Kränzl. Arkiv. f. Botanik v. 14 (N.º 10): 5. Orch. Quaedam Amer. = *Lyroglossa euglossa* (Kränzl.) Hoehne & Schltr.
S. excelsa Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 33, tab. 6. fig. 5 = *Sauroglossum nitidum* (Vell.) Schltr. l. c. 377.
S. fasciculata (Vell.) Cogn. = *Sarcoglottis fasciculata* (Vell.) Schltr.
S. Gardneri Ldl. syn. — ? *Cyclopogon*.
S. goyazensis Cogn. = *Cyclopogon goyazensis* (Cogn.) Schltr.
S. homalagastria Rchb. f. & Warm. = *Sarcoglottis homalagastria* (Rchb. f. & Warm.) Schltr.
S. itararensis Kränzl. (1920) Ark. f. Bot. v. 16 (N.º 8): 3. syn. ?
S. itatiaensis Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 36, tab. 6, fig. 8 = *Cyclopogon micranthus* B. Rodr.
S. Lindmaniana Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 35, tab. 7, fig. 1 = *Sarcoglottis neuroptera* (Rchb. f. & Warm.) Schltr.
S. lineata Ldl. = *Hapalorchis lineatus* (Ldl.) Schltr.
S. longibracteatus B. Rodr. = *Cyclopogon longibracteatus* (B. Rodr.) Schltr.
S. metallica Rolfe. = *Sarcoglottis metallica* (Rolfe.) Schltr.
S. micrantha B. Rodr. = *Cyclopogon micranthus* B. Rodr.
S. misera Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 34. syn. ?
S. nitida Cogn. = *Sauroglossum nitidum* (Vell.) Schltr.
S. oligantha Hoehne (1918) Orch. arred. São Paulo: 6. Rev. Mus. Paul. v. 10 (1919), est. 1, fig. 1 = *Cyclopogon oliganthus* Hoehne & Schltr.
S. orthosepala Rchb. f. & Warm. = *Pelexia orthosepala* (Rchb. f. Warm.) Schltr. n. comb.
S. pachychila Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 37 = *Sauroglossum nitidum* (Vell.) Schltr.
S. paludosa Cogn. = *Cyclopogon paludosus* (Cogn.) Schltr.
S. pedicellata Cogn. Fr. Bras. v. 3 (4): 210. syn. ? *Brachystele*.

- Spiranthes Rodriguesii* Cogn. = *Cyclopogon trilineatus* B. Rodr.
S. rotundifolia Cogn. = *Cyclopogon rotundifolius* (Cogn.) Schltr.
S. rufescens Fisch. = *Sarcoglottis rufescens* Kl.
S. rupestris B. Rodr. = *Sarcoglottis rupestris* B. Rodr.
S. sagittata Rehb. f. & Warm. = *Sarcoglottis sagittata* (Rehb. f. & Warm.) Schltr.
S. sancta Rehb. f. & Warm. = *Sarcoglottis sancta* (Rehb. f. & Warm.) Schltr.
S. schwackei Cogn. = *Sarcoglottis Schwackei* (Cogn.) Schltr.
S. sincorensis Schltr. = *Sarcoglottis sincorensis* Schltr.
S. spirata Hoehne (1919) Arch. Mus. Nac. v. 22: 71. = *Lyroglossa euglossa* (Kränzl.) Hoehne & Schltr.
S. subfiliformis Cogn. = *Brachystele subfiliformis* (Cogn.) Schltr.
S. truncata Ldl. = *Cyclopogon truncatus* (Ldl.) Schltr.
S. Ulaei Cogn. = *Brachystele Ulaei* (Cogn.) Schltr.
S. uliginosa B. Rodr. = *Sarcoglottis uliginosa* B. Rodr.
S. umbrosa B. Rodr. = *Sarcoglottis umbrosa* (B. Rodr.) Schltr.
S. variegata Cogn. = *Cyclopogon variegatus* B. Rodr.
S. Warmingii Rehb. f. = *Cyclopogon Warmingii* (Rehb. f.) Schltr.
STANHOPEA graveolens Lindl. var. **CONCOLOR** Porsch. *Ergeb. d. Exped. d. Ak. d. W. v. 1: 129, tab. 14 fig. 14.*
 var. **STRAMINEA** Porsch. 1. c.: 129.
s. MINOR Schltr. (1917) *Notizbl. Kgl. Bot. u. Mus. (N.º 62): 483.* — Süd-Brasilien.
STELIS AQUINOANA Schltr. (1925) *Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 49.* — Rio Grande do Sul.
s. CALOTRICHIA Schltr. (1919) *Notizbl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin: 324.* Schltr. *Anal., tab. 20 (N.º 77).* — Süd-Brasilien.
s. CASTANEA Hoehne & Schltr. *Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 202, tab. 8, fig. 2.* — S. Paulo.
s. DIAPHANA Schltr. (1918) *Notizbl. Kgl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin. v. 7: 268.* — Paraná.
s. FRAGRANS Schltr. (1918) *Notizbl. Kgl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin. v. 7: 269.* Schltr. *Anal., tab. 20 (N.º 78).* — Paraná.
s. GUTTIFERA Porsch. (1905) *Oesterr. Bot. Zeitschr. 154. Ergeb. d. Exped. d. Akad. d. W. v. 1: 107, tab. 12, fig. 12-15.* — S. Paulo.
s. HOEHNEI Schltr. *Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 203, tab. 9, fig. 3.* — S. Paulo.
s. HUEBNERI Schltr. *Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 88.* — Amazonas.
s. INAEQUISEPALA Hoehne & Schltr. (1921) *An. Mem. Inst. But. v. 1 (2): 30, tab. 5, fig. 1.* — São Paulo.
s. ITATIAYAE Schltr. *Arch. Jard. Bot. v. 3: 290, est. 26, fig. 2.* — Itatiaya.
s. JURGENSII Schltr. (1925) *Fedde Repert. v. 35. Orch. Rio Grande do Sul: 49.* — Rio Grande do Sul.

- STELIS MACROCHLAMYS Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 204, ta. 9, fig. 1. — São Paulo.
- s. MICROPHYLLA Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 205, tab. 9, fig. 2. — São Paulo.
- s. MINUTIFLORA Rchb. f. (1842) Linn. v. 16. Index Kewensis Supplem. v. 6: 199. — Rio de Janeiro. (Não está mencionada na Fl. Bras.).
- s. MUCRONATA Porsch. (1905) Oesterr. Bot. Zeitschr. 155. Ergeb. d. Exped. d. Akad. d. W. v. 1: 103, tab. 12. fig. 10. — São Paulo.
- s. PAULOENSIS Schltr. & Hoehne (1921) An. Mem. Inst. But. v. 1 (2): 29, tab. 5, fig. 2. — São Paulo.
- s. PERPUSILLA Cogn. (1907) Bull. Soc. Bot. Belge. v. 43: 306. — Minas.
- s. PETEROSTELE Hoehne & Schltr. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 206, tab. 8, fig. 1. — São Paulo.
- S. *petropolitana* Rchb. f. var. *latifolia* Hoehne Lin. Tel. Estr. Ann. 5 (pt. 9): 29, est. (N.º 169), fig. 2. — Matto Grosso.
- s. PORSCHIANA Schltr. (1918) Notizbl. Kgl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin. v. 7: 270. — Paraná.
- s. ROBUSTA Schltr. (1918) Notizbl. Kgl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin. v. 7: 270. Schltr. Anal., tab. 23 (N.º 89). — Brasil austral.
- s. SCHENCKII Schltr. (1915) Orchis v. 9: 6. — Brasil.
- s. THERMOPHILA Schltr. (1918) Notizbl. Kgl. Bot. Gart. u. Mus. Berlin. v. 7: 271. Schltr. Anal., tab. 24 (N.º 93). — Paraná.
- Stenoptera actinosophila* (B. Rodr.) Cogn. = *Eurystyles actinosophila* (B. Rodr.) Schltr.
- S. *ananassocomos* Cogn. = *Eurystyles cotyledon* Wawra.
- S. *Lorenzii* Cogn. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 255 = *Eurystyles Lorenzii* (Cogn.) Schltr.
- STENORRHYNCHUS *acianthiformis* (Rchb. f.) Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 180. — Symb. Fl. Bras. Centr. 30: 353, tab. 10, fig. 4 = *Pelexia acianthiformis* ?
- S. *Arrabidae* Rchb. f. = *Pelexia aphylla* (Vell.) Schltr.
- s. AUSTRALIS Ldl. (1920) Schlechter Beih. z. Bot. Centralbl. v. 37: 438. Schlechter in Arch. Bot. S. Paulo c. 1 (3): 194. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 177. sub. St. orchiloides L. C. Rid. p. pt. — Brasil, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul.
- S. *bonariensis* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 164 = *Pelexia bonariensis* (Ldl.) Schltr.
- s. BRADEI Schltr. (1922) An. Mem. Inst. But. v. 1 (4): 30, tab. 2, fig. 1. — S. Paulo.
- S. *calophyllus* Porsch. Ergeb. d. Exp. d. Akad. d. W. v. 1: 96, tab. 11. fig. 21-27. = *Pelexia calophylla* (Porsch.) Schltr.
- S. *ceracifolius* B. Rodr. = *Cladobium ceracifolium* (B. Rodr.) Schltr. var. *cornutus* Barb. Rodr. Contrib. Jard. Bot. Rio v. 1: 133 = *Cladobium*.

- Stenorrhynchus Cogniauxii* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 25, tab. 5, fig. 6 = *Eurystyles Cogniauxii* (Kränzl.) Schltr.
- S. cuculliger* (Rchb. f. & Warm.) Cogn. = *Pelexia cuculligera* (Rchb. f. & Warm.) Schltr.
- S. Dusenianus* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10), tab. 5, fig. 7 = *Sten. Hassleri* Cogn. seg. Schlechter. syst. Neuord. d. *Spiranthinae*: 441.
- S. epiphytus* B. Rodr. = *Cladobium epiphytum* (B. Rodr.) Schltr.
- s. EXALTATUS* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 29, tab. 6, fig. 2. Schlechter. Syst. Neuord. d. Spir.: 440. — Rio Grande do Sul.
- s. FOLIOSUS* Schltr. (1921) Fedde Repert. v. 17: 12. — Rio de Janeiro.
- S. giganteus* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 533, tab. 10. Schlechter Syst. Neuord. d. Spir.: 440. Hoehne Album Orch., est. 15. — Goyaz.
- S. Glaziovii* Cogn. = *Mesadenus Glaziovii* (Cogn.) Schltr.
- S. gnomus* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10), tab. 6, fig. 1. = *Cladobium gnomus* (Kränzl.) Schltr.
- S. Hilarianus* Cogn. = *Pelexia Hilariana* (Cogn.) Schltr.
- S. holosericeus* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 27, tab. 5, fig. 8. = *Pelexia tamanduensis* (Kränzl.) Schltr.
- S. hypnophilus* B. Rodr. Orch. Nov. v. 1: 10. Cogn. in Fl. Bras. v. 3 (4): 168, tab. 37. fig. 1 = *Pelexia hypnophila* (B. Rodr.) Schltr.
- S. hysternanthus* B. Rodr. = *Pelexia hysternantha* (B. Rodr.) Schltr.
- S. icmadophilus* B. Rodr. = *Cyclopogon icmadophila* (B. Rodr.) Schltr.
- s. LATERITUS* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 21, tab. 5, fig. 2. Schlechter Syst. Neuord. d. Spir.: 441. — Rio Grande do Sul.
- s. LATIPETALUS* Cogn. (1906) Bull. Soc. Belg. v. 43: 286. Orch. Brésil Cogn.: 21. Schlechter Syst. Neuord. d. Spir.: 442. (sub. *St. latisepalus* Cogn.) — Minas Geraes.
- S. Lindmanianus* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 23, tab. 4, fig. 6 = *Pelexia Lindmaniana* (Kränzl.) Schltr.
- S. Loeftgrenii* Porsch. Ergeb. d. Exp. d. Akad. d. W. v. 1: 97, tab. 15, fig. 18-23 = *Pelexia Loeftgrenii* (Porsch.) Schltr.
- S. longifolius* Cogn. = *Sten. Hassleri* Cogn. seg. Schlechter. syst. Neuord. d. *Spiranthinae*: 440.
- S. longicollis* Cogn. = *Cladobium longicolle* (Cogn.) Schltr.
- S. macropodus* B. Rodr. = *Pelexia macropoda* (B. Rodr.) Schltr.
- s. MATTOGROSSENSIS* Hoehne Lin. Telegr. Estrat. Ann. 5 (pt. 9): 28, estampa 168, fig. 1. — Matto Grosso.

- Stenorrhynchus minarum* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 22, tab. 5, fig. 4 = *Pelexia minarum* (Kränzl.) Schltr.
- S. novofriburgensis* Rchb. f. = *Sarcoglottis novofriburgensis* (Rchb. f.) Schltr.
- S. oestrifer* Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 163 = *Pelexia oestrifera* (Rchb. f. & Warm.) Schltr.
- S. orobanchoides* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 24, tab. 5, fig. 3 = *Pelexia orobanchoides* (Kränzl.) Schltr.
- S. pachystachyus* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 30, tab. 6, fig. 3 = *Stenorrhynchus paraguayensis* (Rchb. f.) Cogn. seg. Schlechter. syst. Neuord. d. Spir.: 444.
- S. parvulus* Kränzl. (1909) Fedde Repert. v. 7: 38. syn. ?
- S. parvus* Cogn. = *Pelexia parva* (Cogn.) Schltr. n. comb.
- S. PEDICELLATUS* Cogn. Cogn. Not. s. Orch. d. Brésil: 27. Nova para o Brasil.
- S. pilosus* Cogn. = *Cladobium pilosum* (Cogn.) Schltr.
- S. POLYANTHUS* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46 (N.º 10): 30 Schltr. Syst. Neuord. d. Spir.: 445. — Paraná.
- S. pteryganthus* Cogn. = *Pelexia pterygantha* (Rchb. f. & Warm.) Schltr.
- S. regius* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 16 (N.º 10), tab. 5, fig. 1 = *Pteroglossa regia* (Kränzl.) Schltr. syst. Neuord. d. Spir.: 451. — Argentina.
- S. RIOGRANDENSIS* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 28. Schlechter. Syst. Neuord. d. Spir.: 446. — Rio Grande do Sul.
- S. robustus* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 25, tab. 5, fig. 5 = *Pelexia robusta* (Kränzl.) Schltr.
- S. squamulosus* (H. B. K.) Fawc. & Rendle. — Amazonas. Nova para o Brasil. Schltr. Beih. Bot. Centralbl. v. 42 (2): 76.
- S. stenanthus* Cogn. Orch. Brésil Cog.: 23. = *Pelexia stenantha* (Cogn.) Schltr.
- S. STENOPHYLLUS* Cogn. (1906) Bull. Soc. Bot. Belg. v. 43: 289. Orch. Brésil: 24. Schlechter. Syst. Neuord. d. Spir.: 447. — Rio Grande do Sul.
- S. tamanduensis* Kränzl. Kgl. Sv. Handl. Vet. v. 46. (N.º 10): 24, tab. 4, fig. 5 = *Pelexia tamanduensis* (Kränzl.) Schltr.
- S. venustus* Rodr. = *Cyclopogon venustus* (B. Rodr.) Schltr.
- S. viridis* Cogn. = *Pelexia viridis* (Cogn.) Schltr.
- S. Weirii* (Rchb. f.) Cogn. = *Pelexia Weirii* (Rchb. f.) Schltr.
- THEODOREA GOMEZOIDES B. Rodr. Gen. & Spec. Orch. Nov. v. 1: 145. syn. Gomeza Theodorea Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 250, tab. 55. Schlechter Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 283. — Rio de Janeiro, Minas, São Paulo.

- Trachelosiphon actinosophila* (B. Rodr.) Schltr. 1. c.: 424. syn. *Stenoptera actinosophila* (B. Rodr.) Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 255, tab. 60, fig. 1. = *Eurystyles actinosophila* (B. Rodr.) Schltr.
- T. Cogniauxii* (Kränzl.) Schltr. Schlechter 1. c.: 425. syn. *Stenorrhynchus* Cogn. Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46. (N.º 10): 25, tab. 5, fig. 6. = *Eurystyles Cogniauxii* (Kränzl.) Schltr.
- T. Lorenzii* (Cogn.) Schltr. Schlechter 1. c.: 425. — *Eurystyles Lorenzii* (Cogn.) Schltr.
- T. paranaense* Schltr. (1920) Fedde Repert.: 327. = *Eurystyles paranaense* Schltr.
- TRICHOCENTRUM cornucopiae* Lind. var. *FUSCATUM* Prsch. Ergeb. d. Exp. d. Akad. v. 1: 139. — São Paulo.
- T. MATTOGROSSENSE* Hoehne. (1910) Comm. Lind. Telegr. Matto Grosso. — Amazon. Ann. Bot. v. 1: 55. Fedde Repert. v. 13: 434. — Matto Grosso.
- Trichopilia brasiliensis* Cogn. = *Leucohyle brasiliensis* (Cogn.) Schltr.
- TRICHOPILIA LAXA* Rchb. f. Schltr. Die Orchideen 2. ed.: 462. Nova para o Brasil.
- TRIPHORA AMAZONICA* Schltr. (1925) Beih. Bot. Centr. v. 13 (2): 75. — Amazonas.
- T. CARNOSULA* (Rchb. f.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 180. syn. *Pogonia carnosula* Rchb. f. Cogn. in Fl. Bras. v. 1 (4): 129. — Amazonas.
- T. DUCKEI* Schltr. (1925) Beih. Bot. Centralbl. v. 13 (2): Schltr. Anal. t. 7. (N.º 28). — Amazonas.
- T. PUSILLA* (Rchb. f. & Warm.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 180. syn. *Pogonia pusilla* Rchb. f. & Warm. Symb. Fl. Bras. Cet. (pt. 30): 860, tab. 9, fig. 2. Cogn. in Fl. Bras. v. 3: 131, tab. 27, fig. 1. — Minas.
- T. SURINAMENSIS* (Ldl.) Schltr. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 180. syn. *Pogonia surinamensis* Ldl. Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 132. — Guyanas. ? Brasil.
- TRIZEUXIS DISCOLOR* (Cogn.) Schltr. Schlechter Die Orch. 2 ed.: 453. syn. *Sanderella discolor* Cogn.
- VANILLA ANGUSTIPETALA* Schltr. (1922) An. Mem. Inst. Butant. v. 1 (4): 19, tab. 2, fig. 4. — São Paulo.
- V. BRADEI* Schltr. Mansfeld. (1922). Fedde Repert. v. 24: 243. — S. Paulo.
- V. DUCKEI* Huber. (1909) Bol. do Museu Goeldi v. 5: 327. — Amazonas.
- V. LINDMANIANA* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10): 17, tab. 4, fig. 1. — Matto Grosso.
- V. planifolia* Andr. var. *GIGANTEA* Hoehne. Hoehne Lin. Telegr. Estrat. Ann. 5 (pt. 1): 217.

- VANILLA RIBEIROI Hoehne. Hoehne Lin. Teleg. Estrat. Ann. 5 (pt. 1): 28.
— Matto Grosso.
- WARMINGIA HOLOPETALA Kränzl. Orch. Quaedam Amer. Vidensk. Medd.
f. Dansk. nat. Foren v. 71: 176. — Minas Geraes.
- WULLSCHLAEGELIA PARANAENSIS Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl. v. 46. (N.º 10):
42, ta. 8, fig. 2 = *Physurus paranaensis* (Kränzl.) Schltr.
- XERORCHIS AMAZONICA Schlechter. (1912-13) Orchid. nov. et. crit. Fedde
Repert. v. 35: 45. Hoehne. Comm. de Lin. Teleg. Estr. Ann.
(N.º 5) (pt. 5): 49, est. 91, fig. 1. Schltr. Anal. t. 9 (N.º 36). —
Amazonas.
- XYLOBIUM BRACHYSTACHYUM Kränzl. (1906) Gard. Chron. v. 11: 302.
Hoehne Album Orchid., est. 48. — Brasil.
- X. chapadense Cogn. var. LUTEO-ALBO Hoehne. Hoehne. Lin. Teleg.
Estrat. Ann. 5 (pt. 1): 46, tab. 36.
- X. DUSENII Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Akad. Handl. v. 46. (N.º 10): 65. —
Paraná.
- X. FOVEATUM Stein. Warming. Symb. Fl. Bras. Central. (pt. 29): 847.
Minas. syn. *Maxillaria foveata* Ldl. Nova para o Brasil.
- YOLANDA RESTREPIOIDES Hoehne (1919) Arch. Mus. Nac. v. 22: 72, com
estampa. — São Paulo. Itatiaia. (Estado do Rio).
- ZYGOPETALUM MURRAYANUM Gard. = *Neogardneria murrayana* (Gard.)
Schltr.
- Z. PALUDOSUM Cogn. Lind. Teleg. Estrat. Ann. (pt. 3): 12, tab. 64. —
Matto Grosso.
- Z. venustum Ridl. = *Otostylis venusta* (Ridl.) Schltr.
- ZYGOSTATES AQUINOI Schltr. Schlechter. Fedde Repert. Beih. v. 35: 105.
— Rio Grande do Sul.
- Z. DASYRHIZA (Kränzl.) Schltr. nov. comb. (1920) Fedde Repert. v. 16: 449
syn. *Ornithocephalus dasyrhizus* Kränzl. Kgl. Sv., Vet. Handl.
v. 46. (N.º 10): 77, tab. 12, fig. 4. — Paraná.
- Z. LINDMANII (Kränzl.) Schltr. nov. comb. (1920) Fedde Repert. v. 16:
449 syn. *Dipteranthus Lindmanii* Kränzl. Kgl. Sv. Vet. Handl.
v. 46. (N.º 10): 80, tab. 12, fig. 2. — Rio Grande do Sul.
- Z. MULTIFLORA (Rolfe) Schltr. nov. comb. Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3):
295 syn. *Ornithocephalus multiflorus* Rolfe. Cogn. in Fl. Bras.
v. 3 (6): 227, tab. 47, fig. 3.
- Z. PAPILLOSA Cogn. (1907) Cogn. Bull. Soc. Bot. Belg. v. 43: 353. Not. s.
Orch. d. Brésil: 68. — Brasil.
- Z. PARANAENSIS Schltr. Fedde Rept. v. 23: 68. — Paraná.

RESUMO DOS GENEROS E SUA PROCEDENCIA

N.º	GENERO	LIT.	DISTRIBUIÇÃO	N. DE ESPECIES		
				tot.	bras.	end.
111	Acacallis Lindl.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 524	Brasil sept. Guiana	5	4	4
108	Aganisia Lindl.	» » » v. 3 (5): 520	» » »	2	2	1
51	Amblostoma Scheldw	» » » v. 3 (5): 22	Columb. Boliv. Brasil	3	1	—
144	Aspasia Lindl.	» » » v. 3 (6): 203	America tropical	9	4	3
46	Barbosella Schltr.	Fedde Repert. v. 15 (1918): 255	» » »	14	8	8
118	Batemanian Lindl.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 472	Brasil. Guiana	4	4	3
19	Baskervillea Lindl.	Fedde Repert. v. 16 : 320	Brasil. Perú	2	1	1
106	Bifrenaria Lindl.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 476	Brasil. Guian. Venez.	25	20	19
140	Binotia Rolfe	Orch. Rev. v. 13 : 296	Brasil	1	1	1
5	Bipinnula Commers.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 108	Chile, Arg., Urug., Brasil	9	1	1
83	Bletia Ruiz & Pav.	» » » v. 3 (5): 347	America tropical	25	2	1
23	Brachystele Schltr.	Belh. z. Bot. Centralbl. 37: 370	Am., Austr., Trinidad., Costa Rica	16	8	7
65	Brassavola R. Br.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 259	America tropical	15	11	6
145	Brassia R. Br.	» » » v. 3 (6): 255	» » »	40	11	8
84	Bulbophyllum Thouars.	» » » v. 3 (5): 589	Tropical	900	42	40
124	Camaridium Lindl.	» » » v. 3 (6): 81	America tropical	6	5	5
163	Campylocentrum Benth.	» » » v. 3 (6): 503	» » »	40	33	28
135	Capanemia B. Rodr.	Gen. & Spec. Orch. nov. v. 1:138	Brasil	10	10	10
92	Catasetum L. C. Rich.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 387	America tropical	120	67	58
62	Cattleya Lindl.	» » » v. 3 (5): 188	» » »	40	34	31
33	Centrogenium Schltr.	Belh. z. Bot. Centralbl. 37:451	» » »	8	6	4
128	Centroglossa B. Rodr. (Chloidia) = Corymbis.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 188	Brasil	4	4	4
4	Chlorea Lindl.	» » » v. 3 (4): 103	America austr. temp.	100	3	1
153	Chytroglossa Rchb. f.	» » » v. 3 (6): 229	Brasil	3	3	3

N.º	GÊNERO	LIT.	DISTRIBUIÇÃO	N. DE ESPÉCIES		
				tot.	bras.	end.
103	Cirrhaea Lindl.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 548.	Brasil	5	5	5
29	Cladobium Schltr.	Belh. z. Bot. Centralbl. 37:431.	Brasil. Costa Rica	9	8	8
10	Cleistes Rich.	Schlechter. Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 179	Brasil. Venez. Columbia.	42	37	34
115	Colax Lindl.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 559.	Brasil	4	4	4
133	Compartmentia Poepp. & Endl.	» » » v. 3 (6): 180.	América tropical	7	2	2
102	Coryanthes Hook.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 508.	América tropical	12	7	5
35	Corymbis Cogn. (Chloidia)	» » » v. 3 (4): 275.	Região trop. 12 esp. } América 1 » }	13	1	—
18	Cranichis Swartz	» » » v. 3 (4): 247.	América tropical	30	4	3
159	Cryptarrhena R. Br.	» » » v. 3 (6): 228.	Am. Centr. Antil. Guiana, Brasil	5	2	2
42	Cryptophoranthus B. Rodr.	» » » v. 3 (4): 321.	Am. Centr. Antil. Columbia. Brasil	15	13	12
80	Cyanaeorchis B. Rodr.	» » » v. 3 (5): 381.	Brasil. Paraguay	2	2	1
25	Cyclopogon Presl.	Schltr. Belh. Bot. Centralbl. v. 37:382.	América tropical	60	38	37
93	Cynoches Lindl.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 446.	» »	16	4	4
87	Cyrtopodium R. Br.	» » » v. 3 (5): 356.	» »	30	23	18
59	Diacrium Benth.	» » » v. 3 (5): 186.	Amazonas. Am. Central. Antilhas	5	1	1
129	Diadenium Poepp. & Endl.	» » » v. 3 (6): 185.	Brasil. Perú	2	1	1
162	Dichaea Lindl.	» » » v. 3 (6): 483.	América tropical	28	15	10
57	Dimerandra Schlechter	Schltr. Beitr. Orch. Zentr. Am. v. 1:43.	Amer. Centr. Amazonas.	3	1	—
154	Dipteranthus B. Rodr.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 213.	Brasil	5	5	5
13	Elleanthus Presl.	» » » v. 3 (5): 323.	América tropical	50	5	2
61	Encyclia Hook.	Schltr. Orch. 207 (1914) Belh. Bot. Centralbl. 36 (2): 470.	» »	70	29	24
56	Epidendrum L.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 30.	» »	750	126	83
12	Epistephium Kunth	» » » v. 3 (4): 135.	» »	14	8	7
94	Eriopsis Lindl.	» » » v. 3 (5): 585.	» »	7	1	—

N.º	GENERO	LIT.	DISTRIBUIÇÃO	N. DE ESPECIES		
				tot.	bras.	end.
86	Eulophia R. Br.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 353.	Região tropical	200	1	—
85	Eulophidium Pfitz.	» » » v. 3 (6): 104.	Africa. Madag. 4 } Brasil 1 }	5	1	—
28	Eurystyles Wawra	Arch. Bot. S. Paulo. v. 1 (3): 192.	Brasil. Antilhas. Costa Rica	8	5	5
82	Galeandra Lindl.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 293.	America tropical	26	22	16
117	Galeottia A. Rich.	» » » v. 3 (5): 541.	America Centr. Amazonas	3	1	1
141	Gomeza R. Br.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 240.	Brasil. Paraguay	14	14	13
101	Gongora Ruiz & Pav.	» » » v. 3 (5): 378.	America tropical	25	3	2
89	Govenia Lindl.	» » » v. 3 (5): 633.	» »	20	1	1
90	Grobya Lindl.	» » » v. 3 (5): 17.	Brasil	3	3	3
3	Habenaria Wild.	» » » v. 3 (4): 362.	Região tropical	500	160	136
21	Hapalorchis Schltr.	Belh. z. Bot. Centralbl. 37 : 362.	Brasil. Venez. Antilhas.	4	2	2
79	Hexadesmia Brongn.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 17.	America tropical	12	2	2
52	Hexisea Lindl.	» » » v. 3 (5): 20.	» »	4	1	—
55	Hormidium Ldl.	» » » v. 3 (5): 28.	» »	2	1	—
97	Houlletia Brongn.	» » » v. (5): 536.	» »	11	3	2
77	Huebneria Schltr.	Belh. Bot. Centralbl. 42 : 96.	Brasil	1	1	1
121	Huntleya Batem.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 477.	Brasil & Costa Rica	2	1	1
67	Isabella B. Rodr.	» » » v. 3 (6): 567.	Brasil	1	1	1
78	Isochilus R. Br.	» » » v. 3 (5): 3.	America tropical	6	1	1
131	Jonopsis Kunth	» » » v. 3 (6): 171.	» »	9	6	3
110	Koellensteinia Rehb. f.	» » » v. 3 (5): 555.	Brasil Guiana	5	3	1
63	Laelia Lindl.	» » » v. 3 (5): 270.	America tropical	35	25	25
54	Lanium Benth.	» » » v. 3 (5): 25.	Brasil Guiana	5	4	4
74	Leaoa Schltr. & C. Porto.	Arch. Jard. Bot. Rio v. 2 : 292.	Brasil	1	1	1
140	Leochilus Knowl. & Westc.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 447.	America tropical	8	3	2
44	Lepanthes Swartz.	» » » v. 3 (4): 593.	» »	60	1	—

N.º	GENERO	LIT.	DISTRIBUIÇÃO	N. DE ESPECIES		
				tot.	bras.	end.
39	Lepanthopsis	Cogn. Fl. Bras. = Pleurothallis Sect. VIII v. 3 (5): 254.	Brasil	2	2	2
70	Leptotes Lindl.	" " " v. 3 (5): 254.	Brasil	5	5	4
138	Leucohyle Kl.	Schltr. Die Orch. (2 ed): 464.	Antilhas Brasil	4	1	1
105	Lindleyella Schltr.	" " " " : 409.	" "	2	2	1
50	Liparis L. C. Rich.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (4): 284.	Cosmopolita	260	3	2
150	Lockhartia Hook.	" " " v. 3 (6): 450.	America tropical	27	5	3
71	Loefgrenianthus Hoehne	Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (4): 591.	Brasil	1	1	1
107	Lycaste Lindl.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 453.	America tropical	35	2	2
95	Lycomormium Rchb. f.	" " " v. 3 (5): 505.	Brasil Perú	2	1	1
31	Lyroglossa Schltr.	Beih. Bot. Centralbl. 37: 448.	Brasil. Trinidad	3	2	2
161	Macradenia B. Rodr.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 109.	America tropical	14	6	6
43	Masdevallia Ruiz & Pav.	" " " v. 3 (4): 324.	" "	155	20	18
123	Maxillaria Ruiz & Pav.	" " " v. 3 (6): 1.	" "	260	80	67
116	Menadenium Rafin.	" " " v. 3 (5): 581.	Brasil Guiana	3	2	1
22	Mesadenus Schltr.	Beih. Bot. Centralbl. 37: 367.	America tropical	5	1	1
143	Mesospinidium Rchb. f.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 193.	" "	3	1	1
49	Microstylis Nutt.	" " " v. 3 (4): 277.	Cosmopolita	230	13	11
146	Miltonia Lindl.	" " " v. 3 (6): 267.	Brasil Parag. até Costa Rica	20	12	11
91	Mormodes Lindl.	" " " v. 3 (5): 383.	America tropical	30	5	5
36	Neobartlettia Schltr.	Fedde Repert. v. 16 (1920): 440.	Brasil Guiana	3	2	2
113	Neogardneria Schltr.	Notizbl. Bot. Gart. Berl. v. 70: 471.	Brasil	1	1	1
66	Neolauchea Kraenzl.	Bull. Herb. Boiss. v. 5: 110.	Brasil austral	1	1	1
58	Nidema Britt. & Millsp.		America Centr. Amazon.	2	1	—
158	Notylia Lindl.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 119.	America tropical	40	19	16
48	Ocotevia R. Br.	" " " v. 3 (4): 600.	" "	100	81	77
147	Oncidium Swartz.	" " " v. 3 (6): 286.	" "	540	117	97
76	Orleanesia B. Rodr.	" " " v. 3 (5): 5.	Brasil Amazonas	1	1	1

N.º	GENERO	LIT.	DISTRIBUIÇÃO	N. DE ESPECIES		
				tot.	bras.	end.
125	Ornithidium Salisb.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 87.	America tropical	20	7	5
155	Ornithocephalus Hook.	» » » v. 3 (6): 219.	» »	32	12	9
109	Otostylis Schltr.	Orchis. 1918 N.º 1-2: 26.	Amaz. Guiana. Trinid.	3	1	1
98	Paphinia Lindl.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 462.	Amaz. Guian. Col. Trin.	4	2	1
112	Paradisanthus Rchb. f.	» » » v. 3 (5): 516.	Brasil	4	4	3
26	Pelexia Poit.	Beih. Bot. Centralbl. v. 37:397.	America tropical	60	35	33
96	Peristeria	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 499.	» »	10	4	—
41	Phloeophila Hoehne & Schltr.	Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 199.	Brasil	2	2	2
2	Phragmopedilum Rolfe	Orchid. Rev. (1896): 330.	America tropical	11	2	2
151	Phymatidium Lindl.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 232.	Brasil	8	8	8
40	Physosiphon Cogn.	» » » v. 3 (4): 337.	America tropical	12	4	4
34	Physurus L. C. Rich.	» » » v. 3 (4): 225.	Amer. trop. & subtrop.	60	35	18
60	Pinella Lindl.	Arch. Bot. S. Paulo v. 1 (3): 249.	Brasil	2	2	2
152	Platyrrhiza B. Rodr.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 237.	Brasil austral	2	2	2
130	Plectrophora Focke	» » » v. 3 (6): 183.	Brasil Guiana	4	3	3
45	Pleurothallis R. Br.	» » » v. 3 (4): 377.	America tropical	218	300	—
6	Pogoniopsis Rchb. f.	» » » v. 3 (4): 134.	Brasil	2	2	2
99	Polycycnis Rchb. f.	» » » v. 3 (5): 539.	Brasil Guiana. Columb.	—	—	—
81	Polystachya Hook	» » » v. 3 (4): 310.	Costa Rica	7	3	—
80	Ponera Lindl.	» » » v. 3 (5): 8.	America tropical, Africa.	100	16	14
20	Ponthieva R. Br.	» » » v. 3 (4): 270.	Asia	7	2	2
17	Prescottia Lindl.	» » » v. 3 (4): 256.	America tropical	30	1	1
119	Promenaea Lindl.	» » » v. 3 (6): 461.	» »	30	24	22
38	Pseudostelis Schltr.	Mem. Inst. But. Bot. v. 1 (4): 36.	Brasil	17	17	17
8	Psilochilus B. Rodr.	Gen. Spec. nov. v. 2 : 275.	Brasil	3	3	3
32	Pteroglossa Schltr.	Beih. Bot. Centralbl. v. 37:450.	America tropical	4	1	1
136	Quekettia Lindl.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 196.	Brasil, Parag., Arg.	2	1	—
53	Reichenbachanthus B. Rodr.	Orchid. Nov. v. 2: 165.	Brasil	1	1	1
132	Rodriguezia Ruiz & Pav.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 147.	Brasil Guiana	1	1	—
137	Rodriguezlopsis Schltr.	Fedde Repert. v. 16: 427.	America tropical	25	20	17
27	Sarcoglottis Presl.	Beih. Bot. Centralbl. v. 37: 412.	Brasil	2	2	2
			America tropical	42	24	20

N.º	GENERO	LIT.	DISTRIBUIÇÃO	N. DE ESPECIES		
				tot.	bras.	end.
157	Saundersia Rehb. f.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 192.	Brasil	1	1	1
24	Sauroglossum Ldl.	Beih. Bot. Centralbl. v. 37: 375.	Brasil Austr. Argent.	3	1	1
73	Scaphyglottis Poepp. & Endl.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 10.	America tropical	26	6	4
64	Schomburgkia Lindl.	» » » v. 3 (5): 309.	» » »	14	1	—
122	Scuticaria Lindl.	» » » v. 3 (6): 78.	Brasil Guiana	2	2	—
1	Selenipedilum Rehb. f.	» » » v. 3 (4): 10.	America tropical	4	3	2
149	Sigmatostalix Rehb. f.	» » » v. 3 (6): 456.	» » »	14	2	2
14	Sobralia Ruiz & Pav.	» » » v. 3 (5): 335.	» » »	60	9	6
69	Sophranella Schltr.	Fedde Repert. Beih. 35 : 76.	Brasil	1	1	1
68	Sophranitis Lindl.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 313.	Brasil Paraguay	6	6	5
100	Stanhopea Frost.	» » » v. 3 (5): 526.	America tropical	50	7	3
37	Stelis Swartz.	» » » v. 3 (4): 342.	» » »		65	60
16	Stenoptera Presl.	» » » v. 3 (4): 521.	» » »	15	1	—
30	Stenorhynchus L. C. Rich.	Beih. Bot. Centralbl. 37 : 435.	» » »	55	12	10
72	Tetragamestus Rehb. f.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 7.	» » »	1	1	—
142	Theodorea B. Rodr.	Gen. Spc. Orch. Nov. v. 1: 145.	Brasil	1	1	1
127	Trichocentrum Poepp. & Endl.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 137.	America tropical	20	9	8
139	Trichopilia Lindl.	» » » v. 3 (6): 201.	» » »	15	1	—
7	Triphora Nutt.		Amer. trop. & Subtrop.	20	4	4
126	Trigonidium Lindl.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (6): 98.	America tropical	11	6	3
134	Trizeuxis Lindl.	» » » v. 3 (6): 195.	» » »	2	2	1
11	Vanilla Juss.	» » » v. 3 (4): 144.	Regiões tropicaes	70	17	12
160	Warmingia Rehb. f.	» » » v. 3 (6): 117.	Brasil	3	3	3
88	Warrea Lindl.	» » » v. 3 (5): 375.	America tropical	1	1	—
120	Warszewiczella Rehb. f.	» » » v. 3 (6): 469.	» » »	18	4	2
15	Wulfschlaegelia Rehb. f.	» » » v. 3 (4): 241.	» » »	3	3	1
9	Xerorchis Schltr.	Fedde Repert. v. 35 : 45.	Brasil	1	1	1
104	Xylobium Lindl.	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 465.	America tropical	27	5	3
47	Yolanda Hoehne	Arch. Mus. Nac. v. 22 : 72.	Brasil	1	1	1
115	Zygopetalum Hook	Cogn. Fl. Bras. v. 3 (5): 563.	Brasil Guian. Venez. Co- lumbia	20	13	12
156	Zygostates Lindl.	» » » v. 3 (6): 216.	Brasil Paraguay	9	8	8

Na presente lista não estão incluídas as espécies com indicação de procedência "Roraima" (ou "Roroimã", como escrevem alguns), visto não ter a certeza de que tenham sido observadas dentro do território brasileiro.

A maior extensão da Serra desse nome, com sua vegetação impar, pertence á Guiana Ingleza, sendo essa a parte mais explorada. E' possível que também na parte pertencente ao Brasil ocorram as espécies em questão, mas na literatura por nós manuseada não havia indicação segura a respeito. As espécies nestas condições são as seguintes:

Cattleya 1; Elleanthus 1; Epidendrum 5; Koellensteinia 1; Maxillaria 2; Mormodes 1; Otostylis 1; Phragmopedilum 2; Stenoptera 1; e Zygopetalum com 1 especie.

O numero de espécies de Orchidaceas observadas no Brasil augmentou, de 1.476 que eram em 1906, (Cogniaux Bull. Soc. Bot. de Belgique, pt. 43:353 1906) para 2.031 em dezembro de 1932. Dessas contam-se 1.710 espécies endêmicas no Brasil.

Dos 163 generos aqui observados, 31 são endêmicos.

Quanto ao numero de espécies com relação a esses 31 generos endêmicos obtivemos as seguintes frequências: Promenaea 17; Capanemia 10; Phymatidium 8; Cirrhaea 5; Dipteranthus 5; Centroglossa 4; Colax 4; Chytroglossa 3; Grobya 3; Pseudostelis 3; Warmingia 3; Lepanthopsis 2; Phloeophila 2; Pinelia 2; Platyrhiza 2; Pogoniopsis 2; Rodrigueziopsis 2; Binotia 1; Huebneria 1; Isabelia 1; Leaoa 1; Loefgrenianthus 1; Neogardneria 1; Neolauchea 1; Orleanesia 1; Quekettia 1; Saundersia 1; Sophronitella 1; Theodorea 1; Xerorchis 1; Yolanda 1.

Esta lista poderá ser augmentada pela inclusão de certas regiões septentrionaes da Argentina e do Paraguay, pertencentes também a zona phytogeographica brasileira. Os generos Cyanaeorchis, Gomeza, Leptotes, Sophronitis e Zygostates, cujas areas de dominancia ficam no Brasil, são representadas por um só especie de cada genero no vizinho Paraguay.

Pela nova taxonomia dos generos resultou ficar modificada a ordem dos mesmos conforme o numero de espécies de cada um. Os generos que contêm agora mais de 25 espécies são os seguintes:

Pleurothallis	318	especies, sendo	300	endêmicas
Habenaria	160	"	136	"
Epidendrum	126	"	83	"
Oncidium	117	"	97	"

Octomeria	81	especies sendo	77	endemicas
Maxillaria	80	" "	67	"
Catasetum	67	" "	58	"
Stelis	65	" "	60	"
Bulbophyllum	42	" "	40	"
Cyclopogon	38	" "	37	"
Cleistes	37	" "	34	"
Pelexia	35	" "	33	"
Physurus	35	" "	18	"
Cattleya	34	" "	31	"
Campylocentrum	33	" "	28	"
Encyclia	29	" "	24	"
Laelia	25	" "	25	"

Sobre as relações de nossa flora Orchidacea com as dos países vizinhos faremos oportunamente algumas comunicações.

O grande numero de generos endemicos dá perfeita demonstração do notavel centro productivo que é a região comprehendida especialmente pelos estados do Rio de Janeiro, Minas Geraes e São Paulo. Alem disso fica patenteada a correlação com observações de outras familias vegetaes nessa região.

LITERATURA CITADA

- 1 — Ames (1898). — American Gard. v. 19: 741.
- 2 — Barbosa, H. (Março de 1920) Orchidaceas novas. "Auri Verde". Ouro Preto. Minas (anno 1) (N.º 9): 3-5. Com estampa.
- 3 — Barbosa Rodrigues, J. (1901). — Contributions du Jardin Botanique de rio de Janeiro, v. 1.
- 4 — Barbosa Rodrigues, J. (1908). — Plantas novas cult. no Jard. Bot. Rio de Janeiro v. 6.
- 5 — Brade, A. C. (1932). — Especies novas de Plantas do Estado do Rio de Janeiro Arch. do Mus. Nac. Rio de Janeiro, v. 34.
- 6 — Campos Porto, P. (1915). — Contribuição para o conhecimento da Flora Orchid. da Serra do Itatiaia. Arch. Jard. Bot. do Rio de Janeiro, v. 1: 107-126. Com 4 tabellas.
- 7 — Campos Porto, P. (1917). — Um caso de Hybridação natural. Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro, v. 2: 63-66. Com 1 estampa.
- 8 — Campos Porto, P. (1922). — Uma Octomeria nova. Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro, v. 3: 285-288. Com 1 estampa.
- 9 — Cogniaux, A. (1906) — (1907). — Notes sur les Orchidées du Brésil et des régions voisines. Bull. de la Soc. de Bot. de Belgique, tome 43.
- 10 — Cogniaux, A. (Agosto-1912). — Comm. de Linhas Telegr. Estrateg. de Matto Grosso ao Amazonas. Anexo. 5. Historia Natural. Botanica. (pt. 3).
- 11 — Cooper, E. (1928). — Orch. Rev., v. 36: 315.
- 12 — Dutra, J. (1933). — Uma Orchidacea nova do Rio Grande do Sul — "Ostenia": 172-174. Com figura
- 13 — Hoehne, F. C. (1910). — Comm. de Linhas. Telegr. Estrateg. de Matto Grosso ao Amazonas. Anexo N.º 5. Botanica (pt. 1). Atlas com 57 estampas: 21-64.
- 14 — Hoehne, F. C. (Agosto-1912). — Comm. de Linhas Telegr. Estrateg. de Matto Grosso ao Amazonas. Anexo 5. Historia Natural. Botanica (pt. 4). Orchid.: 7-31. Com 14 estampas.
- 15 — Hoehne F. C. (Novembro-1914) — Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon. Anexo N.º 2. Botanica: 36-39. Com 2 estampas.

- 16 — Hoehne, F. C. (Janeiro-1915). — Comm. de Linhas Telegr. Estrateg. de Matto Grosso ao Amazonas. Anexo N.º 5. Historia Natural. Bot. (pt. 5). Orchidaceae: 30-64. Com 23 estampas.
- 17 — Hoehne, F. C. (Janeiro-1916). — Comm. de Linhas Telegr. Estrateg. de Matto Grosso ao Amazonas. Anexo N.º 5. Historia Natural. Botanica. (pt. 9): 25-43. Com estampas N.º 165-177.
- 18 — Hoehne, F. C. (1918). — Orchidaceas novas e menos conhecidas dos arredores de São Paulo. — Revista do Museu Paulista, v. 10: 439-446. Com 2 estampas.
- Hoehne, F. C. & Schlechter, R. (Setembro-1921). — Contribuições ao Conhecimento das Orchidaceas do Brasil II. (Set. 1920). Annex. de Mem. do Inst. de Butantan. Secç. de Bot., v. 1 (2). Vide Schlechter.
- Hoehne, F. C. & Schlechter, R. (1926). — Contrib. ao Conhecim. d. Orchid. do Brasil III. — Arch. de Bot. do Estado de S. Paulo, v. 1 (3): 156-298. Com 26 estampas. Vide Schlechter.
- 19 — Hoehne, F. C. (1927). — Especies novas ou menos conhecidas de Orchidaceas do Brasil. — Arch. de Bot. do Estado de São Paulo, v. 1 (4): 575-585.
- 20 — Hoehne, F. C. (Julho-1927). — Loeffgrenianthus. Nova classificação de uma orchidaceas. Arch. de Bot. do Est. de São Paulo, v. 1 (4): 589-595. Com estampa.
- 21 — Hoehne, F. C. (Outubro-1929). — Contribuições para o conhecimento da flora orchidológica Brasileira. 1. — Arch. do Inst. Biol., v. 2. São Paulo: 4-52. Com 10 estampas.
- 22 — Hoehne, F. C. (Agosto-1930). — Contr. para o conhecimento da flora orchid. Brasileira 2. Arch. do Inst. Biol. S. Paulo, v. 3: 287-320. Com estampas 37-39.
- 23 — Huber, J. Materiaes para a Flora amazonica. 7. Plantas Duckeana austro-guyanenses. — Boletim do Museu Goeldi (Museu Paraense), v. 5: 327-330.
- 24 — Kränzlin, Fr. (1897). — Bulletin Herb. Boissier, v. 5: 110.
- 25 — Kränzlin, Fr. (1906). — Fedde Repert., v. 2: 57.
- 26 — Kränzlin, Fr. (1909). — Fedde Repert. Nov. Spec., v. 7: 39.
- 27 — Kränzlin, Fr. (1911). — Beiträge z. Orchideenflora Südamerikas. Kungl. Swenska Vetenskapsakademiens Handlingar v. 46 (N.º 10): 1-105. Com 13 gravuras.
- 28 — Kränzlin, Fr. (1913). — Ann. Nat. Hofmuseums. Wien v. 27: 110.
- 29 — Kränzlin, Fr. (Fevereiro-1915). — Orchidaceae quaedam Americanae. Arkiv för Botanik, v. 14 (N.º 10): 1-8.
- 30 — Kränzlin, Fr. (1920). — Orchidaceae quaedam Americanae. Vedensk. Medd. fra Dansk naturh. Foren., v. 71: 169-180.
- 31 — Kränzlin, Fr. (1920). — Orchidaceae Dusenianae novae. Arkiv. för Botanik., v. 16 (N.º 8): 1-30.
- 32 — Kränzlin, Fr. (1922). — Orchidaceae-Monandreae. Oncidiaceae-Odontoglossaceae fasc. 2. (Das Pflanzenreich, v. 4, fasc. 50 Leipzig).
- 33 — Kränzlin, Fr. (1926). — Fedde Repert. Beiheft 39: 73.
- 34 — Kränzlin, Fr. (1929). — Fedde Repert., v. 26: 225.
- 35 — Kränzlin, Fr. (1929). — Fedde Repert., v. 27: 26.
- 36 — Löfgren, A. (1917). — Novos subsidios para a Fl. Orch. do Brasil. Arch. do Jard. Bot. Rio de Janeiro, v. 2: 49-62. Com 9 estampas.
- 37 — Mansfeld, R. (1927-1930). — Orchidaceae Amazonicae Hübnerianae. Notizblatt d. Bot. Gartens & Museums. Berlin-Dahlem, v. 10: 378-382.
- 38 — Mansfeld, R. (1927-1930). — Zur Kenntnis der Gattung Catasetum L. C. Rich. Notizblatt d. Bot. Gartens & Museums. Berlin — Dahlem, v. 10: 476-478. Com fig.
- 39 — Mansfeld, R. (1928). — Orchidaceae novae Bradeanae. Fedde Repert., v. 24: 243-246.
- 40 — Mansfeld, R. (1930). — Fedde Repert., v. 28: 93.
- 41 — Porsch, O. (1901-1908). — Ergebnisse der Botanischen Expedition der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften nach Südbrasilien, v. 1: 92-167. Com 8 gravuras.
- 42 — Rolfe, (1904). — Hand-List. Orchids. Roy. Bot. Gard. Kew. ed. 2: 101.
- 43 — Sampaio, A. J. de (1909). — Uma Orchidaceas nova. Arkiv. Mus. Nac. Rio de Janeiro, v. 15: 187-192. (5). Com tab.
- 44 — Sampaio, A. J. de (1916). — Plantae novae vel minus cognitae 1. — Orchid. Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro, v. 18: 57-63. Com 2 estampas.
- 45 — Sampaio, A. J. de (1923). — Lista das Orchidaceas do Hervario da Secção de Botanica do Museu Nacional. Rio de Janeiro.
- 46 — Schlechter, R. (1912-1913). — Orchidac. nov. et crit. In Fedde Repert., v. 35: 45.

- 47 — Schlechter, R. (1914). — *Plantae Uleanae, Orchidaceae*. Notizblatt d. Bot. Gartens & Museums. Berlin — Dahlem, v. 6 (N.º 54): 120-126.
- 48 — Schlechter, R. (1914). — *Oncidium patulum* Schltr. n. sp. "Orchis" (anno 8) (N.º 2): 18-19. Com estampa.
- 49 — Schlechter, R. (1915). — Die Gattung *Houlletia* Brongn. "Orchis" (anno 9) (N.º 6): 123-133. Com tab.
- 50 — Schlechter, R. (1916). — Die Gattung *Cynoches* Ldl. "Orchis" (anno 10) (N.º 3): 47-61.
- 51 — Schlechter, R. (1916). — Die Gattung *Coryanthes* Hook "Orchis" (anno 10) (N.º 4): 67-82. Com 8 figuras.
- 52 — Schlechter, R. (1916). — Über eine neue *Stanhopea* — Art. Notizbl. der Bot. Gartens & Museums. Berlin — Dahlem (N.º 62) v. 6: 483-484. Com figura.
- 53 — Schlechter, R. (1917). — Die Einteilung der Gattung *Laelia* und die geographische Verbreitung ihrer Gruppen. "Orchis" (anno 11) (N.º 5): 87, 96.
- 54 — Schlechter, R. (1918). — Die Gattung *Restrepia* H. B. & Kth. Fedde Repert., v. 15: 255-270.
- 55 — Schlechter, R. (1918). — Die Gattung *Aganisia* Ldl. und ihre Verwandten "Orchis" (anno 12 N.º 1-2): 1-28. Com 5 figuras.
- 56 — Schlechter, R. (1918). — Beiheft z. Bot. Centralblatt, v. 36 (2): 470.
- 57 — Schlechter, R. *Orchidaceae novae in caldariis Horti Dahlemensis cultae* 1 & 2 — Notizbl. d. Bot. Gartens & Museums. Berlin — Dahlem, v. 7 (N.º 66): 268-280, et (N.º 67): 321-330.
- 58 — Schlechter, R. (1919). — Beiträge zur Kenntnis der Orchideenflora von Paraná. Fedde Repert., v. 16: 247-254.
- 59 — Schlechter, R. (1919). — Die Gattung *Brassavola* R. Br. "Orchis" (N.º 3, 4, 5): 41-59.
- 60 — Schlechter, R. (1919). — Die Gattung *Signatostylis* Rchb. f. Fedde Repert., v. 15: 139-148. (Tambem Genero *Capanemia*).
- 61 — Schlechter, R. (1920). — Studium z. Klärung der Gattung *Rodriguezia* Ruiz & Pav. Fedde Repert., v. 16: 425-430.
- 62 — Schlechter, R. (1920). — *Orchidaceae novae et criticae* Decas 65. — Fedde Repert., v. 16: 353-358.
- 63 — Schlechter, R. (1920). — Idem, Decas 66-67: 437-450.
- 64 — Schlechter, R. (1920). — Versuch einer systematischen Neuordnung der *Spiranthis*. — Beihefte z. Bot. Centralblatt, v. 37 (Abt. 2): 317-454.
- 65 — Schlechter, R. & Hoehne, F. C. (Setembro de 1921). — Contrib. ao Conhecimento das Orchid. do Brasil (Setemb. 1920). Annexos d. Mem. do Instituto de Butantan. Secq. de Botanica, v. 1 (2): 1-48. Com 11 estampas.
- 66 — Schlechter, R. (Janeiro 1921). — Die Gattung *Promenaea* Ldl. Notizblatt d. Bot. Gartens & Museums. Berlin-Dahlem. (N.º 70).
- 67 — Schlechter, R. (1921). — *Orchidaceae novae & criticae*. Additamenta ad Orchideologiam Brasiliensem. — Fedde Repert., v. 17: 267-272.
- 68 — Schlechter, R. (Setembro 1921). — Die Orchideenflora der südamerikanischen Kordillerenstaaten, v. 4. Perú. — Fedde Repert. Beihefte, v. 9.
- 69 — Schlechter, R. (1922). — Neue Orchideen Brasiliens. Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro, v. 3: 289-293. Com 2 estampas.
- 70 — Schlechter, R. (1921-1924). — *Orchidaceae novae in caldariis Horti Dahlemensis cultae* 3. Notizbl. d. Bot. Gartens & Mus. Berlin — Dahlem, v. 8: 117-126.
- 71 — Schlechter, R. (Março 1922). — *Orchidaceae Bradeanae Paulenses*. Anexo d. Mem. Instituto Butantan. Secq. de Botanica, v. 1 (4): 1-68. Com tab. 1-14.
- 72 — Schlechter, R. (Março 1925). — Die Orchideenflora von Rio Grande do Sul. Fedde Repert. Beihefte, v. 35: 20.
- 73 — Schlechter, R. (1925). — Beiträge zur Orchideenkunde des Amazonas Gebietes. Beihefte z. Bot. Centralblatt, v. 42 (2): 67-150.
- 74 — Schlechter, R. (1925). — *Orchidaceae novae et criticae*. — Fedde Repert., v. 21: 330-343.
- 75 — Schlechter, R. (1926). — Beiträge z. Kenntnis d. Orchideenflora von Paraná. 2. *Orchidaceae Hatschbachiana*. — Fedde Repert., v. 23: 32-48.
- 76 — Schlechter, R. & Hoehne, F. C. (1926). — Contrib. ao Conhecimento das Orchidaceas do Brasil 3. — Arch. do Bot. de São Paulo, v. 1 (3): 156-298. Com 26 estampas.
- 77 — Schlechter, R. (1930). — Fedde Repert., v. 26: 296.
- 78 — Schlechter, R. (1930). — Blütenanalysen neuer Orchideen. I. Südamerikanische Orchideen. Fedde Repert. Beihefte, v. 58.
- 79 — Wild, De (1906). — Orchis 1: 25.
- 80 — Wild, De (1906). — The Gardners Chronicle London, v. 39: 244.

LITERATURA CONSULTADA

- Cogniaux, A. (1893-1906). — *Orchidaceae*. Martii Flora Brasiliensis, v. 3 (pt. 4-6).
Hoehne, F. C. (1930). — *Album de Orchidaceas Brasileiras*.
Pfitzner, E. (1889). — *Orchidaceae* — Die natürlichen Pflanzenfamilien. Engler & Prantl. (pt. 2). — Abteilung 6.: 52.
Pfitzner, E. (1903). — *Orchidaceae* — *Pleonandrae*. Das Pflanzenreich, v. 4 (50).
Schlechter, R. (1919-1922). — Die Orchideenfloren der südamerikanischen Kordillerenstaaten, vs. 1-5. Fedde Repert. Beih. 6-10.
Schlechter, R. (1922-1923). — Beiträge zur Orchideenkunde von Centralamerika vs. 1-2. Fedde Repert. Beih. 17-19.
Schlechter, R. (1927). Die Orchideen. 2ª. edit.
Schlechter, R. (1926). — Das System der Orchidaceen, Notizbl. d. Bot. Gart. u. Mus. Berlin-Dahlem., v. IX N.º 88: 563.

O Jardim Botânico é um instituto para a sciencia e para o povo

DO REGULAMENTO DO I. B. V.

O Instituto de Biologia Vegetal conferirá titulos de conformidade com as seguintes cathogorias:

a) *honorario*: ao scientista nacional ou estrangeiro que, de qualquer modo, tenha concorrido para o progresso das sciencias estudadas no I. B. V.

b) *correspondente*: ao scientista nacional ou estrangeiro que de qualquer maneira collaborar com os serviços technicos, enviando-lhes dados scientificos ou material de valor;

c) *benemerito*: a toda pessoa que concorrer, de uma só vez, com a importancia de cinco contos de réis ou quatia superior em especie ou objectos;

d) *doador*: a toda pessoa que fizer contribuição em especie ou em objectos, não especificados;

e) *remido*: a toda pessoa que concorrer, de uma só vez com a quantia de um conto de réis.

Aos membros do Instituto serão conferidos diplomas de conformidade com as cathogorias estipuladas nas letras a e e.

Os membros benemeritos remidos e doadores gozarão da faculdade de assistir ás sessões do Conselho Technico quando reunido para deliberar sobre a applicação das doações.

— Todos os donativos feitos em especie ao Instituto deverão preferencialmente ser realizados por meio de cheques cruzados com a declaração do nome do Banco do Brasil, e a favor do fundo de doação.

SOBRE O "DIPLODIA" DA MANDIOCA

DIOMEDES W. PACCA

Assistente da Secção de Phyto-
pathologia

Em Junho de 1933, provenientes dos municípios de Itajahy, E. de Sta. Catharina e Bomsuccesso, E. de Minas Geraes e remetidos á Secção de Phythopathologia pelo agronomo Josué Deslandes, da Directoria de Vigilancia Sanitaria Vegetal, tivemos occasião de examinar algumas raizes tuberculizadas de mandioca, atacadas de doenças de origem desconhecida.¹

Tratava-se em ambos os casos de raizes inteiramente mumificadas com a casca rugosa e enegrecida, deixando ver aqui e ali, emergentes dos tecidos sub-corticaes, pequenas protuberancias negras estromaticas, constituidas, de accôrdo com o exame de córtes histologicos ahi praticados, de picnidios sub-globosos, papilados, de dimensões variaveis cespitosos, mais ou menos immersos num estroma. No interior desses picnidios vimos numerosos esporios, alguns hyalinos continuos, outros fuscos¹ — septados com o episporio longitudinalmente estriado, com as dimensões de 24-30 x x 12-18 inseridos na extremidade de esterigmas curtos entremeiados de filamentos paraphysoides filiformes mais espessos no apice.

Internamente todos os tecidos dessas raizes, já em parte decompostos, achavam-se percorridos por grosso mycelio multiseptado e ás vezes, toruloso, mais desenvolvido na região medular.

Quer partindo de filamentos desse mycelio, quer de um dos picnidiosporios acima referidos, conseguimos obter em meios de agar-aipim-agar e em semi-cylindros de aipim em tubos de Roux, em menos de oito dias á temperatura de 30-32° C. abundante desenvolvimento vegetativo do fungo logo succedido de formações hyphenchimatosas englobando picnidios inteiramente identicos aos encontrados na natureza.

1 — Um desses exemplares, proveniente do municipio de Itajahy, estaria atacado da doença conhecida naquella localidade pela denominação de "saporema". Sobre o assumpto vide notas no Appendice.

Em meios de agar-ameixa-agar, houve fraco desenvolvimento vegetativo do fungo mas geraram-se picnidios de fórmas curiosissimas, taes os verificados na fig. 6.

POSIÇÃO SYSTEMATICA

Referivel pelos seus caracteres morphologicos ao genero *Lasiodiplodia* creado por Ellis e Everhar em 1896 e hoje considerado, bem como os generos *Botryodiplodia*, *Diplodiella* e *Chaetodiplodia*, synonymos de *Diplodia* dada a inconstancia ou transitoriedade dos respectivos caracteres genericos differenciaes, o fungo em apreço ainda se enquadra na diagnose da especie *theobromae*² (*Lasiodiplodia theobromae* (Pat.) Griff. e Maubl. ou *Diplodia theobromae* (Pat.), segundo Tabenhaus, (1) fungo assás polymorpho e polyphago já assignalado no Brasil como em quasi todos os paizes tropicaes e sub-tropicaes accommettendo interminavel numero de plantas³.

Com o fim de determinar a identidade dessas duas fórmas, realizámos uma série de inoculações experimentaes em fructos de cacauero, tendo podido verificar com a só deposição do inoculo proveniente de culturas puras, na região peduncular do epicarpo de 10 fructos, infecções perfeitamente identicas ás da nomeada especie⁴.

PROVAS DE PATHOGENICIDADE

Fungo identico ao acima descripto ou delle apenas differindo pela localização dos picnidios muita vez encontrados inteiramente immersos no cortex e emittindo os seus esporios em fórma de longos cirrus gelatinosos primeiramente hyalinos e mais tarde negros, tivemos ainda occasião de verificar não só em raizes que teriam sido recentemente colhidas em plantações do Districto Federal mas tambem em fragmentos de hastes de mandioca provenientes do municipio de Coruripe, Alagoas⁵.

2 — O fungo por nós encontrado differe da *Betryediplodia Manihotis* Sydow, descripto e os *Annales Mycology*, n. 14, 1916, pg. 202, principalmente pela presença de paraphyses. No emtanto, a presumivel identidade desses dous fungos merese ser verificada.

3 — O *Diplodia theobromae* já foi descripto com as seguintes denominações: — *Botryodiplodia theobromae* Pat. em 1892; *Macrophoma vestita* Prill, e Delacroix, em 1894; *Diplodia cacaolcola* P. Henn. em 1895; *Lasiodiplodia nigra* App. e Laub. em 1906; *Botryodiplodia elasticae* Petech. em 1906; *Chaetodiplodia Grisea* Petech em 1906. *Lasiodiplodia theobromae* Griff. e Maubl. em 1909 e *Diplodia rapax* Massee em 1910.

Bancroft, citado por Butler (2) e por Nowel (3), em 1911 na Africa Oriental, teria encontrado a fórma perfeita desse fungo, delle nomeada *Thyridaria tarda*. Tal conexão, no emtanto não ficou perfeitamente comprovada.

4 — As infecções só foram observadas depois da completa maturidade dos fructos. Frutos proximos observados como testemunhas não apresentaram qualquer signal de infecção mesmo depois de colhidos e conservados no laboratorio em camara humida. Reinsulado o fungo inoculamo-lo em outros fructos e bem assim em raizes de mandioca com resultados e egualmente positivos.

Esta constatação veio reforçar a necessidade de experimentos conducentes á verificação de presumíveis relações phytopathologicas desse *Diplodia* com a mandioca, tendo se realizado os seguintes ensaios:

A — Irrigação durante todo o respectivo ciclo vegetativo, do aparelho radicular de 10 plantas (intercaladas de outras tantas servindo de testemunhas) com agua potavel tendo em suspensão fragmentos de culturas puras do fundo (esporios e mycelio).

B — Deposição directa do inoculo na superficie da casca de raizes mais superficiaes de 10 plantas, após ligeira e cuidadosa escarificação do terreno.

C — Deposição do inoculo com e sem incisão previa do cortex na superficie da casca (previamente desinfectada e lavada, respectivamente com solução de sublimado corrosivo a 1/1000 e agua esterilizada) de 20 raizes já completamente desenvolvidas e maduras, recémcolhidas e mantidas em camara humida á temperatura de laboratorio (25-30°C.). Tendo-se recoberto os pontos inoculados, indefinidamente, com algodão continuamente humidecido com agua esterilizada. Nas mesmas condições das inoculadas nas feridas asepticamente, foram deixadas como testemunhas outras tantas raizes da mesma procedencia.

D — Inoculações, com a technica usual, com e sem incisão previa do cortex nas hastes das 10 plantas referidas nos experimentos A. — Obs. — Os experimentos foram realizados com uma só variedade de mandioca (*M. palmata* var. *aipi.*).

RESULTADOS

A — Na colheita, procedida um anno após, as raizes não apresentavam qualquer symptoma externo ou interno de infecção. Algumas, no emtanto, e bem assim as provenientes de plantas testemunhas, transportadas para o laboratorio e mantidas em camara humida, começaram a apresentar no fim de 15 dias alguns signaes de infecção do *Diplodia* cujos esporios emittidos na fórmula de longos cirrus gelatinosos por picnidios inteiramente immersos no cortex foram facilmente identificados.

B — Nenhum signal externo ou interno de infecção foi observado nessas raizes, as quaes, no emtanto, nas mesmas condições das anteriores, transportadas para o laboratorio cobriram-se de fructificações do *Diplodia* 20 dias após a colheita.

C — Todas as raizes bem desenvolvidas e maduras, inoculadas, com ou sem incisão previa do cortex, começaram a apresentar os primeiros signaes de infecção, respectivamente, 10 e 18 dias após a colheita. As testemunhas mantiveram-se indemnes.

D — Resultados inteiramente negativos.

— Como complemento dessas experiencias colhemos algumas raizes as quaes depois de lavadas com solução de sublimado corrosivo a 1/1000 e agua esterilizada e enxutas, foram collocadas em camara humida.

Durante mais de 30 dias de observação não se observou qualquer signal de infecção do *Diplodia*, mas apenas uma alteração dos tecidos, attribuiavel a causas physiologicas.

INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados obtidos, (comquanto os nossos experimentos tivessem carecido de maior amplitude interessando outrosim diversas e bem definidas variedades de mandioca) parecem indicar que o *Diplodia theobromae*, como aliás já o foi verificado em relação a muitos dos seus hospedeiros, é no caso em apreço um parasito de fraqueza e de ferida, incapaz, como ficou mais ou menos demonstrado, de atacar os tecidos vigorosos da mandioca em qualquer das phases do cyclo vegetativo da planta.

Infêre-se ainda desses resultados que as frequentes alterações radiculares da mandioca verificadas poucos dias após á colheita são devidas principalmente ás infecções do *Diplodia*,⁶ o qual deve assim ser considerado um *grave parasito de armazenamento*, podendo ainda admittir-se, de accôrdo com os resultados dos nossos experimentos complementares, que as contaminações se dão no solo.

Continuaremos a pesquisar.

APPENDICE

NOTA SOBRE O "SAPOREMA"

Com a denominação de "saporema" conhece-se no littoral do Estado de Santa Catharina uma doença radicular da mandioca, que, segundo informes autorizados, chega a comprometter 40 % das culturas.

Brade (1) no seu trabalho sobre o *Polyporus sapurema* M. Moll. refere-se a doença de igual denominação conhecida dos antigos lavradores do valle do rio Ribeira no sul do E. de S. Paulo, tendo verificado que nos terrenos das varzeas com sólo argiloso, que depois de chuvas copiosas desenlamea facilmente e racha, as raizes de mandioca, como de plantas outras, bulbosas, ahi cultivadas, apodrecem e em córte transversal apresentam aspecto muito semelhante ao esclerodio do *Polyporus sapurema*;

5 — Esse material nos foi offerecido pelo agronomo José Hygino, esforçado technico da Directoria de Vigilancia Sanitaria Vegetal.

6 — Observações recentes comprovam o asserto.

onde, como bem pondera Brade, a provavel origem da denominação de *sapurema* dada á doença.

No decurso dos nossos experimentos e ainda em 1933, tivemos occasião de examinar mais um exemplar e alguns fragmentos de raízes de mandioca atacados de *sapurema* e remetidos á Secção de Phytopathologia, respectivamente, pelos agronomos Julio Nascimento e Henrique Reiniger, tendo observado nesse material, além do *Diplodia*, certas formações mycellianas taes como rhizomorphos sub-corticaes e um mycello interno com a estrutura de verdadeiros rhizomorphos (finissimos feixes de hyphas, brancas no centro (medula) e mais intimamente soldadas e escuras na periphéria (casca), lembrando formas analogas de um *Roselinia*.

Os supracitados agronomos Julio Nascimento e Carlos Reiniger, nas observações sobre o *sapurema* publicadas no supplemento agricola do "Correio da Manhã", de 18 de Novembro do anno p.p., assim se exprimem: "... Na parte subterranea, principal ponto de ataque, encontrámos tres aspectos differentes: a) no primeiro uma phosphorescência muito intensa visivel unicamente na primeira observação, etc.; b) no segundo caso as raízes estavam apparentemente mumificadas com fendas longitudinaes e *filamentos pretos*", etc., etc..

Essas observações, tanto no que dizem respeito á presença de *filamentos pretos* (rhizomorphos subterraneos?) como á *phosphorescência* (phenomeno já observado, entre outros mycologos, por Persoon citado por Viala (5) nos rhizomorphos subcorticaes do *Armillaria mellea*, agente de algumas podridões radiculares), fazem-nos, outrossim, conjecturar na possivel interferencia desse fungo no caso do *sapurema*.

Tendo sido infructiferas as nossas tentativas de isolamento do mycelio encontrado no, allás escasso e assás alterado, material remetido para exame, e considerando a reconhecida influencia do sólo local em todos os casos de podridões radiculares, não ha negar para solução do problema, a necessidade de observações locaes minuciosas que nos digam tanto da genese das fórmas mycellianas encontradas como da natureza dos sólos em que a doença se manifesta.

LITERATURA CITADA

(1) — TAUBENHAUS, (J. J.) — The probable non-validity of the genero Bodryodiplodia, Diplodiella, Chaetodiplodia, and Lasiodiplodia. Amer. Journ. of Bot. 2. 1915, n. 7 — p.p. 324-331, tav. XII-XIV.

(2) — BUTLER (E. J.) 1918 — Fungi and disease in Plants. Pag. 387.

(3) — NOWELL (W.) Diseases of Crop Plants in the Lesser Antilles. Pag. 159.

(4) — BRADE (A. C.) — A Sapurema — *Polyporus sapurema* Moll. Separata do Boletim do Museu Nacional — Vol. VI, n. 4.

(5) — VIALA (P.) 1893 — Les maladies de la vigne. Pag. 249.

O Jardim Botanico receberá qualquer contribuição em especie, plantas, sementes, material para laboratorio, livros, afim de augmentar a sua efficiencia.

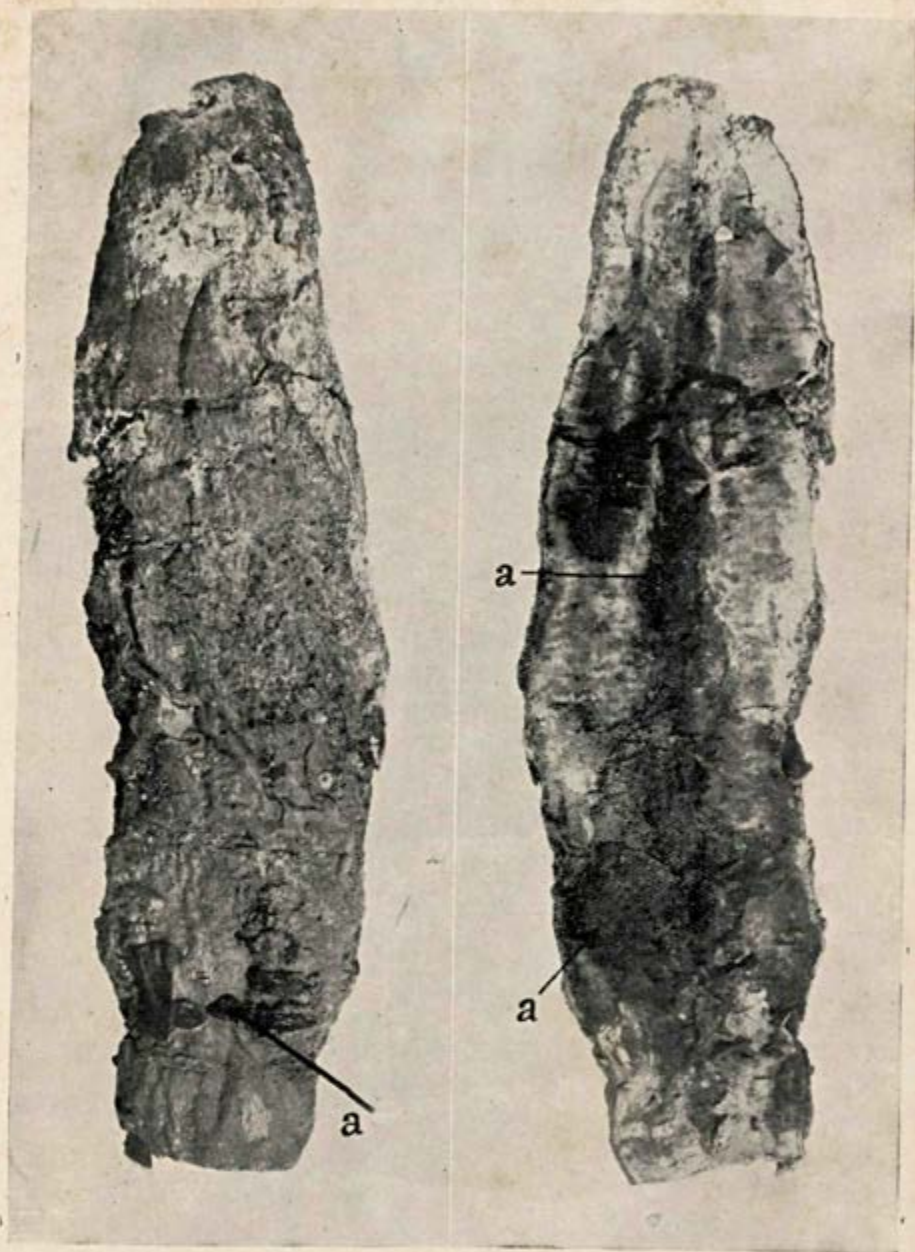


Fig. 1 — Raiz de mandioca com fructificação de *Diplodia*, em a.
Fig. 2 — A mesma raiz da fig. 1, em secção longitudinal.
(J. Barbosa photos)

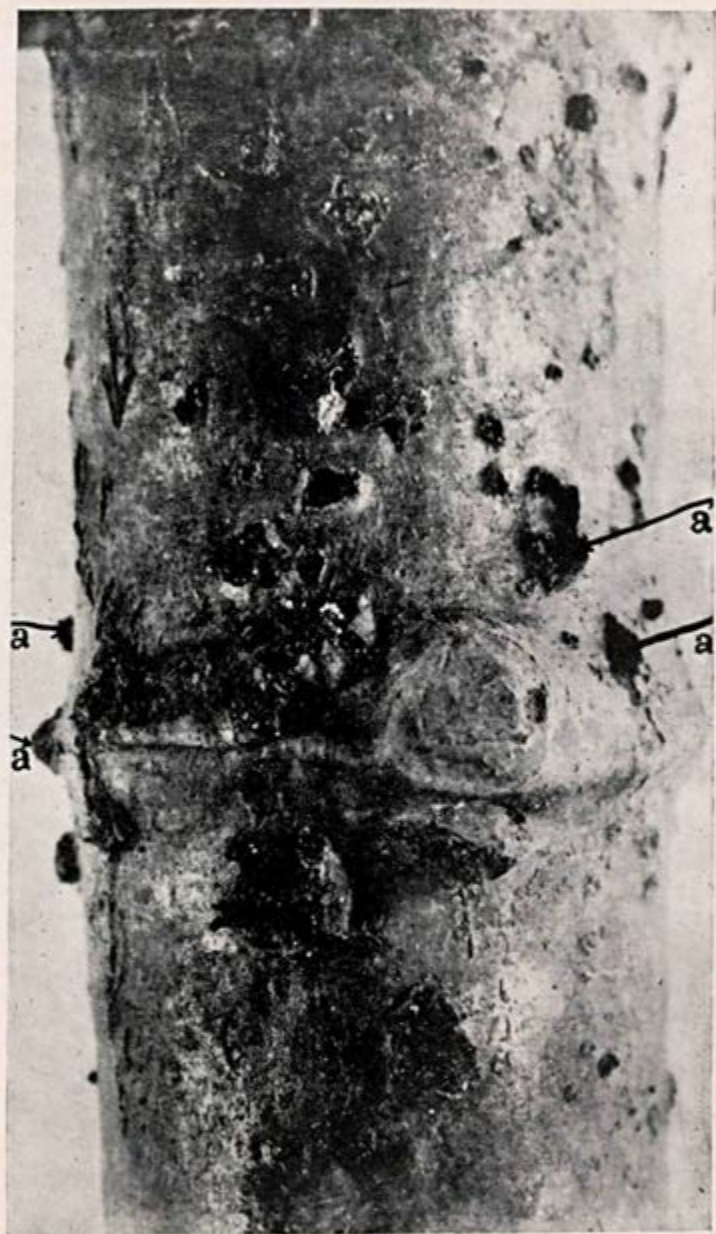


Fig. 3 — Fragmento de haste de mandioca atacada pelo *Diplodia*, apresentando em *a* os picnídios estromáticos do fungo (S. Lahera photo.)



Fig. 4 — Pícnidios estromáticos do *Diplodia* em secção transversal
(S. Lahera photo.)

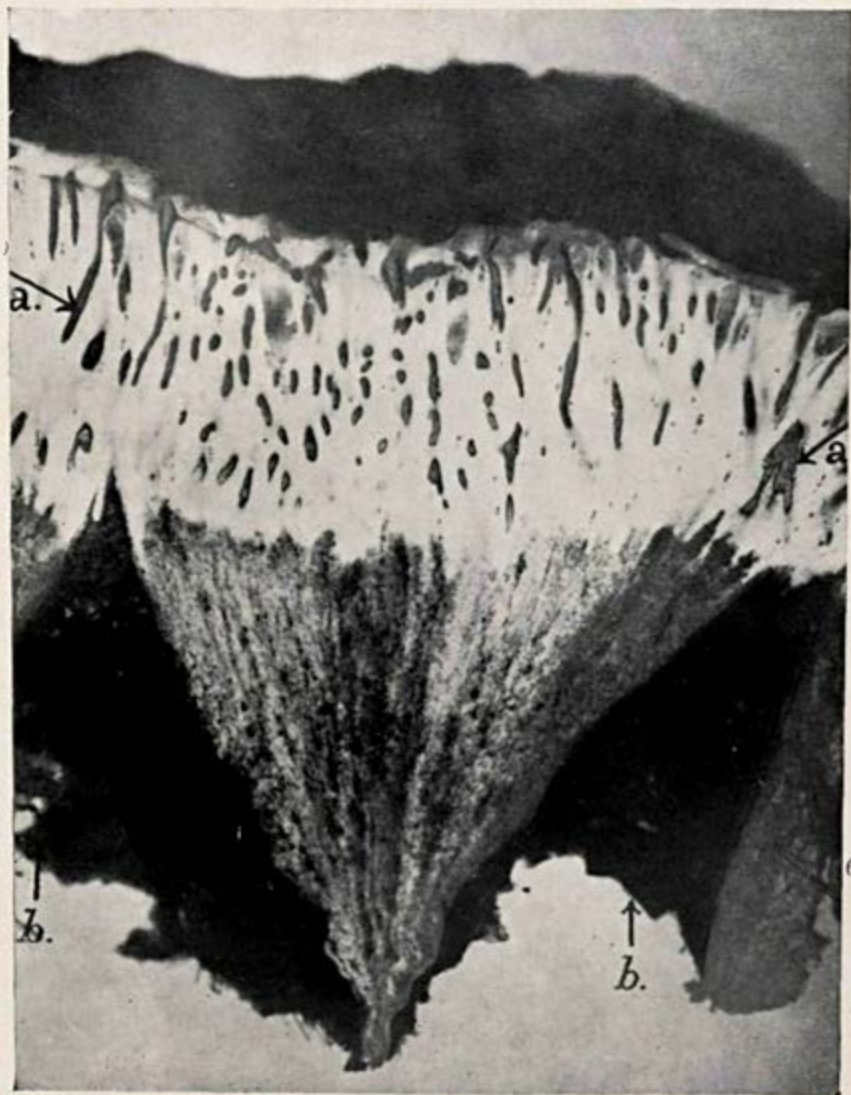


Fig. 7 — Aspecto característico de uma secção transversal de raíz de mandioca atacada de *saporema*, deixando ver a disposição radial dos rhizomorphos. Em *a* rhizomorphos; em *b* mycelio do *Diplodia*. Aug. 4/1. (S. Lahera photo).

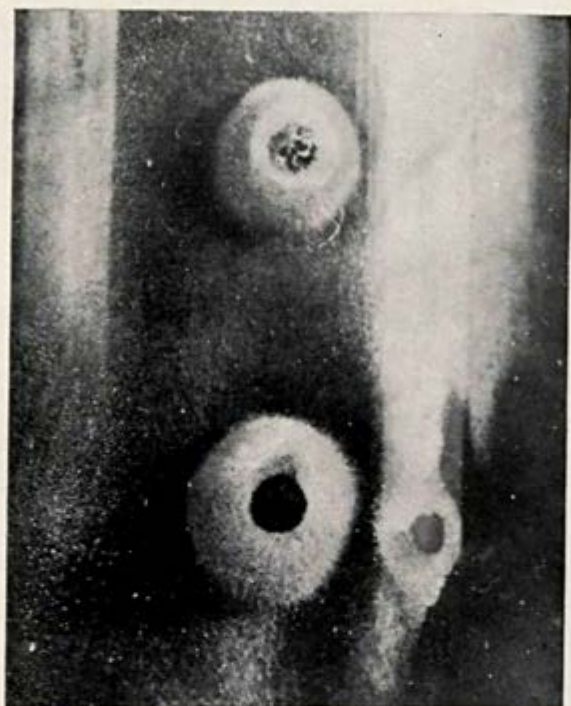


Fig. 5

Fig. 5 — Aspecto do *Diplodia* em meio de cultura de agar-aiplm-agar.



Fig. 6

Fig. 6 — Formas anômalas de picnidios do *Diplodia* em meio de agar-ameixa-agar
(S. Lahera photo.)

ESTUDO DE UM DICOTYLEDONEO FOSSIL DO CRETACEO

FERNANDO ROMANO MILANEZ

Assistente do I. B. V.

O presente trabalho é inteiramente baseado no exame de laminas pertencentes á collecção do Instituto Geologico e Mineralogico, gentilmente cedidas pelo Dr. Eusebio de Oliveira, illustre Director do mesmo Instituto, e que traziam as indicações seguintes: 24 g, 6059 (24 a), 6057 (24 d) e 6055 para as secções radiaes; 24 h e 6054 para as tangenciaes, e finalmente, 107 para a unica secção transversal. Em todas podiam-se observar detalhes histologicos mais ou menos nitidos, sendo menos favoraveis á observação as tangenciaes. Descrever esses detalhes, reconstituindo a estrutura do lenho e por meio desta, classificar botanicamente o fossil, é sómente o que procuraremos fazer nas paginas seguintes.

Quanto ao aspecto geologico da questão, indubitavelmente da maxima importancia, temos que nos cingir aos seguintes dados, fornecidos pelo já citado geologo: "material collectado pelo Dr. Gonzaga de Campos no lugar denominado Alegre Manga, ás margens do Parnahyba (Estado do Piahy), em depositos do systema cretaceo".

*
* *

Os aneis de crescimento são pouco nitidos. Seus limites, que occorrem com intervalos regulares, percebem-se a um exame mais atento, pelos caracteres seguintes: redução brusca dos diametros vasculares na faixa estreitissima e muito mal delimitada do lenho tardio; afastamento cada vez menor das linhas do parenchyma, á medida que se aproximam do limite do anel, onde é minimo e

contrasta nitidamente com o afastamento maximo inicial do anel seguinte; orientação tangencial mais perfeita, rectilinea, da ultima linha parenchymatosa, cuja espessura é occasionalmente augmentada por coalescencia.

Apresentam-se os *vasos*, pela ordem de frequencia, isolados, duplos ou triplos e em numero de 4 a 9 por 1mm^2 (raramente 3 ou 10). Mostram, quando isolados, secção oval regular, de diametro tangencial consideravel, o que occasiona quasi sempre forte curvatura dos 2 raios vizinhos, havendo sempre um só vaso em cada espaço inter-radial. O diametro maior é no entanto, quasi sempre, radial ou levemente obliquo e está comprehendido entre $120\ \mu$ e $320\ \mu$ na maioria dos casos; somente no lenho tardio é o diametro radial equivalente ou inferior ao tangencial, estando mesmo, ás vezes, aquem do limite minimo indicado. Desprovida de goma ou resina, contem geralmente a *cavidade vascular* apenas silica crystalizada; certos vasos ostentam, entretanto, tilos de paredes muito delgadas e conteúdo escasso amarellado ou pardacento, mais visiveis nos córtes longitudinaes que nos transversaes. Todos esses factos tornam difficil a mensuração exacta da espessura da *parede vascular*, aliás bastante variavel: $5,5\ \mu$ — $8\ \mu$ representam uma avaliação bastante aproximada. Os accidentes mais interessantes desta parede são as *pontuações* cujos caracteres variam de accordo com os elementos vizinhos, do seguinte modo:

a) *Paredes intervasculares* — pares areolados de pontuações pequenas ($7-8\ \mu$ de diametro) que se apresentam muito numerosas, polygonaes, com disposição nitidamente alterna, nos vasos largos; menos abundantes, elipticas, com disposição alterna ou intermediaria entre esta e a oposta, nos estreitos ou medios. Em todos os casos possuem abertura inclusa, em fenda ampla, eliptica, horizontal.

b) *Paredes parenchymo-vasculares* — pares de pontuações de dois tipos: (Fig. a).

1º) Areolados, constituidos de pontuações ellipticas com $8-11\ \mu$ de diametro,

2º) Semi-areolados, comprehendendo pontuação areolada do lado vascular (typo 1º) e simplificada em diversos grãos, grande (até $16-20\ \mu$) eliptica, do lado do parenchyma; ás vezes a uma simplificada correspondem 2 ou mais areoladas — “par composto unilateralmente”.

A disposição dessas pontuações é ora opposta, ora alterna, ora intermediaria. — Os pares do typo (1º) dominam no parenchima



Fig. 1



Fig. 2

Fig. 1 — Corte transversal, augm. 35 vezes.

Fig. 2 — Corte transversal, augm. 58 vezes
(C. Lacerda photos.)

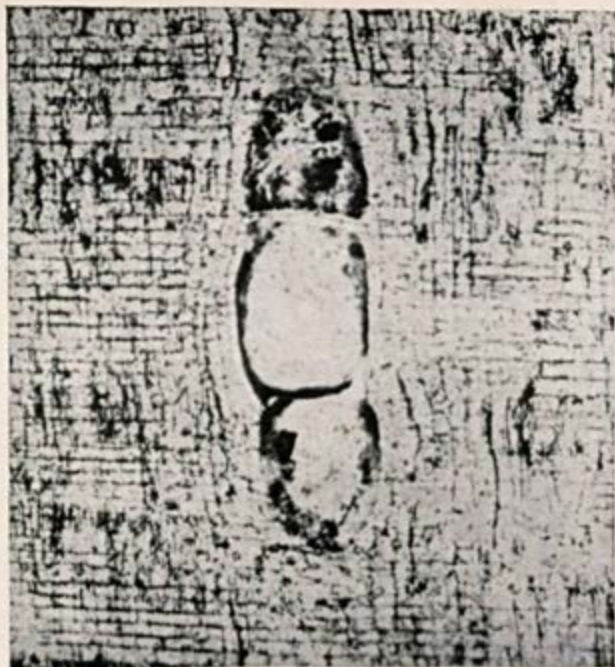


Fig. 1

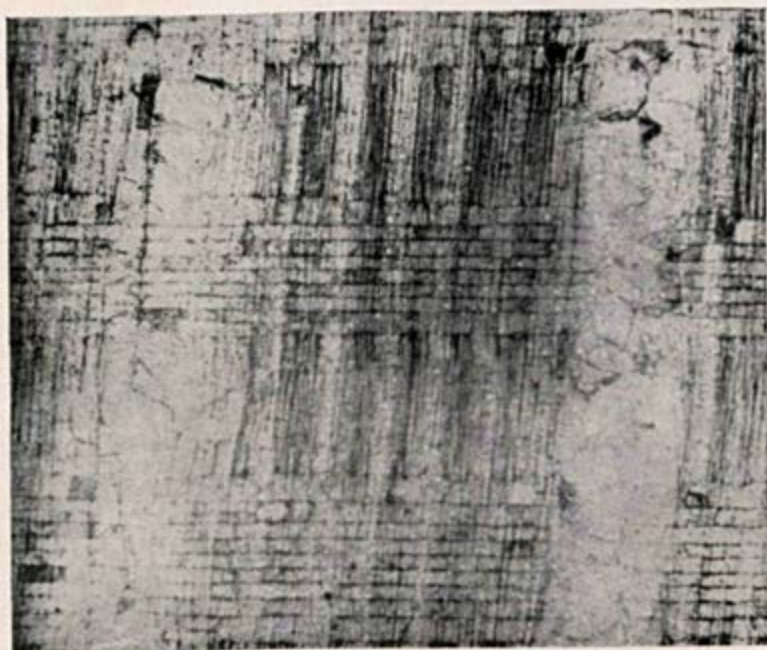


Fig. 2

Fig. 1 — Corte radial, augm. 58 vezes

Fig. 2 — Corte radial, augm. 58 vezes
(C. Lacerda photos.)

longitudinal, ao passo que os do t/po (2º) principalmente os maiores, são mais communs nos raios.

Raramente podemos observar a perfuração simples, parcial, mas ampla dos *elementos vasculares*: a area da perfuração é sempre horizontal ou fracamente obliqua. Não nos foi possível determinar a fórma exacta desses elementos pela falta de material para tentar uma maceração, tal como fizeram outros pesquisadores, entre os quaes *Bancroft* (1) (*); todavia, tanto quanto nos permittem julgar os córtes longitudinaes, são elles desprovidos de pontas; tambem o comprimento dos elementos só poudeser determinado nos córtes lingitudinaes e as medições effectuadas forneceram os seguintes resultados:

388 μ ; 400 μ ; 410 μ ; 432 μ (3 elementos); 453 μ ; 496 μ ; 518 μ ; 540 μ ; 538 μ ; 595 μ .

Constitue, o *parenchyma*, um reticulo perfeito cujas malhas rectangulares apresentam-se alongadas radialmente, por serem as linhas do *parenchyma* longitudinal mais afastadas entre si que raios (Est. 1). Nessas malhas acham-se localizazdos os vasos, inteiramente cercados de *parenchyma* porque seus diametros são em geral maiores que as dimensões das malhas, occupando frequentemente duas contiguas radialmente. As linhas de *parenchyma longitudinal*, de direcção rigorosamente tangencial, apenas levemente onduladas, não soffrem nenhuma influencia orientadora dos vasos, embora na sua vizinhança possam apresentar desvio accentuado ou espessura um pouco maior: trata-se, portanto, de *parenchyma* estrictamente metatraqueal. Como já foi consignado, a distancia entre as linhas é variavel no mesmo anel, diminuindo progressivamente do inicio ao fim do mesmo; nos casos extremos seu valor póde ser de 160 μ e 50 μ respectivamente. Na immensa maioria dos casos contam-se 3 linhas por 1 mm., e 7 linhas apenas quando somente é observado o fim de um anel. Constituidas quasi sempre de 2 series radialmente, só raras vezes se apresentam 1 — seriadas; 3 ou 4 series são, no entanto, communs na vizinhança de alguns vasos ou no limite do anel, por coalescencia. Muito difficeis de observar nas laminas tangenciaes (Est. 3 e 4) puderam, todavia, ser examinadas e até medidas algumas *series parenchymatosas*, graças ao ar retido nos meatos; esta circums-tancia tambem nos permittiu constatar a subdivisão das cellulas

(*) Talvez aqui fosse mais conveniente o acido fluorhydrico em lugar do chlorhydrico usado pela Autora.

em elementos isodiametricos (Fig. b) sómente attribuível á presença de crystaes. As series mensuradas deram os seguintes resultados: 432 μ com 4 cellulas; 530 μ com 6 cellulas; 615 μ com 8 cellulas; 690 μ com 8 cellulas. No numero de cellulas indicado não se leva em conta a subdivisão das crystaliferas. A secção transversal das cellulas do parenchyma é muito variavel, mas geralmente elliptica; tambem é variavel a direcção do diametro maximo, comprehendido quasi sempre entre 20 μ e 45 μ .

Os raios do parenchyma apresentam afastamento muito variavel, podendo contar-se de 7 a 12 por 1 mm. nos córtes transversaes. Quanto á constituição, são de dois tipos: 1º) inteiramente uni-seriados, formados de cellulas que nos córtes tangenciaes mostram secção rectangular, de altura 1,5-3 x a base; 2º) Parcialmente bi-seriados, constituídos de elementos cujas fórmãs e dimensões variam consideravelmente num mesmo raio. (Fig. c). Os raios do segundo typo, muitissimo mais frequentes, offerecem todas os aspectos intermediarios entre 1-seriados e 2-seriados typicos; elles são visivelmente heterogeneos embora não se possa falar com toda propriedade em cellulas horizontaes e cellulas erectas (Est. 2) Nas porções 2-seriadas o comprimento radial das cellulas é quasi sempre de 75-92 μ (desde 57 μ) e a altura, mais commumente, de 20-25 μ (desde 16 até 27); a relação entre o comprimento e a altura (3-3,5) é pouco expressiva para as cellulas horizontaes. Nas porções 1-seriadas, a comprimentos de 40-65 μ (às vezes desde 24 μ) correspondem alturas de 32-48 μ . O arranjo dessas duas especies de cellulas na constituição dos raios 2-seriados varia extraordinariamente, como se póde avaliar pela Fig. c. E' possivel, entretanto, assignalar que as cellulas erectas, além das pequenas porções internas que commumente constituem, occupam sempre os apices, onde formam fileiras simples de comprimento às vezes consideravel ("azas" ou "margens"). Com respeito ao numero das cellulas e á dimensão dos raios em altura parece-nos mais conveniente transcrever alguns resultados obtidos:

1º) Raios uni-seriados:

8 cel. — 205 μ	16 cel. — 389 μ
13 cel. — 290 μ	18 cel. — 405 μ
13 cel. — 324 μ	18 cel. (2) — 443 μ
15 cel. — 389 μ	20 cel. — 490 μ

O signal (2) indica que é parcialmente 2-seriado.

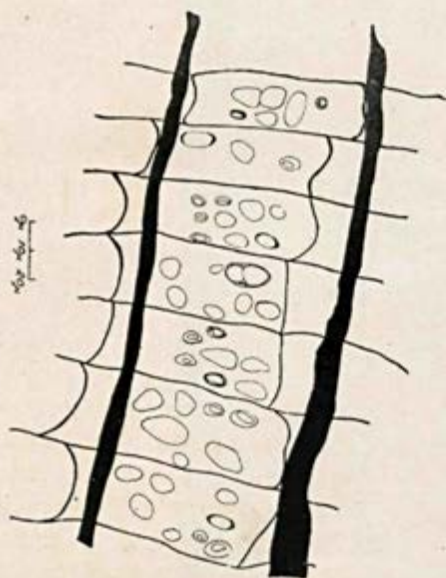


Fig. a

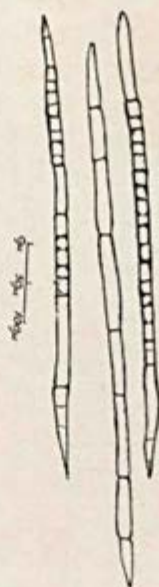


Fig. b

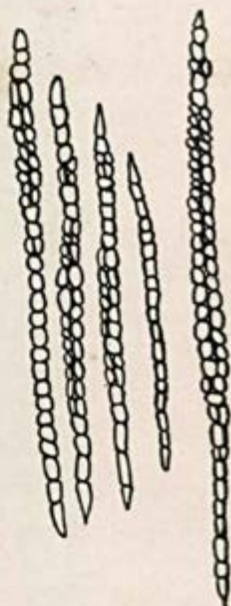


Fig. c

ESTAMPA III



Corte tangencial aumentado 58 vezes (C. Lacerda photos.)

2º) Raios 2-seriados:

7 — 4 — 3 — 345 μ	4 — 15 — 4 (1) — 565 μ
2 — 17 — 1 — 432 μ	5 — 22 — 1 — 565 μ
7 — 11 — 2 — 453 μ	2 — 21 — 2 — 594 μ
3 — 17 — 3 — 455 μ	7 — 16 — 2 (1) — 615 μ
10 — 4 — 9 — 510 μ	4 — 19 — 5 — 625 μ
2 — 15 — 5 (1) — 510 μ	4 — 14 — 9 — 648 μ
2 — 15 — 7 — 534 μ	3 — 10 — 15 — 650 μ
7 — 11 — 6 — 540 μ	1 — 27 — 2 (1) — 733 μ
3 — 18 — 3 (1) — 550 μ	1 — 30 — 4 (1) — 745 μ
7 — 13 — 4 — 553 μ	3 — 28 — 7 — 750 μ
	14 — 20 — 14 — 1031 μ

Os numeros extremos referem-se ás cellulas das “azas” (porções 1-seriadas) e os medianos ás da porção 2-seriada; (1) indica que esta porção é parcialmente 1-seriada.

Muito pouco se póde affirmar a respeito das fibras. Aham-se dispostas em fileiras radiaes muito regulares; sua secção transversal é mais commumente elliptica, de maior diametro tangencial ou tangencial-obliquo, podendo apresentar-se, porem, sub-circular ou polygonal: o primeiro aspecto parece corresponder á porção mediana, mais larga, cujo diametro maior (diametro maximo da fibra) é quasi sempre de 20-25 μ . Nenhuma indicação sobre o comprimento foi possivel obter. A espessura das paredes é impossivel de determinar exactamente, por causa da silica que occupa a cavidade do elemento; a relação entre o diametro desta e o diametro total da fibra, em córte transversal (fistulosidade), poude ser avaliada entre 1/2 e 2/3. As pontuações são difficilmente visiveis: percebem-se raramente sob a forma de fendas lineares paralellas ao comprimento da fibra, medindo 5-8 μ de comprimento; não mostram nenhum vestigio de areola, razão por que as julgamos simples. Como tambem não são visiveis quaesquer vestigios de septos nos elementos em questão, cabe-lhes bem a denominação de fibras libriformes.

Em principio, é arduo o problema da classificação e das affinidades botanicas dos dicotyledoneos do Cretaceo, ainda quando representados por fragmentos de madeira petrificada com estrutura perfeitamente conservada; as difficuldades foram attribuidas com razão, por *Stopes*, (4) ás 2 causas seguintes: "1º) Because from the earlier deposits few or none of the specimens are of Angiosperms. The anatomy of the stems of palms and a few dicotyledons of Upper Cretaceous age have described from various localities, but from the Lower Cretaceous deposits the woods have hitherto proved to be only Gymnosperms, or, if dicotyledon woods have been recognised, they have merely been casually referred to and not described. 2º) The modern Angiosperms are too numerous and too little known to be very helpful to the palæobotanist."

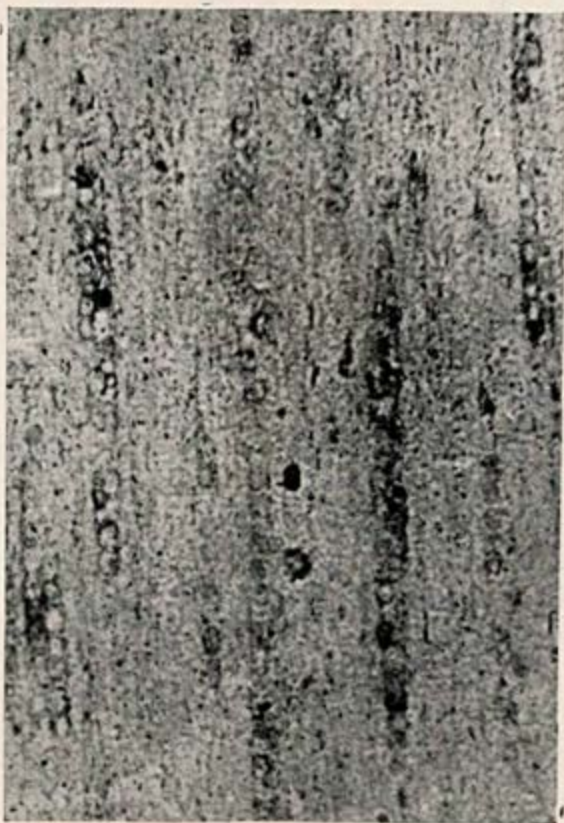
No nosso caso especial as difficuldades subordinadas ao primeiro item tomam vulto extraordinario pela falta de bibliographia especializada: acreditamos, mesmo, que seja este o primeiro lenho dicotyledoneo fossil descripto com minucia no Brasil. Restava-nos portanto a comparação com as especies actuaes, como unico meio de investigação, aqui tanto mais indicado quanto a anatomia do fossil reproduz fielmente o typo estrutural das madeiras hodiernas. Foi, aliás, esta concordancia anatomica admiravel que nos permittiu descobrir sem grande difficuldade no fossil estudado um authentico representante das *Lecythydaceae*, familia bastante homogenea e cujos caracteres estructuraes são inconfundiveis. (2) (3) Si por algum tempo hesitamos entre esta e a das *Sapotaceae*, foi tão somente porque não conseguimos logo de inicio delimitar as paredes das fibras, para avaliar a sua espessura.

O conhecimento anatomico precario dos generos actuaes de *Lecythydaceae*, si nos permite, dada a homogeneidade da familia, assegurar a classificação do fossil na mesma, é, no entanto, impotente para marcar-lhe o exacto lugar dentro da citada familia. Devemos, pois, renunciar, pelo menos provisoriamente, a collocar-lo num dos generos já existentes, razão por que propomos a criação de um novo genero — *Lecythioxylon*, denominando *brasiliense* á especie aqui descripta.

Lecythioxylon brasiliense ng. n.sp.

Madeira petrificada de dicotyledoneo do Brasil tropical; limites dos aneis de crescimento pouco nitidos mas regularmente espaçados; como caracteristico mais saliente — reticulo perfeito de parenchyma formado pelas variedades longitudinal e radial; a primeira tipicamente metatracheal, em linhas tangenciaes sensivel-

ESTAMPA IV



Corte tangencial (C. Lacerda photos.)

mente rectilíneas, quasi sempre 2-seriadas (1-3), contendo series crystalíferas; raios nitidamente heterogêneos, 1-seriados ou mais communmente 2-seriados (parcialmente) neste caso dotados de "azas"; geralmente 0m,5-1m. de altura e 13-38 cel; vasos porosos, frequentemente com tilos, moderadamente largos até largos e cercados de parenchyma; elementos vasculares de curtos a longos, com pares de pontuações bi-areolados, pequenos, alternos, quando intervasculares, com estes e com pares semi-areolados grandes, oppostos, ou oppostos-alternos, quando parenchimo-vasculares; fibras libriformes.

LITERATURA

- (1) — *Bancroft*, Helen — Some fossil dicotyledoneous woods from Mount Elgon, East I — *Amer. Journ. Bot.* — 22; 164-183.
 - (2) — *Diehl*, George A. — A Study of the Lecythidaceae — *Tropical Woods* 43.
 - (3) — *Record*, Samuel J. — *Timbers of Tropical America*.
 - (4) — *Stopes*, Marie C. — Petrifications of the earliest european Angeosperms — *Phil. Trans.* — B. 203; 75 — 100.
-

O Jardim Botânico do Rio de Janeiro aguarda o auxilio de todos os brasileiros, afim de que possa constantemente elevar o nome que vem mantendo no mundo entre os estabelecimentos congeneres.

A "VARIOLA" DO MAMOEIRO

NEARCH AZEVEDO

Sub-Assistente do I. B. V.

O mamoeiro (*Carica papaya* L.), em quasi todas as regiões vizinhas ao Districto Federal, onde é cultivado, apresenta pequenas manchas pretas na face inferior das folhas e, raramente, na superior.

No mamão, essas manchas pretas, quando a infestação é grande, tomam por completo toda a superficie do fructo (fig. 1), tornando, assim, o seu valor commercial depreciado.

Nas folhas (fig. 2 e 3), como tivemos occasião de constatar no campo experimental da Secção de Phytopathologia do Instituto de Biologia Vegetal, notam-se de inicio, na face inferior, pequenos pontos esbranquiçados que aos poucos augmentam de diametro e tornam-se amarellados; dessa phase então, é que começam a ser visiveis as pustulas pretas circulares.

O parasito desenvolve-se com rapidez nos logares humidos, durando o seu cyclo de vida, de dois a tres mezes, quando então as manchas seccam, ficando por fim, apenas, as manchas circulares amarelladas e ligeiramente deprimidas, sobre o tecido da planta.

Acompanhando o desenvolvimento das manchas (variola) em um mamão, nota-se que a infecção se dá em plantas novas e adultas. As folhas primeiramente atacadas são as que occupam a parte mais inferior. Os brótos novos não apresentam as manchas, mas, á medida que se desenvolvem são infeccionados pelo fungo, proveniente de manchas das folhas situadas na parte inferior, que tambem contaminam os fructos. Após uma chuva ou grande orvalho em tempo quente, as manchas augmentam de extensão, porque os esporios (que são as sementes do fungo), espalham-se, conduzidos pelo vento ou por insectos, dando origem a novas manchas.

Todas as variedades de mamoeiros cultivados no Districto Federal apresentam essa doença.

André Maublanc, estudou-a em 1913, sendo o parasito por elle classificado como um fungo do genero *Sphaerella*, na fôrma perfeita, bem assim como na fôrma imperfeita ou conidiana de *Asperisporium*.

Posteriormente, verificando-se existir entre as algas um genero com esse nome, precedeu-se o fungo da palavra *myco*, ficando portanto a fôrma perfeita do parasito do mamoeiro, com a denominação de *MYCOSPHAERELLA CARICAE* MBL., A fôrma mais encontrada desse fungo, é a imperfeita de *Asperisporium*, sobre folhas e fructos.

Em nosso meio, segundo temos noticia, fomos os primeiros a verificar, sobre o epicarpo (fig. 4) por nós colligido em Maio de 1933, no Jardim Zoologico desta cidade, a fôrma perfeita de *Mycosphaerella caricae*.

Esta fôrma parece necessitar para seu desenvolvimento de uma região mais endurecida do tecido; por essa razão, nas zonas do fructo que por contacto ou outras causas, apresentem as células da epiderme esclerosadas, notam-se algumas vezes, pequenissimos pontos pretos, do tamanho de uma cabeça de alfinete, que cortados e examinados ao microscopio, revelam ser a fôrma perfeita do fungo. Outras vezes, entretanto, embora raro, como notou Maublanc, sobre as proprias manchas, nas quaes anteriormente se encontrava a fôrma de *Asperisporium*, pôde-se encontrar o fungo ascogeno ou perfeito.

TRATAMENTO — O facto mais importante no tratamento das doenças fungicas, é a escolha da época opportuna para a applicação do fungicida determinado. Como descrevemos acima, a doença inicia-se por pequenos pontos esbranquiçados na face inferior das folhas. Aconselhamos, portanto, inspecionar detidamente o mamoeiro, afim de verificar o apparecimento desse symptoma. Uma vez isso constatado, applica-se o fungicida, tendo o cuidado de aspergir com abundancia, a face inferior das folhas, onde o parasito se desenvolve. Caso o mamoeiro já se encontre infectado, deve-se destruir as folhas atacadas, queimá-las, não deixando sobre o sólo as que tenham cahido, evitando a permanencia de focos no terreno. As observações sendo conduzidas desde o inicio da plantação, evitam a infecção dos fructos, que em geral são contaminados depois do ataque soffrido pelas folhas.

Por meio de pulverizadores, pôde-se fazer duas pulverizações, espaçadas uma da outra de 15 dias. Como fungicida, poderá ser empregada a Calda Bordaleza a 1 %, commumente empregada

para fungos superficiaes como no nosso caso do *Asperisporium*, ou o producto commercial "Pó Bordalez", tambem a 1 %.

Tivemos oportunidade de submeter os mamoeiros do nosso campo experimental, á pulverização com calda bordaleza a 1 %, verificando que as novas manchas esbranquiçadas, após muitos dias não apresentavam a fructificação do fungo.

Decorridos 20 dias dessas pulverizações, as folhas nascidas e tornadas adultas dentro desse periodo, apresentavam-se limpas, isentas de parasito.

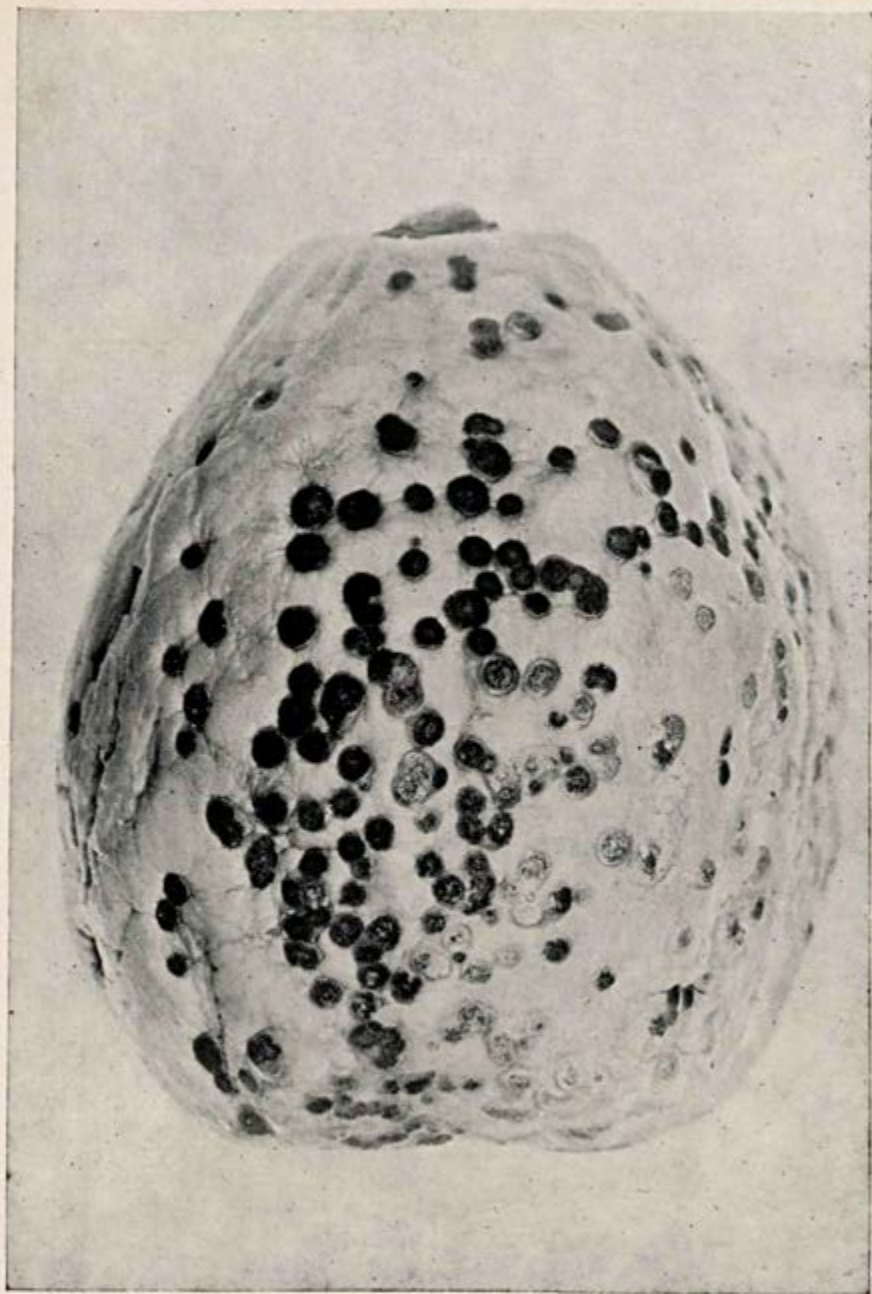


Fig. 1 — Fructo mostrando as fructificações do *Asperisporium caricae*
(S. Lahera photo.)

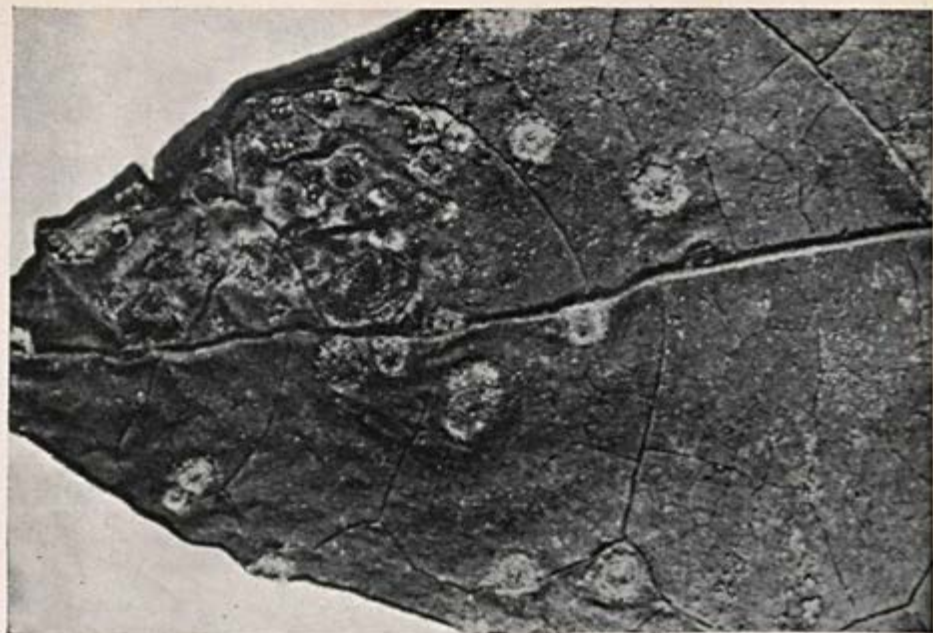


Fig. 2

Fig. 2 — Folha de mamoeiro com as manchas do fungo

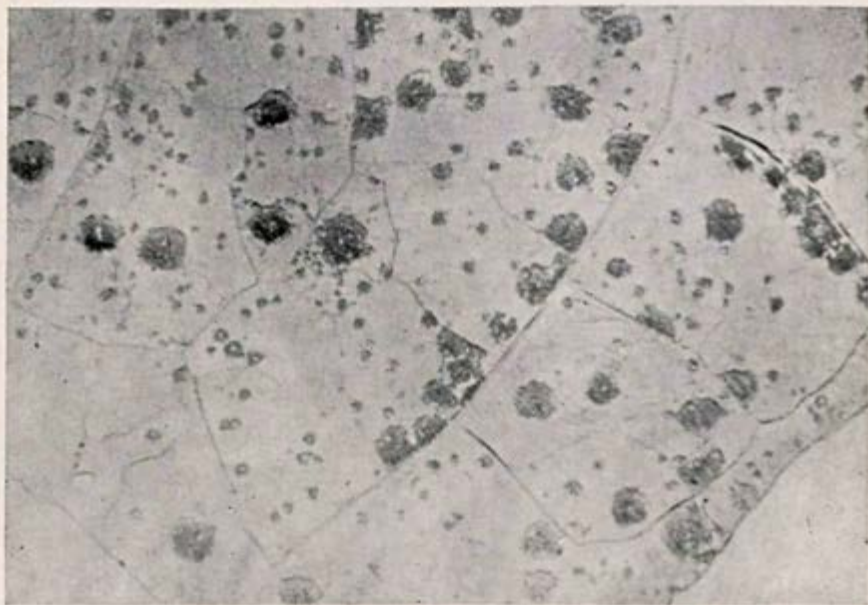


Fig. 3

Fig. 3 — As mesmas manchas da fig. 2, aumentadas

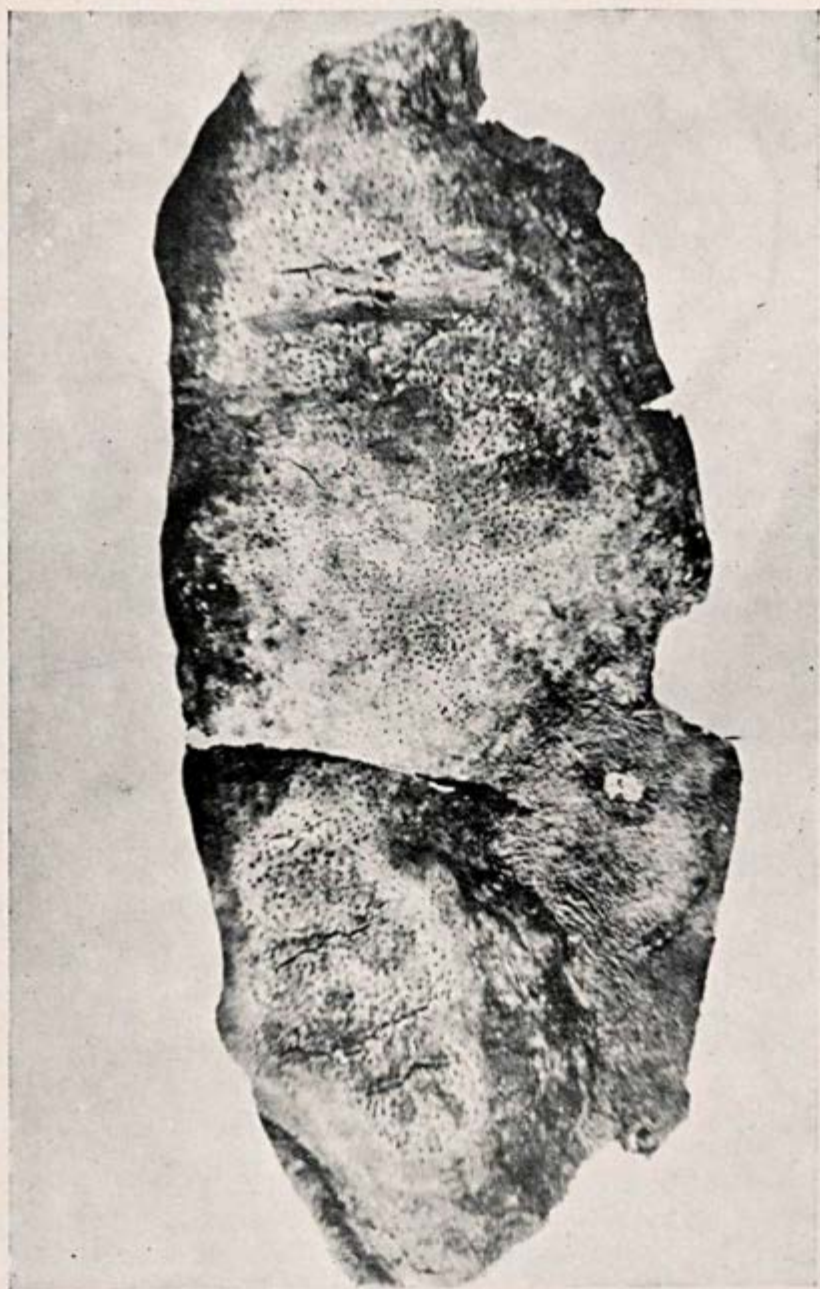


Fig. 4 — Epicarpo de mamão, com a forma perfeita do fungo
(S. Lahera photo.)

UMA NOVA ESPECIE DE FUCHSIA DO ITATIAYA

R. PILGER e G. K. SCHULZE

(Do Jardim Botânico de Berlim
— Dahlem)

(COM UMA ESTAMPA)

Fuchsia Campos Portoi Pilger et Schulze nov. spec. — Fruticulus; rami lignoso, patentes vel divaricati, crebre ramulosi, cortice tenui, fusco, internodiis brevibus. Folia papyracea, angustius vel latius lanceolata, superne sensim angustata, basin versus cuneatim angustata, 1,5 — 2,5 (—3) cm. longa, 3 — 5 (—8) mm. lata, glaberrima, distincte remote dentata, dentibus brevibus, obtusis, apicem folii versus directis, mediano supra anguste impresso subtus latiuscule conspicuo, nervis lateralibus primariis supra inconspicuis, subtus parum conspicuis vel inconspicuis, venis reticulatis inconspicuis; petiolus brevis, tenuis 2 — 3 (—4) mm. longus. Flores singuli axillares. pedicello tenui, 4 — 10 mm. (in fructu ad fere 2 cm.) longo; calycis tubus perbrevis, lobi kermesini, late oblanceolati, apicem versus breviter angustati et distincte breviter acuminati, 1,8 cm. longi, 5 — 6 mm. lati; petala obscure violacea, obovato-cuneata, apice leviter emarginata, 12 mm. longa, apice 8 mm. lata; antherae exsertae, filamentis 1,8 — 2,5 cm. longis, stili filaments parum superans, glaber; ovarium inferum in flore angustum; fructus immaturus globoso-ellipsoideus, maturus non visus.

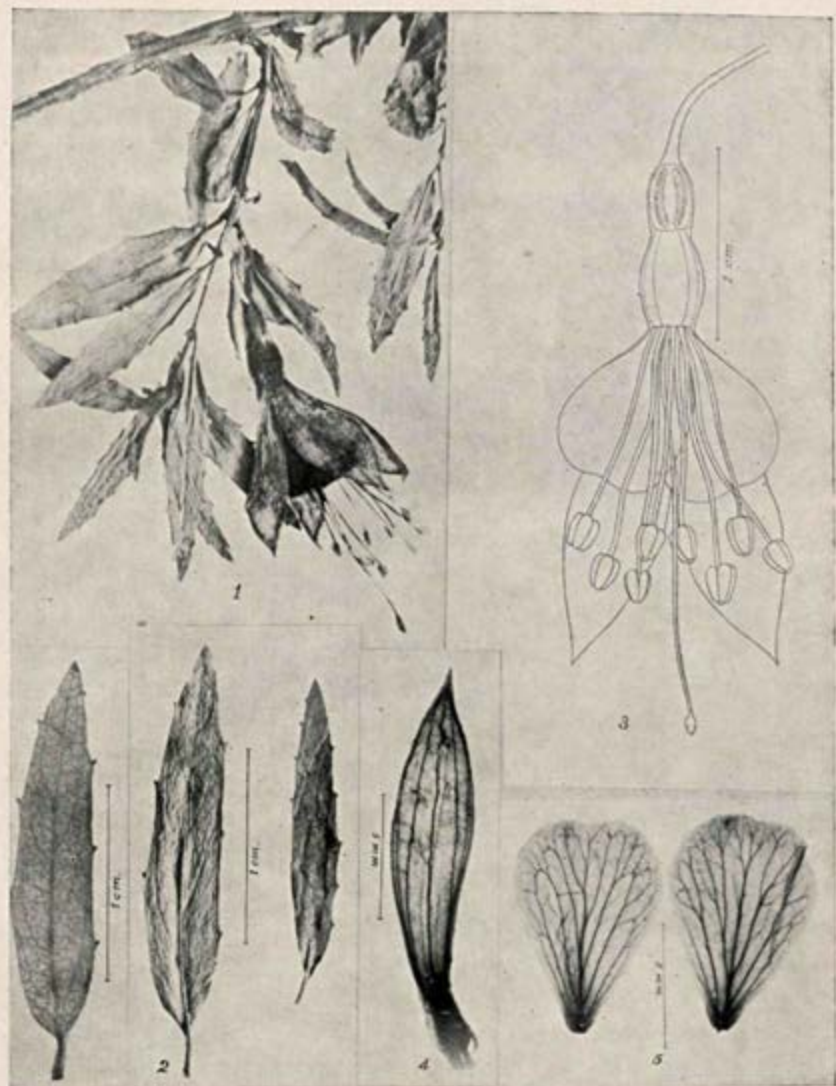
Estado do Rio de Janeiro. Serra do Itatiaya, planalto a 2.200-2.300 ms. de altitude. (R. Pilger — n. 31, florifera em dezembro de 1934. Typus.); Itatiaya, nos rochedos das Agulhas Negras, 2.800 ms. sobre o nível do mar, (R. W. Kämpfe n. 172 — florifera em março de 1928); Itatiaya (Glaziou n. 6.522).

Essa nova especie foi assim designada em honra ao Director do Instituto de Biologia Vegetal, Dr. Campos Porto, que muito se tem empenhado na exploração de Itatiaya e na manutenção das suas riquezas florísticas.

Esta especie, apenas conhecida em exemplares da Serra do Itatiaya é aparentada com *Fuchsia pubescens* Camb., distinguindo-se pelas folhas estreitas, com base cuneado-acuminada e dentes da margem claramente dirigidos para o apice da folha; a enervação secundaria forma malha pouco accentuada; o tubo do calice é muito curto e as lacinias muito estreitas (x).

(x) Texto extrahido da pag. 470 do n. 114 (Junho de 1935) do *Notizblatt des Botanischen Gartens und Museums zu Berlin-Dahlem*.

Estampas, photographadas por C. Lacerda, do Herbario do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. N.º 25.695. Cotypus.



Fuchsia Campos-Portoi Pilg. et Schulze. — Fig. 1 — Ramo florífero. Fig. 2 — folhas. Fig. 3 — Corte longitudinal da flôr. Fig. 4 — Sepala. Fig. 5 — Petalas. (C. Lacerda photos et del.)

NOTA SOBRE O "DIPLODIA" DO ALGODOEIRO

NEARCH AZEVEDO

Sub-Assistente do I. B. V.

O objectivo principal da presente nota é assignalar a occorrença de um fungo do genero *Diplodia*, sobre capsulas de algodão em nosso paiz.

A presença desse fungo sobre algodoeiros, segundo pudemos verificar na publicação americana "The Plant Disease Bulletin" (n. 7 de 1917), foi constatada nos Estados americanos de Louisiana e Mississippi, causando apreciaveis prejuizos a essa importante malvacea.

Os Annaes da União Pan-Americana de 1930, citam essa doença, dando o seu agente causador como um parasito secundario.

No Brasil, os trabalhos existentes sobre doenças do algodoeiro, não computam a presença do *Diplodia* sobre capsulas (1 e 2).

No campo experimental da Secção de Phytopathologia do I. B. V., verificamos, durante os mezes de Abril e Maio, numa plantação de algodão *Gossypium hirsutum* X grupo americano Upland var Webber Delta Type, plantado para estudos geneticos do Sr. Assistente. E. Vellasco, que as capsulas apresentavam inumeros pontos globosos e pretos, em toda superficie.

Examinado o material no laboratorio, em córtes histologicos, revelou a presença de um fungo do genero *Diplodia*, com as characteristics da especie *gossypina*.

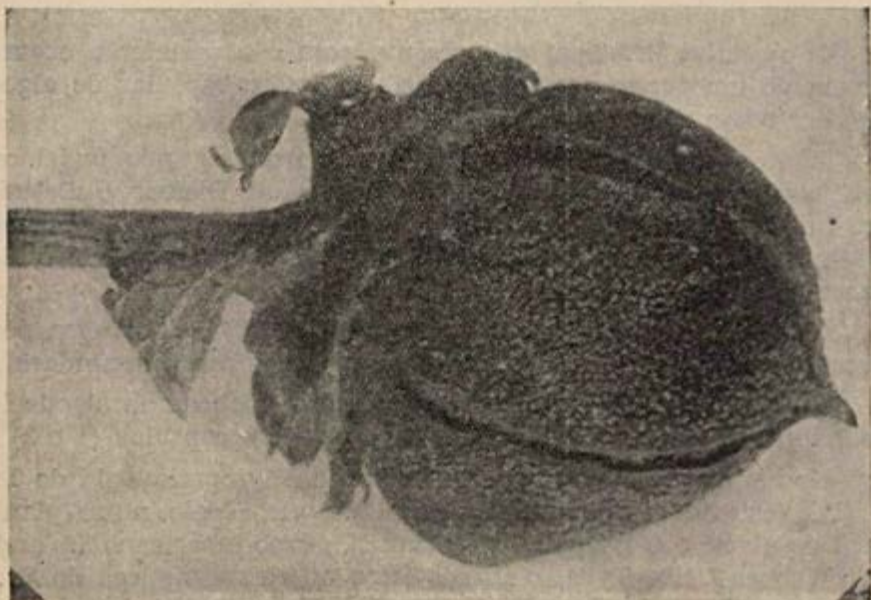
Esse fungo tem por fórmula perfeita, segundo os trabalhos de Taubenhause e Stevens, uma Spheriaceae do genero *Physalospora*. As capsulas atacadas ainda no inicio do desenvolvimento, ficam

(1) — BITTANCOURT (A. A.) — Doenças do Algodoeiro. O *Biologico*, ns. 3, 4 e 5 — 1935.

(2) — SACCA', AVERNA — Molestias cryptogamicas do Algodoeiro. *Buletin de Agricultura*, S. Paulo — Ns. 4 e 5 — 1920.

atrophiadas e as maçãs já formadas em geral seccam, sem que terminem o seu cyclo biologico.

As diversas linhagens não eram atacadas numa mesma proporção, devido provavelmente á resistencia individual que differia de uma para outra, facto esse, para o qual, desejamos chamar attenção, embora summaria, lembrando a vantagem da selecção ou criação de linhagens resistentes, impossibilitando a invasão do fungo, não obstante ás condições ambientes favoraveis. Essas condições, foram notadas em nosso campo experimental, auxiliando sobremodo o desenvolvimento expontaneo do parasito, pois a humidade relativa durante a progressão da doença, segundo os dados



Capsula com infestação do *Diplodia*. (J. Barbosa photo.)

fornecidos pelo posto meteorologico local, foi em media de 85,0, teor bastante elevado e favoravel ás infecções fungicas.

Das nove linhagens onde verificamos o ataque do *Diplodia*, notamos a differença de resistencia entre ellas, como indicamos no seguinte quadro:

— Ns. das linnhagens —	— Gráo de infestação —
2180, 2272, 2129 e 2222.....	Infestação muito severa
2168	" severa
2224, 2350, 2130 e 2392.....	" moderada

RELATORIOS

Excursão a Santa Maria Magdalena No Estado do Rio de Janeiro

DE 26 DE FEVEREIRO A 11 DE MARÇO DE 1935

A região de Santa Maria Magdalena possui uma vegetação tão particular e interessante que resolvi nella realizar uma terceira excursão com o fito de estudar sua rica flora e colher material secco e vivo para o nosso Jardim Botânico.

Temos nessa localidade um esforçado collaborador, o Sr. Joaquim dos Santos Lima, encarregado do Horto Florestal do Municipio de Sta. Maria Magdalena, que, ainda desta vez, muito nos auxiliou.

No dia seguinte á nossa chegada empreendemos uma subida á Pedra Dubois, situada perto da cidade, com uma altitude de 1.200 metros sôbre o nivel do mar, e 600 metros mais alta que a séde do municipio.

Os lados léste e oeste dessa Pedra, especialmente, são formadas de rochas lisas, bem inclinadas, com uma vegetação baixa e rala, composta de Bromeliaceas, Melastomataceas, Vellosiaceas, Gesneriaceas e outras plantas sub-arbustivas ou herbaceas.

Entre as Bromeliaceas são dominantes as *Vriseas*, que as vezes se encontram habitadas pela *Utricularia nelumbifolia*. Ha tambem nesta formação a interessante Scrophulariaceae *Magdalenaea*, parasitando, com as suas raizes, as plantas das vizinhanças. A familia das Orchidaceas está bem representada com o genero *Epidendrum*, assim como os *Laelia* e *Oncidium*.

Outras familias ahi encontradiças são as das *Rubiaceas*, *Malpighiaceas*, *Ericaceas*, *Apocynaceas*, *Compostas*, *Gramineas* e *Cyperaceas*.

No segundo dia de minha estada na localidade (28 de fevereiro) subimos o Morro da Estação, no outro lado da cidade. Ali, são já um pouco differentes as condições ecológicas, havendo consequentemente uma flórula a parte. *Vellosiaceas* arbustivas de 1 a 2 metros de altura, *Stillingias* (Euphorbiaceas) e outros arbustos como a Rubiacea *Bradea brasiliensis*. De par com as *Vrisias* estavam Bromeliaceas, representadas por uma linda e ornamental espécie de *Pitcairnea*.

Acham-se varias Orchidaceas terrestres nas formações campestres, dos generos *Epistephium*, *Cleistes*, *Pelexia* e *Habenaria*. A esta formação pertencem tambem algumas Melastomataceas e a linda Scrophulariaceae *Otacanthus platytilus* (Radlk) Taub.

O dia 1º de março foi occupado com o tratamento e preparação do material colhido e aprestos para uma excursão, de alguns dias, ás serras sitas a noroeste do Municipio.

Cêdo, no dia 2 de março, sahimos com o nosso companheiro de sempre, Sr. Joaquim dos Santos Lima, e 3 camaradas, em direcção á Pedra da Republica. Até á bocca da matta, mais ou menos a 15 ilometros da séde, fomos a cavallo e dahi por deante a pé. Pouco antes de nossa chegada a uma toca que nos serviria de abrigo, cahiu uma chuva forte; sómente com grandes difficuldades foi possível fazer fogo e essa primeira noite não nos foi nada agradável. Felizmente no dia seguinte a chuva passou e o sol brilhou desde cedo. Deixamos dois camaradas incumbidos de arranjar melhor abrigo e subimos á Pedra da Republica. A matta da encosta já mostra uma flora rica e interessante. Pudemos recolher varias Pteridophytas, Orchidaceas, Gesneriaceas e outras plantas epiphytas, bem como uma Burmaniaceae saprophyta com flores violaceas.

O primeiro Alto, cerca de 1.500 metros de altitude, já visitado por nós no anno de 1932, é coberto de uma vegetação densa, arbustiva, de 1 a 2 metros de altura, composta de grande variedade de espécies. Entre estas a Gentianaceae -*Senae janeirensis*. Ericaceas, Malpighiaceas (*Byrsonima* sp.) Myrsinaceas, Compostas (p. ex. *Vernonia paniculata*) e predominando a elegante palmeira *Cocos insignis* com os estípites as vezes habitados pelas orchidaceas *Scuticaria Hadwenii*, *Epidendrum Miersii*, *Pleurothallis* e *Maxillaria* sp. Em logares mais abertos notavam-se *Lavoisieras* (Melastomataceae), *Drosera villosa* e outras plantas herbaceas como uma *Macrocarpea* sp. (Gentianaceae).

A subida para o ponto culminante (cerca de 1600 metros) foi bem difficil devido á densa vegetação arbustiva que continuou uniformemente e por causa dos fortes nevoeiros que impediram a orientação da caminhada. Sem encontrar mais plantas differentes das já colhidas no primeiro Alto, voltámos depois de alcançar o ponto culminante.

A 7 de março subimos a serra da Forquilha, que fica separada da Pedra da Republica por uma estreita garganta e é floristicamente bem diversa, possuindo sitios com vegetação campestre e rupestre. Apparecem por isso outras espécies sendo, ipso-facto, bem differente o aspecto geral. Ao lado de Velloziaceas baixas acham-se formações de lindas *Lavoisieras*, mas em lugares propi-

cios apparecem formações arbustivas semelhantes ás do Alto da Republica, com *Cocos insignis*.

Foi na manhã de 5 Março que deixámos a toca, nosso abrigo a caminho de Sta. Magdalena, sempre colhendo material na beira do caminho, especialmente num lugar chamado *Aguas Paradadas*, onde existe uma vegetação de matta-virgem hygrophyla, bem interessante e rica em Orchidaceas epiphyticas e Pteridophytas.

Pegamos os animaes na bocca da matta chegando, sem novidades, na mesma tarde, a Sta. Magdalena.

Os dias seguintes cuidamos da preparação do material colhido e fizemos umas pequenas excursões aos arredores da cidade.

A 9 de março voltamos á Pedra Dubois, onde apanhamos novas espécies de varias plantas interessantes, para herbario e para a collecção viva do Jardim.

Após despacharmos o material para o Rio (9 de março) embarcamos de regresso (10 de março).

O fructo desta excursão é representado pelo seguinte material trazido para o Jardim Botanico:

68 espécies de plantas vivas, sendo 49 Orchidaceas; sementes de 37 espécies e material preparado para herbario de 203 espécies de 55 differentes familias, além de diversas flores de Orchidaceas em liquido para analysar.

Rio de Janeiro, 10 de junho de 1935.

A. C. Brade.

Excursão á Serra do Cipó e a Barreiro, no Estado de Minas Geraes

ABRIL DE 1935

Por ocasião da minha estada em Bello Horizonte no mez de abril do corrente anno, desejei visitar uma das serras deste Estado, para conhecer um pouco da flora caracteristica destas.

O Sr. Dr. Mello Barreto, director do Jardim Botanico de Bello Horizonte, que me quiz acompanhar, propoz a Serra do Cipó, que se acha a uma distancia de 130 Kms. na direcção Nordeste da capital do Estado.

Graças á boa vontade do Superintendente da Agricultura Dr. José Soares de Gouveia e á bondade do Secretario da Agricultura Dr. Israel Pinheiro da Silva, foi possivel realizar tal plano.

Na manhã do dia 14 de abril sahimos, em automovel da Secretaria da Agricultura do Estado de Minas, acompanhados de um autocaminhão da Estação Experimental, em que viajaram os 3 ajudantes do Sr. Dr. Mello Barreto.

Aproveitamos uma pequena demora em Lagoa Santa para uma visita rapida á famosa Lagoa e foi possivel apanhar pelo menos umas das plantas raras desta, como *Oocarpon jussieuoides* (Onagracea), *Utricularia Lagoensis*, uma *Pontederiaceae* e uma *Alismatacea*.

Logo depois da Villa, a estrada deixa os "Cerrados", formação caracteristica que rodeia a Lagoa, e acompanha o Rio das Velhas. Os terrenos cultivados e pastos ali são interruptos por formações de palmeiras *Acrocomia sclerocarpa* Mart. (Macauba).

Deixando o valle deste rio a estrada passa outra vez por extensos e uniformes "Cerrados", até o pé da Serra do Cipó. Por falta de tempo infelizmente não pudemos visitar as formações calcareas, ali existentes perto do lugar chamado Vaccaria (km. 112). Só perto da estrada observámos a interessante *Melastomatacea Mouriria pusa* Gard. uma *Rafflesiaceae*, *Pilostylis* sp. para-

sitando sobre uma *Mimosa* sp. e mais umas outras plantas interessantes.

A estrada sóbe agora, serpenteando a serra, e alcança logo o planalto. A vegetação já muda de aspecto e no Km. 121 paramos para estudal-a mais de perto. Das abundantes especies apenas posso mencionar algumas como uma *Lansbergia* (Iridacea) com folhas cylindricas e arcadas em forma de chifres de bode; *Thesium* sp. uma Santalacea parasitaria sem folhas chlorophylladas; *Drosera graminifolia*, uma Rapateacea, Asclepiadaceas, Euphorbiaceas, Eriocaulaceas e numerosas outras. Nas fendas das rochas *Aneimia lanuginosa* um *Cereus* sp. e outras plantas interessantes.

Mais adeante augmenta ainda a originalidade do aspecto da vegetação. Apparecem as primeiras *Lavoisieras*, genero que é bem representado nesta serra, sendo, por suas grandes flores os mais lindos vegetaes desta região. Um aspecto estranho e original apresentam tambem as rosetas de *Paepalanthus bromelioides* e os arbustos de uma especie de *Coccolobium*, com as folhas duras, roxas e glaucas.

Por causa das varias demoras era tarde quando chegamos á Fazenda Paraíso (km. 132), onde nos hospedamos. Sem descanso aproveitamos ainda as ultimas horas do dia, para explorar a vegetação dos campos proximos.

Nos dias seguintes andamos por autocaminhão ao longo da estrada que cruza a serra numa altura de 1.400 mtrs. mais ou menos, bifurcando-se no km. 138 em direcção a Conceição e Pilar. De vez em quando paramos em lugares notadamente typicos e colleccionamos de ambos os lados da estrada. Assim, devagar, alcançamos, nas duas direcções, mais ou menos o km. 143, durante os dias 15 e 16 de abril.

O tempo infelizmente pouco ajudou-nos, e por isto não foi possivel a ascensão do Alto da Serra. Nevoeiros fortes encobriram as regiões mais altas, quasi permanentemente, e não permittiam uma orientação nestes extensos campos, sem caminho ou trilho marcado.

Mas, para uma primeira exploração, nas regiões proximas á estrada, já achamos ricas em novidades. Por causa do mau tempo de vez em quando era necessario procurar abrigo contra as chuvas, no autocaminhão.

Numa pequena matta, que cobria as margens de um correjo, achamos lindos exemplares de *Alsophila Feeana* e outras Filicineas como tambem umas Orchidaceas epiphytas. Entre as peque-

nas arvores desta formação, encontramos a *Vernonia pedunculata*, Rubiaceas, uma Eriacea com lindas flores brancas e uma Tibouchina com flores grandes. Mais interessante achamos ainda a flora campestre e colhemos muitas especies de Iridaceas, pequenas Dioscoreaceas, entre estas a rara *Dioscorea anomala* Gr. Compositas, Asclepiadaceas e representantes de varias outras familias.

Nas fendas das rochas, no abrigo contra os ventos, acha-se varias Filicinas como *Gymnogramma*, *Asplenium*, *Aneimia*, *Doryopteris*, *Elaphoglossum*, etc. Nas cristas, entre os blocos de pedras dominam as Velloziaceas, as vezes arbustivas com troncos grossos e originaes dotados de uma florula epiphytica interessantissima. Ao lado de Bromeliaceas, Orchidaceas dos generos *Sophronitis*, *Epidendrum*, *Maxillaria*, *Oncidium*, *Grobya*, etc. Tambem arbustos ou pequenas arvores pertencem á esta formação como *Podocarpus Lambertii*, *Lavoisieras*, Anonaceas, Solanaceas, Compositae, uma pequena Palmeira e Cactaceas.

Mas ricas em especie são ainda as formações campestres das planicies, pouco inclinadas, com solo humido, acido, turfoseo. Entre Cyperaceas e Gramineas acham-se varias Orchidaceas terrestres, bem como uma linda especie de *Oncidium*, Melastomataceas, Eriocaulaceas, Velloziaceas, Scrophulariaceas e interessantes especies pequenas de Gentianaceas e Lentibulariaceas.

Já era noite quando começamos a regressar, sentindo muito, deixar um lugar com uma florula tão interessante, sem acabar de estudal-a.

Na manhã do ultimo dia (17), a nossa sahida foi marcada para 11 horas, ficou o Sr. Dr. Mello Barreto com os seus ajudantes tratando o material colhido, e eu fiz, embora com nevoeiro e chuva fina, uma ultima volta nos campos proximos. Foi possível apanhar ainda varias especies interessantes, demonstrando não ter sahido ainda esgotada a riqueza da região para os estudos botanicos.

Depois do almoço sahimos da Fazenda "Paraizo". O tempo melhorou quando descemos um pouco, o que nos permittiu fazer ainda algumas paradas em lugares interessantes para apanhar material.

As 6 horas da tarde chegamos em Bello Horizonte depois de uma linda viagem.

No dia 19 fizemos ainda uma pequena e rapida excursão na Serra de Barreiros perto de Bello Horizonte. Ali se acha uma caracteristica formação "Cerrado" e pudemos collectar ainda varias especies interessantes.

O material apanhado nestas excursões e trazido para o Jardim Botânico foi o seguinte:

Plantas vivas	30 especies
Sementes	67 especies

Material preparado para Herbario 304 especies (pertencendo a 64 diferentes familias) e varios tubos com material em liquido para analysar.

A preparação do material para Herbario foi bem difficil por ter sido a maior parte, colhido molhado pelas chuvas. Só graças ao auxilio do Sr. Dr. Mello Barreto e seus ajudantes, foi possível conseguir o tratamento da grande quantidade.

A. C. Brade.

O Jardim Botânico do Rio de Janeiro é um mostruario vivo e permanente da inegualavel flora brasileira, expôsto aos olhos maravilhados de nacionaes e estrangeiros que nos visitam. A contribuição do publico fará conhecida a flora regional dos Estados.

A respeito da "*Maripa paniculata*" B. R. e da
"*Mouroucoa violacea*" Aubl.

Barbosa Rodrigues colheu, em Manáos, material completo, florífero e frutífero, da *Maripa paniculata* e publicou a descrição na "Vellozia". Recentemente, Adolpho Ducke colheu a mesma espécie em Manáos e preparou espécimens floríferos e frutíferos para o herbário do Jardim Botânico, distribuindo duplicatas por mais oito museus botânicos, dos quais sete estrangeiros, devendo-se accentuar que a classificação d'este material como *Maripa paniculata* foi aceita pelos respectivos cientistas, sem a menor contestação. Vide Herb. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, ns. 15.858, 22.576, 24.406 e 24.407.

O mesmo Barbosa Rodrigues colheu em Manáos uma outra Convolvulacea, em estado florífero e frutífero, incluindo-a, pelo fructo, no genero *Operculina*. Reconheceu-a como nova para o genero *Operculina* e publicou-a na "Vellozia" com o nome de *Operculina violacea*. Barbosa Rodrigues, tendo examinado as flores e os fructos da dita planta, não podia adivinhar que a mesma já tivesse sido descripta como *Maripa passifloroides* por Spruce e Benth. sem que estes auctores tivessem conhecido os fructos (capsulares e dehiscentes por meio de um operculo). Verifica-se, portanto, que o nome generico que deve ser conservado, é *Operculina*, porem o nome da especie será *passifloroides* pois este tem força de prioridade sobre a denominação *violacea*.

Adolpho Ducke que tem realizado varias viagens á Amazonia, colheu material completo da dita planta e reconheceu a identidade da *Operculina violacea* com *Maripa passifloroides*, passando a especie a ter o nome *Operculina passifloroides* (Benth.) Ducke nov. comb. (Notizblatt des Bot. Gart. und Mus. — Berlin — Dahlem. Bol. XI n. 106 (11 Juli 1932). Vide Herbario Jardim Botânico do Rio de Janeiro, ns. 22.572 e 24.409.

Torna-se, deste modo, clarissimo que os longos periodos do Sr. F. C. Hoehne (Boletim da Agricultura serie 35ª. Anno de 1934. Numero Unico — pag. 475-487) não têm o menor fundamento scientifico. Ao contrario da opinião de Hoehne, Barbosa Rodrigues não trocou absolutamente as duas convolvulaceas por

elle descriptas. A que elle descreveu como *Maripa paniculata* corresponde plenamente á classificação, no genero e na especie; a outra, *Operculina violacea*, caiu em synonymia apenas na especie, porem não no genero.

Quanto á *Mouroucoa violacea* Aubl. á qual o Sr. F. C. Hoehne attribue prioridade quanto ao nome do genero, os scientistas europeus citam-na, com duvida, entre os synonymos da dita planta. Ora, si esses auctores europeus, que têm conhecimento e facilidade de inspecção do especimen typo, nada podem affirmar com certeza sobre tal synonymia, muito menos licita é, em sciencia, a affirmação dessa prioridade por quem nunca tenha visto o typo. Na "Flora of Surinam", vol. IV. Convolvulaceae, S. J. Van Coststroom cita a especie ainda como *Maripa passifloroides*, evidentemente por falta do conhecimento do fructo. Elle, porém, não accêita o nome *Mouroucoa*, conforme se deprehende da obra citada pag. 70-71:

"*Maripa passifloroides* Benth. in Spruce. Pl. exsicc. obs.: Probably this species is the same as Aublet's *Mouroucoa violacea*; the fruit and seeds of B. W. 6620 however differ from Aublet's description and figures. In the latter the fruit is ellipsoid at the base enclosed by the sepals, the seeds are semiellipsoid, and only 2 seeds are present."

Adolpho Ducke, em seu já citado trabalho, affirma, baseado nas estampas de Aubl., poder excluir a possibilidade de *Mouroucoa* ser a nossa planta; segundo o fructo figurado por Aubl., elle julga que poderá ser uma *Maripa* verdadeira. Nos trabalhos de Aubl. ha frequente confusão quanto a fructos e flores; podem ser citados, entre outros, os casos *Minquertia guianensis* e *Coupoi aquatica*, etc.

Fernando Silveira.

FLORAÇÃO DA PRIMAVERA

Proseguindo na publicação da lista phenologica sazonal, damos, a seguir, a relação das plantas que florescem durante a primavera.

Doravante, além dos nomes scientificos, incluiremos os das respectivas familias botanicas.

Agapanthus umbellatus L. Herit. — Liliacea — Nome vulgar "agapantho". Herbacea. Flores de coloração azul intensa. Muito ornamental. Originario do Sul da Africa.

Albizzia lebbek Benth. — Leguminosa (Mimos.) — Nomes vulgares: "pau-negro", "ebano oriental", "guajessara", "coração negro". Arvore. Oriunda das regiões tropicaes.

Allamanda blanchetti A. DC. — Apocynacea — Arbusto escandente. Flores roxas. Ornamental — Brasileira.

Allamanda nobilis T. Moore. — Apocynacea. Trepadeira. Grandes flores amarellas, aromaticas. Ornamental. Brasileira.

Allamanda Schottii Pohl — Apocynacea. Trepadeira. Flores amarellas. Ornamental. Brasileira.

Allium Schoenoprasum L. — Liliacea. Flores vermelhas. Regiões temperadas.

Alpinia galanga Willd — Zingiberacea. Herbacea. Flor lilás. Asia-tica.

Alpinia speciosa (Wendl) K. Schum. — Zingiberacea. Flor de coloração branca com petalas alaranjadas. Originaria das Indias.

Ardisia solanacea Roxb. — Myrsinacea. Arbusto. Flores roseas. Ornamental pelo aspecto e abundancia da fructificação. Originaria da I. Oriental.

Averrhoa carambola — L. — Oxalidacea. Nome vulgar: "carambola". Arvore. Flores pequeninas roxeadas. Fructos comestiveis. Originaria da China e Indias Orientaes.

- Bauhinia racemosa* Lam. — Leguminosa (Caesalp.) Arvore. Flores azues.
- Calliandra brevipes* Benth. — Leguminosa (Mimos.). Arbusto. Floração intensa, rosa, rosea e branca, de bello effeito. Ornamental tambem devido á belleza da folhagem. A planta floresce muitas vezes por anno e é propria do nosso paiz.
- Cassia drepanophylla* Benth. — Leguminosa (Caesalp.) Flores amarello-ouro. Brasil.
- Cassia fastuosa* Willd — Leguminosa (Caesalp.). Nome vulgar: "baratinha". Arvore. Floração em lindos cachos amarellos. Odorante. Brasil.
- Cassia ferruginea* Schrad — Leguminosa (Caesalp.). Nomes vulgares: "Cana prista", "cana-fistula". Arvore. Flores amarello-ouro, em cachos pendentes. Odorante. Brasileira.
- Cassia grandis* Lin. f. — Leguminosa (Caesalp.). Nome vulgar: "Canafistula". Arvore. Flores roseo arroxeadas, abundantes. Brasileira.
- Cassia leptophylla* Vog. — Leguminosa (Caesalp.). Arvore. Floração rosea, abundante. Muito ornamental. Brasileira.
- Clausena excavata* Brum. — Rutacea. Flores pequeninas, amarello-claro. Indias orientaes, Malaya.
- Clerodendron fallax* Lindl. — Verbenacea. Nome vulgar: "flor de coral". Arbusto. Floração encarnada, bonita. Originaria de Java.
- Clerodendron tomentosum* R. Br. — Verbenacea. Trepadeira. Flores vermelhas, de sepalas cor de creme. Originaria da Australia. Floresce duas vezes por anno.
- Clusia grandiflora* Splitz — Guttifera. Nome vulgar: "cebola grande da matta". Arvore. Flores lindas, grandes, roseas, com aspecto de porcellana. Brasileira.
- Combretum coccineum* Lam. — Combretacea. Trepadeira. Flores vermelhas. Madagascar.
- Couroupita guianensis* Aubl. — Lecythidacea. Nomes vulgares: "abricó de macaco", "castanha de macaco". Arvore frondosa. Floração intensa em ramos eriçados pelo tronco. Flores grandes, bonitas, carnosas, roseas. Brasil e Guyanas.
- Crotalaria vitellina* Ker. Gaul. — Leguminosa (Papil.). Nome vulgar: "Manduruvá pequena". Flores amarellas. Brasil.

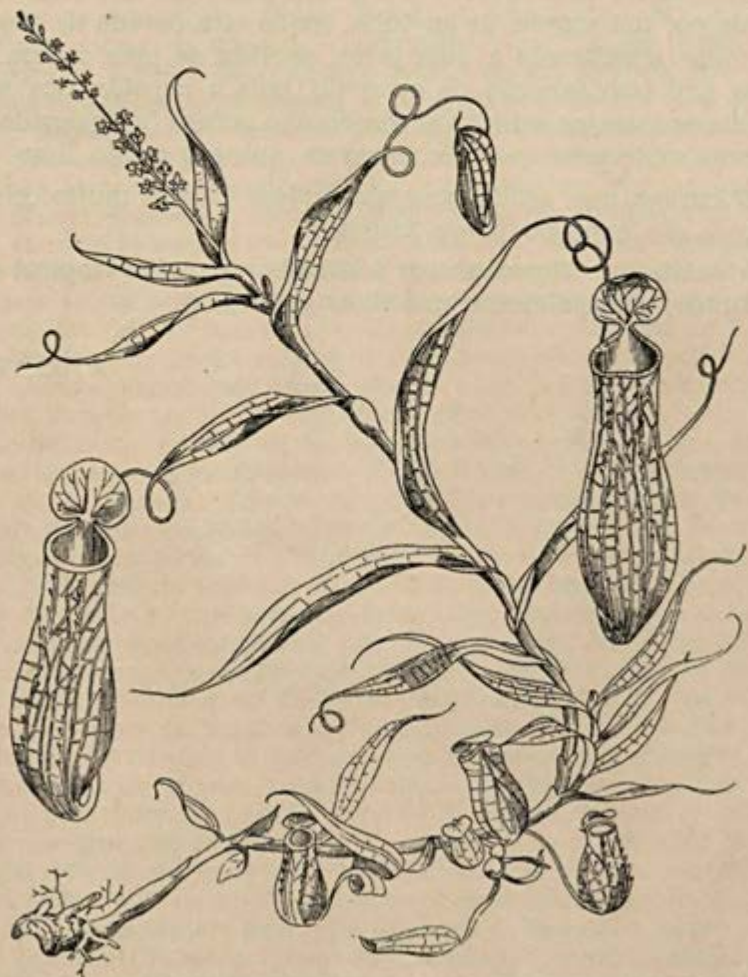
- Cyrtopodium punctatum* Lindl. — Orchidacea. Nomes vulgares: "Sumaré", "Rabo de tatú", "bisturi do matto". Herbacea. Grandes cachos com flores pequenas, amarello-marrom, muito bonitos. Ornamental. Brasil.
- Dioclea macrantha* Hub. — Leguminosa (Papil.). Trepadeira. Flores roxas. Brasil.
- Entada scandens* Benth. — Leguminosa (Mimos.). Trepadeira. Floração em cachos amarelos. Brasil.
- Episcia cupreata* Hausskn. — Gesneriaceae. Herbacea. Ornamental por sua folhagem matisada cor de cobre. Originaria de Nicaragua.
- Erythrina indica* Lam. — Leguminosa (Papil.). Arvore. Flores vermelhas. Asia tropical.
- Esenbeckia leocarpa* Eugl. — Rutacea. Nome vulgar: "guaratan". Arvore. Floração branca. Brasil e Chile.
- Eugenia brasiliensis* Lam. — Myrtacea. Nome vulgar: "grumixama". Arvore. Flores pequenas, branco-amarelladas. Fructos comestiveis. Brasil.
- Gladiolus communis* L. — Iridacea. Herbacea. Flores roseas, em pendões. Ornamental. Europa.
- Helicteres sacarrolha* A. Juss. — Sterculiaceae. Nome vulgar: "sacarrolha". Curiosa pelo fructo de formato helicoidal. Brasil.
- Hæmanthus coccineus* Lin. — Amaryllidaceae. Nome vulgar: "Coroa de Moçambique". Herbacea. Flores vermelhas cujas hastes surgem do solo após desaparecimento das folhas. Ornamental. Africa austral.
- Hemerocallis aurantiaca* Bak var. *major* Bak — Liliaceae. Herbacea. Floração em pendões. Flores grandes amarellas, bonitas. Originaria do Japão.
- Hemerocallis fulva* L. — Liliaceae. Herbacea. Flores cor de abóbora, grandes, bonitas. Originaria da Asia.
- Hoya carnosa* R. Br. — Asclepiadaceae. Nome vulgar: "flor de cera". Trepadeira. Flores pequenas da cor e consistencia da cêra. Asia tropical e Austrália.
- Impatiens balsamina* L. — Balsaminaceae. Nome vulgar: "beijo de frade". Herbacea. Cores variadas. India.
- Inga cordistipula* Mart. — Leguminosa (Mimos.). Floração branca. Brasil.
- Ixora alba* L. — Rubiaceae. Arbusto. Flores alvas bonitas, ornamentaes. Originaria das Indias Orientaes.
- Ixora odorata* Hook — Rubiaceae. Semelhante á anterior porem de flores maiores, rosadas e aromaticas. Africa.

- Jacaranda semiserrata* Cham. — Bignoniaceae. Nomes vulgares: "Caroba do matto", "Carobo". Flores roxas. Brasil.
- Jasminum sambac* Soland. — Oleaceae. Branca. Asia tropical.
- Jatropha podagrica* Hook. — Euphorbiaceae. Nome vulgar: "batata do inferno". Pequeno arbusto. Flores pequenas, vermelho claro, abundantes. Ornamental. Floresce varias vezes por anno. Panamá.
- Kaempferia galanga* L. — Zingiberaceae. Nome vulgar: "Cananga do Japão". Herbacea. Flores grandes, delicadas, roseo arroxeadas, surgindo do solo após desaparecimento completo das folhas. Ornamental. Asiatica.
- Kigelia aethiopica* Decne — Bignoniaceae. Arvore. Floração em grandes cachos pendentes. Flores grandes de cor vermelho carne, bonitas. Africa.
- Lagerstroemia flos-reginae* Retz — Lythraceae. Arvore. Floração em grandes cachos, erectos, abundantes, roseo-violaceos. Muito bonita. Asia tropical.
- Lecythis pisonis* Cambess. — Lecythidaceae. Nome vulgar: "Sapucaia". Arvore. Floração intensa, branco-roseo. Fructos grandes, lenhosos. Brasil.
- Lilium longiflorum* Thunb. — Liliaceae. Nome vulgar: "palma de S. José". Branca. China e Japão.
- Lippia lycioides* Steud. — Verbenaceae. Nome vulgar: "cedron". Arbusto. Floração em cachos brancos muito aromaticos. Brasil.
- Lundia nitidula* A. D. D. — Bignoniaceae. Branca ligeiramente rosada. Brasil.
- Malpighia coccigera* L. — Malpighiaceae. Arbusto. Flores pequenas, brancas (ligeiramente roseas) abundantes. Ornamental. Originaria das Indias occidentaes.
- Mauritia flexuosa* L. f. — Palmaceae. Nomes vulgares: "Merity", "arvore da vida". Grande palmeira, folhas largas, elegantes. Floração em enormes cachos amarelllos. Brasil.
- Metternichia principis* Mik. — Solanaceae. Arbusto. Floração branca. Brasil.
- Nelumbo nucifera* Gaertn. — Nymphaeaceae. Nome vulgar: lotus. Herbacea, aquatica. Flores grandes, brancas e roseas. Originaria do Egypto.
- Nolina recurvata* Memsl. — Liliaceae — Branca. Mexico.
- Pavonia spinifix* Cav. — Malvaceae. Nome vulgar: "arranca estrepe". Amarella. Brasil.
- Peireskia grandifolia* Haw. — Cactaceae. Arbusto. Flores roseas, bonitas. Ornamental. Colombia.

- Petreaa volubilis* Jacq. — Verbenacea. Nome vulgar: "flor de viuva". Trepadeira. Floração em cachos azul violaceos. Floresce varias vezes por anno. Brasileira.
- Plathymenia foliolosa* Benth. — Leguminosa (Mimos.). Nome vulgar: "Vinhatico do campo". Arvore frondosa. Flores pequenas, pardas. Brasil.
- Plumiera tricolor* Ruiz e Pav. — Apocynacea. Flores amarello-claro-laranja e vermelho. Originaria da America tropical.
- Poinciana regia* Boj. — Leguminosa (Caesalp.) Nome vulgar: "flamboyant". Arvore. Bella floração vermelha. Originaria de Madagascar.
- Psychotria alba* Ruiz et Pav. — Rubiaceae. Arbusto. Flores alvas. Brasil.
- Quassia amara* L. — Simarubacea. Nome vulgar: "quassia". Flores vermelhas. Guyanas.
- Quisqualis indica* L. — Combretacea. — Trepadeira. Flores vermelhas, aromaticas. Originaria da Asia tropical.
- Sinningia speciosa* (Lodd) Benth e Hook — Gesneriaceae — Nome vulgar: "gloxinia". Herbacea. Flores roxas, bonitas. Brasil.
- Spathiphyllum cannifolium* Schott. — Aracea. Herbacea. Flores pequenas e spatha alva. Brasil.
- Spiraea chamædrifolia* L. — Rosacea. Nomes vulgares: "Bouquet de noiva", "flor de noiva". Arbusto. Flores alvas. Europa oriental e Asia boreal.
- Stromanthe sanguinea* Sond. — Marantacea. Vermelha. Brasil.
- Tibouchina holosericea* Baill — Melastomatacea. Nome vulgar: "orelha de urso". Flores roxas. Brasil.
- Tibouchina maximiliana* Baill — Melastomatacea. Flores roxas. Brasil.
- Tibouchina mutabilis* Cogn. — Melastomatacea. Arvore. Flores grandes, roxas, que passam depois a branco-violaceo. Brasil.
- Tibouchina pulchra* Cogn. — Melastomatacea. Brasil.

NEPENTHES

De ha muito vinha a direcção do Jardim Botânico tentando adquirir exemplares vivos de plantas pertencentes á familia das *Nepenthaceas*, para enriquecimento de sua collecção viva, mas, infelizmente sem resultado.



Nepenthes gracilis Korthals. (Desenho reproduzido do Engler Pflanzenfamilien)

Depois da visita do Dr. Pilger, vice-director do Jardim Botânico de Berlim-Dahlem, que aqui veio para assistir á inauguração do monumento de Martius, entre outras cousas conseguidas pelo grande intercambio scientifico advindo dessa visita, recebeu o Jardim varios exemplares de *Nepenthaceas*, vindas pelo dirigivel "Graf Zeppelin", que, graças á rapidez da viagem, aqui chegaram em boas condições de sanidade.

A familia em apreço é uma das mais interessantes do reino vegetal.

Morphologica e physiologicamente curiosos, os representantes dessa familia, possuem em suas folhas um aparelho destinado ao aprisionamento de insectos. A nervura principal das folhas é terminada por um especie de gavinha, sendo esta dotada de uma capsula foliar semelhante a uma jarra, provida de uma tampa. Essa tampa não tem função de operculo, pois a capsula fica sempre aberta e os insectos cahidos ao fundo não podem fugir devido a não poderem subir pelas paredes internas, que são muito lisas.

E' curioso que, sendo esses appendices foliares muito coloridos, as flores são contudo pouco vistosas.

A patria das *Nepenthaceas* é situada na região tropical do Velho-Mundo, especialmente nas ilhas Sunda.

A. C. B.

O Brasil possui o melhor Jardim tropical do mundo. A collaboração do publico contribuirá para conservar esse conceito.

MONUMENTO Á MEMORIA DE AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE

Inauguração, a 25 de Junho, do corrente anno, em commemoração do tricentenário do "Muséum d'Histoire Naturelle" de Paris.

Com a presença do Sr. Ministro da Agricultura, Sr. Dr. Odilon Braga; Embaixador da França, Sr. Louis Hermite e Exma. Sra.: Sr. A. Leal Costa, representando o Ministro da Educação; Srs. Calmon Brito, pelo Sr. Ministro de Justiça; Roberto Doyle Maia, pelo Sr. Prefeito, Pedro Ernesto; Luiz Pisa Sobrinho, Secretario da Agricultura do Estado de S. Paulo; Humberto Bruno, Director Geral do Departamento Nacional da Produção Vegetal; Professor Leitão da Cunha, Reitor da Universidade do Rio de Janeiro; João Mauricio Medeiros, Director do Serviço de Plantas Texteis; Raphael Xavier, Director do Serviço de Estatística do Ministerio da Agricultura; Geraldo Peixoto, Aurino Moraes e Lahyr Tostes, do Gabinete do Ministro da Agricultura; Sr. Embaixador do Mexico e Exma. Sra.; Sr. Otto Elberl, pela Legação da Allemanha; Sr. Amelio Faccioli Grimani, pela Legação da Austria; A. Henaut, Presidente do Comité Français do Rio de Janeiro; Floriano de Lemos e Tenente João Vieira de Mello, pelo Centro Carioca; Ariosto Berna, pelo Museu Historico da Cidade; Alberto Betim Paes Leme, Director do Museu Nacional; Alberto José Sampaio, pela Academia de Sciencias do Rio de Janeiro; Consul da França, Sr. Henry Guayraud; Conselheiro da Embaixada Franceza; Major Juarez Tavora, ex-Ministro da Agricultura; Tenente Escudero, pelo General Lucio Esteves, Commandante da Policia Militar; Professor Felix Rawitcher, pela Faculdade de Philosophia e Sciencias da Universidade de S. Paulo; Paulo José Pires Brandão, pelo Instituto Historico de Ouro Preto; Maurice Offenbach, pela Chambre Française de Commerce du Brésil; José Marianno, pelo Conselho Florestal Federal; representante da "Alliance Française"; Alexandre Girotto, pelo Laboratorio Chimico da Produção Mineral; David Azambuja, do Serviço de Mattas e Jardins da Prefeitura do Districto Federal; Estanislau Bousquet, pelo Club de Engenharia; representante da "Société Française de Bienfaisance"; Marquez de Barral, representante da "Air France"; Fernando Rodrigues da Silveira, pela Federação Nacional das Sociedades de Educação e pela Sociedade Carioca de Educação; Guilherme Guinle e Octavio Reis, membros honorarios do Jardim Botânico; Tenentes João Mattos de Almeida e Domingos Ferreira de Macedo, pelo Commandante do 2º Batalhão da Policia Militar; Sr. Mario Carneiro, ex-Ministro interino da Agricultura; Mathias de Oliveira Roxo, pela Academia de Sciencias; representante da "Companhia Chargeurs Réunis Sud-Atlantique"; e varias outras pessoas da elite social altos funcionarios federaes e municipaes, representantes da imprensa carioca, realizou-se a 25 de Junho, do corrente anno, ás 15 horas,

no Jardim Botânico, a annunciada homenagem a Auguste de St. Hilaire e ao Museu Nacional de Historia Natural de Paris, com a inauguração da herma daquelle naturalista.

A solennidade, que se revestiu do maior brillantismo, iniciou-se com o discurso do Sr. Campos Porto, Director do I.B.V., que teve oportunidade de enaltecer a obra realizada pelo "Jardin des Plantes", historiando todo o cyclo de existencia do actual "Muséum d'Histoire Naturelle" e falando acerca da vida de Auguste de Saint-Hilaire, considerado, em sua raça, um dos maiores amigos do Brasil.

Terminada a oração do Sr. Director do I.B.V. a banda de musica do Batalhão de Fuzileiros Navaes, que abrilhantou o acto inaugural, executou uma bella marcha, em continencia.

Em seguida o Director Campos Porto convidou a S. Excia. o Sr. Ministro da Agricultura para descerrar o monumento, que se achava coberto pelos pavilhões do Brasil e da França.

O Sr. Ministro Odilon Braga, em um gesto de requintada cortezia passou o cordão que faria cahir a bandeira franceza, á Sra. Embaixatriz de França, ao passo que se incumbia da parte referente á flammula nacional.

Desse modo foi revelada a effigie de Saint-Hilaire, ao som de uma marcha militar e entusiasticos applausos.

Em seguida tomou a palavra o Professor Alberto José Sampaio, Professor de Botanica do Museu Nacional, falando em nome da Academia Brasileira de Sciencias e do Museu Nacional.

Terminada, sob intensa salva de palmas, a oração do Professor Sampaio, pediu a palavra o Sr. Embaixador da França, Sr. Louis Hermite, que em breves e commovidas palavras, de improviso, agradecendo a homenagem prestada ao seu compatriota, disse da satisfação de que se sentia possuido ao ver tão bem representada no momento, a sociedade brasileira e manifestou sinceramente a agradável surpresa que lhe causara a recepção do convite para tão justa commemoração e que estava certo da satisfação que causará ao Governo e ao povo do seu paiz a noticia de tão sympathico gesto de cordialidade entre as duas nações.

Disse mais que reconhecia, conforme affirmaram os oradores que o antecederam, que St. Hilaire era merecedor da gratidão do nosso povo, porquanto havia sido elle verdadeiramente brasileiro de coração. Relembrando o valor da obra realizada pelo naturalista homenageado, procurou succintamente reiterar quão util tem ella sido á humanidade e, para terminar, teceu um hymno de louvor á feliz escolha do local para a herma, talqualmente a de Pasteur, situada esta em local grandemente movimentado de nossa urbs, e a de St. Hilaire no soberbo parque botânico, diariamente visitado por centenas de pessoas cultas e de todas as nacionalidades. Ainda sobre a localização do busto dentro do Jardim Botânico, elogiou sua situação em ponto principal de sua melhor alameda, accrescentando o quanto isso agradará aos seus compatriotas que nos visitarem.

A breve e sympathica allocução do Sr. Embaixador de França causou magnifica impressão ao auditorio, traduzida pelos eloquentes applausos com que foi encerrada. Ninguém mais querendo fazer uso da palavra foi encerrada a cerimonia.

É digna de registrar-se a offerta feita pela Colonia franceza, aqui domiciliada, de uma elegante "corbeille" de cravos com as côres nacionaes e

francezas, enlaçada por fitas dessas mesmas côres, com os seguintes dizeres em letras doiradas: "Hommage de la Colonie Française". Também a Sra. Embaixatriz da França depositou ao pé do monumento um bello ramalhete de rosas, igualmente amarrado por fitas com as tintas das bandeiras brasileira e franceza.

O distincto artista Humberto Cozzo, a cujo habil cinzel foi confiada a confecção do busto inaugurado, esteve presente ao acto.

A direcção do Jardim Botânico fez distribuir entre as pessoas presentes, como lembrança, postaes com a photographia do monumento, artisticamente feitos na typographia da Directoria de Estatistica da Producção. Diversas empresas cinematographicas apanharam aspectos da cerimonia.

MINISTRO NAPOLEÃO REYS

A 24 de julho do corrente anno falleceu, nesta Capital, o Sr. Ministro Napoleão Reis, um dos mais devotados apreciadores e collaboradores do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, para o qual constantemente trazia sementes e mudas de plantas da flora mineira, e grande amigo do saudoso botânico Barbosa Rodrigues.

Nascido no Estado de Minas Geraes, e vindo para o Rio, pôde Napoleão Reis elevar-se a posições do maior destaque, servindo ao Paiz em sectores varios do magisterio e da diplomacia, tendo sido ministro plenipotenciario do Brasil na China e no Japão, além de ter exercido o cargo de Consul geral do Itamaraty.

Como traço marcante de sua vida assignala-se a dedicação que sempre teve pelo desenvolvimento da cultura popular, tendo fundado e organizado, em sua terra natal, uma Bibliotheca que chegou a ter 26.000 volumes.

Esta Revista, registrando o passamento de Napoleão Reis, não visa apenas fazer um necrologio pragmatico, mas assignalar o grande pezar com que o Jardim Botânico recebeu a infausta noticia da perda de um de seus mais antigos amigos.

VIAGEM DO DIRECTOR DO I. B. V. À ARGENTINA, URUGUAY E RIO GRANDE DO SUL

Integrando a comitiva do Sr. Ministro da Agricultura, que foi assistir á inauguração das exposições de gado em Palermo e Prado, respectivamente na Argentina e no Uruguay, partiu para esses paizes, a 9 de agosto passado, o Director do I. B. V., que teve oportunidade de visitar os Institutos congeneres daquelles dois paizes e do Estado do Rio Grande do Sul, regressando ao Rio a 5 de setembro, após proveitosa viagem de aproximação scientifica internacional.

Em sua ausencia serviu como Director deste Instituto o Dr. Carlos de Souza Duarte, d. Director do Serviço do Fomento da

Produção, que assumiu o exercício de substituto em 9 de agosto, na presença do funcionalismo do Instituto de Biologia Vegetal, para o qual teve palavras do mais cordial incitamento ao desenvolvimento das actividades que neste Instituto se processam.

ORCHIDEARIO

Desde o mez de Janeiro, deste anno, tem sido consideravel o augmento de nossas orchidaceas; os exemplares incorporados á collecção procedem de varios Estados, sendo uma parte adquirida pelo Jardim Botânico e outra offertada por benemeritos amadores. Damos a seguir a lista explicativa, de Janeiro de 1935 até o mez corrente:

- 10 exemplares de *Vanda teres*, offerecidos pelo Dr. Henrique Aragão.
- 47 exemplares diversos, adquiridos por compra, procedentes de Petropolis e do Paraná.
- 24 exemplares de hybrido, adquiridos por compra, procedentes da Inglaterra.
- 413 exemplares diversos, colhidos pelo pessoal do Jardim, no Districto Federal, em Minas. e no Espirito Santo.
- 872 exemplares diversos, offerecidos pelo Sr. José Maria de Carvalho, procedentes de Minas e do Espirito Santo.
- 39 exemplares diversos, offerecidos pelo Sr. Octavio Reis, procedentes de Minas.
- 200 exemplares diversos, offerecidos pelo Sr. Agostinho Giroto.
- 65 exemplares diversos, collectados pelo Sr. A. C. Brade.
- 2 exemplares diversos, collectados pelo Sr. Otto Voll.
- 6 exemplares diversos, collectados pelo Sr. B. Carriz, procedentes do H. Florestal.
- 8 exemplares diversos, collectados por P. Parreiras Horta, procedentes de Minas.
- 1 exemplar, offerecido pelo Sr. Constancio Carcerelli, procedente do Amazonas.
- 2 exemplares diversos, offerecidos pelo Sr. G. Guinle.
- 8 exemplares diversos, offerecidos pelo Sr. Leonam de A. Penna, procedentes de Minas.
- 24 exemplares diversos, offerecidos pelo Senador Nero Macedo, procedentes de Goyaz.
- 90 exemplares diversos, offerecidos, pelo Sr. Hatschbach, procedentes de Paranaguá.
- 150 exemplares diversos, offerecidos pelo Sr. Santos Lima, procedentes de Santa Maria Magdalena.
- 279 exemplares diversos, collectados pelo Sr. P. Campos Porto, procedentes de Cabo Frio.
- 20 exemplares diversos, offerecidos pelo Sr. Nicolas Bendia, procedentes de Minas.

A VISITA DA DRA. ANNE E. JENKINS AO INSTITUTO E AO JARDIM BOTANICO

De passagem por esta Capital, visitou-nos em 27 de setembro do corrente anno, a Doutora Anne E. Jenkins, conhecida phytopathologista americana, autora de numerosos trabalhos scientificos. O objectivo principal de sua viagem ao Brasil é o de trazer a sua valiosa collaboração ao Instituto Biologico de S. Paulo no estudo da "sarna" dos Citrus, doença causada por fungos do genero *Sphaceloma*, no qual é hoje, incontestavelmente, a maior autoridade mundial.

Diplomada em Sciencias pela Universidade de Cornell, a Dra. Jenkins desempenha actualmente o cargo de phytopathologista associada do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Os seus trabalhos principaes versam sobre o gen. *Sphaceloma* e respectivas "sarnas", assignaladas em numerosas plantas economicas, entre as quaes convem salientar a laranja dôce, muito susceptivel ao ataque do fungo.

E' grande a lista de trabalhos publicados pela Dra. Jenkins, especialmente nas seguintes revistas: "Journal of Agricultural Research", "Mycologia", "Phytopathology", e "Plant Disease Reporter".

Após a visita feita ao nosso Instituto, a Dra. Jenkins teve a oportunidade de emittir lisonjeiros conceitos sobre a organização da Secção de Phytopathologia e Jardim Botanico.

MATERIAL BOTANICO RECEBIDO PELA SECÇÃO DE BOTANICA DO I. B. V. PARA IDENTIFICAR

1) Remessa do Sr. Joaquim dos Santos Lima — Sta. M. Magdalena — E. do Rio, 41 especies de 25 familias diversas.

2) Remessa da Estação Experimental de Agricultura de Belo Horizonte. Material entregue pelo Sr. Mello Barreto. 14 especimens de Styracaceas, 10 especimens de Symplocaceas, 11 especimens de Ericaceas — total 35 especimens.

3) Remessa da Inspectoria Florestal da Estrada de Ferro Central do Brasil. Entregue pelo Sr. G. Machado Nunes. 126 especies — 35 familias.

4) Remessa da Commissão de Serviços Complementares da Inspectoria F. O. Seccas — João Pessoa — Est. da Parahyba.

Entregue pelo Sr. José Augusto Trindade. 75 especies — 29 familias.

Todo o material acima estava bem preparado, especialmente o remetido pelo Sr. Gastão Nunes, da Inspectoria Florestal da E. F. C. B., que veio acompanhado de fructos de quasi todas as plantas, o que muito facilita a identificação.

O Herbario do Jardim Botanico foi grandemente enriquecido com o material das consultas supra-citadas e esperamos que de futuro estabelecimentos ou particulares de outras regiões brasileiras nos enviem collecções botanicas, para estudos, nas condições das que vimos de identificar.

Infelizmente não podemos no momento dar a classificação da totalidade dos especimens recebidos devido ao accumulo de serviços e a acharem-se ausentes, em commissões externas, os especialistas em Leguminosas, Lauraceas, varias outras familias arbo- ríferas e Gramineas.

CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITARIA

O curso de Phytopathologia que o I.B.V. instituiu sob os auspícios da Universidade do Rio de Janeiro, teve início no dia 5 de novembro, com a aula inaugural do Professor Heitor Vinicius da Silveira Grillo, às 14 horas na Escola Nacional de Agronomia.

Cooperarão no alludido curso os Srs. Diomedes W. Pacca e Nestor Fagundes, respectivamente Assistente do I.B.V. e Assistente-chefe do S.D.S.V. Estão inscriptos os seguintes candidatos:

Do S.D.S.V.: Assistentes Engenheiros Agronomos — Constancio do Valle Rego e José Soares Brandão Filho — Sub-Assistente Engenheiro Agronomo — Jefferson Firth Rangel. — Ajudantes Engenheiros Agronomos — Mario de Araujo Marques, Jalmirez Guimarães Gomes, J. B. de Medella e Silva e R. Pessoa Sobral.

Da Directoria de Fructicultura: Assistentes Engenheiros Agronomos — Tasso de Miranda e Luiz de Moura Brasil. — Sub-Assistente Engenheiro Agronomo — Odylo Porto Costa Lima. — Ajudantes Engenheiros Agronomos — Gastão Vieira e José Augusto de Oliveira Gusmão.

Da Directoria do Ensino Agrícola: Sub-Assistente Engenheiro Agronomo — Paulo Luiz Pereira da Silva.

Do Serviço de Fomento Agrícola: Ajudante Engenheiro Agronomo — Rubens Benatar.

Do I. B. V.: Sub-Assistente Engenheiro Agronomo — Horacio Peres de Mattos. Ajudante Engenheiro Agronomo — Carlos Frederico Hasselmann.

Da E. N. A. Alumnos do 4º anno: Gualberto Gomes Jr., Herbert Mesquita Bastos, Marcos Canetti. Gilberto Mendes Carneiro, Hugo de Mesquita Vasconcellos, Carlos Taylor da Cunha e Mello, Marcello Brasileiro de Almeida, Armando Flores, Jorge Cronzelles de Abreu, Edmundo Mello, Theocles T. Souza Brasil e Nahum Isaac Klein.

Foi o seguinte o programma e horario desse curso:

5 — Novembro ás 14 horas: Prof. Dr. Heitor V. Silveira Grillo.

Apreciação geral sobre a Phytopathologia. Sua evolução. Generalidades sobre a natureza das doenças das plantas. Importancia economica.

Aula pratica: Dr. Diomedes Wallerstein Pacca. Microscopia.

7 — Novembro: Dr. Heitor V. Silveira Grillo.

Symptomatologia. Natureza dos symptomas. Etiologia. Historia e classificação dos agentes pathogenicos. Cyclo evolutivo.

Aula pratica:

Collecta e preparo do material phytopathologico. Herbario mycologico e phytopathologico.

12 — Novembro: Dr. Diomedes W. Pacca.

Technica dos exames microscopicos. Methodos de montagem. Technica geral de cortes.

14 — Novembro: Dr. Diomedes W. Pacca.

Meios de cultura. Technica geral das culturas.

19 — Novembro: Dr. Diomedes W. Pacca.

Methodos geraes de separação e caracterisação das bacterias e fungos. Inoculação.

21, 26 e 28 — Novembro e 10 e 12 de Dezembro: Dr. Heitor V. Silveira Grillo.

Morphologia e classificação dos fungos.

Aula pratica: Dr. Diomedes W. Pacca.

Exercícios sobre chaves de classificação.

17 — Dezembro:

Excursão a diversas culturas do Districto Federal, no auto-omnibus da Escola Nacional de Agronomia, partindo da Praia Vermelha, ás 7 horas da manhã.

19 e 23 — Dezembro: Dr. Nestor Barcellos Fagundes.

Prophylaxia e tratamento das doenças das plantas.

26 — Dezembro: Dr. Nestor B. Fagundes.

Visita á fabrica de calda sulfo-calcica, no caes do Porto.

30 — Dezembro:

Excursão a culturas do Districto Federal, no auto-omnibus da Escola N. de Agronomia partindo ás 7 horas da manhã da Praia Vermelha.

HORARIO DE ABERTURA

O Jardim Botânico do Rio de Janeiro obedece ao seguinte horário para abertura e fechamento de seus portões indifferentemente nos domingos, feriados e dias uteis:

- a) de 1º de abril a 31 de outubro das 7,30 ás 17,30.
- b) de 1º de novembro a 31 março das 7 h. ás 18,30.

O ingresso ás estufas e viveiros é sómente permittido nos dias uteis e ás pessoas munidas de licença especial ou aos membros benemeritos, doadores e annuaes do Jardim Botânico, de accôrdo com o Regulamento actual.



Professoras e alumnos da "Escola Brasileira-Allemã" de Joinville, que visitaram o Jardim Botânico em Agosto do corrente anno (S. Lahera photo.)

OFFERTA DE INSECTOS

A Secção de Entomologia recebeu do Dr. Oscar Monte uma offerta de alguns insectos interessantes, dos quaes alguns não figuravam ainda em nossas collecções. O material acima referido consta do seguinte:

6 exemplares de *Leptophasa manihotae* Drak. Tingitideo que vive em mandioca; 2 exemplares de *Tomoplagia rudolphi* Lutz & Lima. 6 exemplares de *Horismenus bisulcus* Ashmead. (Hymenoptero Chalcidideo). 2 exemplares de um lepidoptero noctulideo *Iscadia* (nova especie) e 2 exemplares de um micro-lepidoptero *Fundella pellucens* Zell.

MATERIAL ENTOMOLOGICO IDENTIFICADO

A secção de Entomologia recebeu do Dr. Oscar Monte uma remessa de insectos que foram identificados pelo Sub-Assistente Dario Mendes, conforme a relação seguinte:

Fam. LAMIIDAE — *Colobothea brullei* Gah.; *Myoxomorpha vidua* Lacord.; *Alphus tuberosus* Germ.; *Lepturges fasciculatus* Melz.; *Aerenica hirticornis* Klugvar.; *Estolodercus navarroii* Melz. (2 exemplares).

Fam. CERAMBYCIDAE *Mallocera umbrosa* Goun.; *Neoclytus olivaceus* Cast. et Gory; *Criodion dejeani* Gah.; *Criodion quadrimaculatum* Gah. var; *Nephalius diabolicus* Lameere.; *Sphaerion myrrheum* Goun.; *Hamaticherus lacordairei* Gah.; *Elaphidion elegans* Chev.; *Mallosoma zonatum* Sahlb. var *fuliginus* Newm.; *Trachelissa maculicollis* Serv. var.

Por intermedio do Director deste Instituto, recebeu tambem uma remessa de insectos Cerambycideos de S. Paulo, enviados pelo Sr. Conde Amadeu A. Barbiellini, para serem estudados. O material foi confiado ao Sub-Assistente Dario Mendes, que o identificou segundo a informação seguinte:

"O material remetido pelo Sr. Conde Amadeu A. Barbiellini, consta de 54 exemplares de Cerambycideos representados por 38 especies, das quaes sómente 3 não puderam ser identificadas uma por se achar em más condições para estudo, as demais por não se achar ainda, o respectivo grupo organizado. Fiquei com um exemplar de *Cyllene chalybeata* White, para ser incorporado á collecção deste Instituto. O restante do material foi devolvido rotulado conforme a relação abaixo.

Fam. CERAMBYCIDAE, Subfam. Prioninae — *Stenodontes spinibarbis* L.; *Pyrodes nitidus* Fabr.

Subfam. Lamiinae — *Hypselomus cristatus* Perty; *Onychocerus aculeicornis* Kirby; *Acanthoderes nigricans* Lameere; *Hypsioma gibber* Serv.; *Oncideres* (*Lochmaeodes*) *fasciata* Lucas. *Oncideres gibbosa* Thoms.; *Oncideres aegrota* Thomas.; *Oncideres ulcerosa* Germ.; *Rhaphiptera nodifera* Serv.; *Anisopodus canus* Bates; *Taeniotes scalaris* Fabr.; *Adesmus leseleuci* Auriv.; *Astyochus dorsalis* Germ.; *Colobothea similima* Auriv.; *Polygraphis spinipennis* Cast.; *Polygraphis grandini* Bug.

Subfam. Cerambycinae — *Cyllene chalybeata* White; *Mecometopus palmatus* Oliv.; *Rhinotragus dorsiger* Germ.; *Odontocera flavicauda* Bates.; *Odontocera dice* Newm.; *Poecilopeplus corallifer* Sturm.; *Coleoxestia*

waterhousei Goun.; *Coleoxestia globulicollis* Gah. *Sphallenum setosus* Germ.; *Hamaticherus lacordairei* Gah.; *Acyphoderes aurulenta* Kirby; *Trachyderes rufipes* Fabr.; *Eburodacrys sexmaculatus* Oliv.; *Achryson surinamum* L.; *Eurymerus eburioides* Serv.; *Eurysthea obliqua* Serv.; *Paromoeocerus barbicornis* Cast.”.

PROFESSOR DR. FELIPE SILVESTRI

Em agosto do anno corrente esteve no Rio de Janeiro o Professor Dr. F. Silvestri, por occasião de sua viagem scientifica á America do Sul. O principal objectivo do illustre entomologista italiano foi estudar parasitos de pragas da Agricultura, para o combate biologico em seu paiz.

O Prof. Silvestri foi acompanhado pelo auxiliar-technico da Secção de Entomologia Agricola Hugo de Souza Lopes, em excursão pelos arredores do Rio de Janeiro, colligindo para as collecções material constituido principalmente de Termitidae, Zoraptera, Thysanura etc., grupos de sua especialidade.

O Prof. Silvestri é membro honorario ou correspondente de 31 Instituições Scientificas, espalhadas por todo o mundo e já publicou mais de 360 memorias sobre Zoologia.

EXCURSÕES ENTOMOLOGICAS

Em setembro do corrente anno, o Sub-assistente D. Mendes, esteve, por duas vezes, em Jussaral — Angra dos Reis, Est. do Rio. A primeira vez de 20 a 23 e da segunda de 27 a 30 do referido mez. Segue abaixo a relação do material colligido, no referido local.

Coleoptera.	215	exemplares....	58	especies
Lepidoptera.	416	"	95	"
Hemiptera.	160	"	34	"
Diptera.	21	"	8	"
Orthoptera	85	"	15	"
Total	897	"	210	"

“RODRIGUÉSIA”

Não podemos deixar de mencionar o acolhimento cordial que teve a *Rodriguésia* nos meios cultos do nosso paiz e trazer a publi-

co os nossos agradecimentos a todos quantos pela Imprensa diaria ou periodica e por meio de cartas e cartões nos enviaram palavras de felicitações e de encorajamento. Na verdade, a maioria dos periodicos cariocas, bem como diversas associações do Districto Federal e dos Estados se manifestaram com palavras elogiosas ao empreendimento que o Jardim Botanico resolveu tomar, publicando esta revista cujos artigos procuram focalizar os assumptos de maior valia no momento.

SECÇÃO DE "ECOLOGIA AGRICOLA"

— Deu-se inicio á installação de pequeno laboratorio na estação ecologica de Deodoro, assim como ao estudo da flora microbiana da área experimental da referida estação.

— O Assistente-chefe A. O. Franco foi designado pelo Sr. Ministro da Agricultura para representar a Secção de Ecologia na Conferencia Sul Americana de Meteorologia, a realizar-se nesta Capital, sob os auspicios do Ministerio do Exterior.

— A Secção está realizando ensaios sobre as provaveis correlações entre as produções de culturas economicas e as variações do meio ambiente, com o intuito de estabelecer as bases para a estimativa de safras.

VISITANTES

Uma turma de 40 alumnos, de ambos os sexos, da Escola Brasileira-Allema de Joinville (Santa Catharina), chefiada pelos Professores Richter e Isolde Lepper, visitou o Jardim Botanico, em 10 de agosto do corrente anno.

Previamente avisado dessa visita, o Sr. Superintendente do Jardim poudo acompanhar os excursionistas, mostrando-lhes os principaes pontos do parque botanico e ministrando-lhes explicações e ensinamentos interessantes.

GUIA DOS VISITANTES E CATALOGO DAS PLANTAS AMAZONICAS DO JARDIM BOTANICO

Estando quasi terminada a revisão das Secções e remodelação do Jardim Botanico, acha-se em adeantada elaboraçāo uma nova

edição do "Guia dos Visitantes", contendo todas as indicações uteis aos interessados, como sejam: moderna planta geral do parque; listas das plantas nelle existentes por familias, generos e nomes vulgares; indicações claras da localização de cada uma no Jardim, etc.

Concomitantemente está sendo organizado um catalogo especial das plantas oriundas da região amazonica e cultivadas no Jardim Botanico, a ser dado á publicidade dentro em breve.

EXCURSÃO Á AMAZONIA

Em 28 de julho do corrente anno seguiu para a região amazonica, o assistente-chefe da Secção de Botanica Sr. Adolpho Ducke, que se tem especializado no estudo da flora daquella rica região septentrional brasileira.

Além da Missão Botanica, que constitue a principal finalidade da viagem, vae o Sr. Ducke tomar parte na Commissão de Limites do Sector Norte para demarcação da nossa fronteira com as Guyanas Hollandesa e Britannica, para a qual foi designado pelo Sr. Ministro das Relações Exteriores, Sr. Macedo Soares, designação que grandes proveitos trará á excursão vigente, pelas facilidades que a Commissão de Limites poderá emprestar aos trabalhos do Sr. Ducke.

Nessa excursão, que terá longa duração, seguiu como auxiliar do Botanico o jardineiro do Jardim Botanico, Constancio Carcerelli.



Xochipilli, o "Deus das flores", offerta de S. Excia. o Embaixador
Alfonso Reyes ao Jardim Botânico.